

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

**JOYCE MARIA SANDES DA SILVA**

**A CATEGORIA VERBAL EM INTERLÍNGUA PORTUGÊS-LIBRAS:  
AQUISIÇÃO DA MODALIDADE ESCRITA DO PORTUGUÊS POR SURDOS**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA**

**2016**

**JOYCE MARIA SANDES DA SILVA**

**A CATEGORIA VERBAL EM INTERLÍNGUA PORTUGÊS-LIBRAS:  
AQUISIÇÃO DA MODALIDADE ESCRITA DO PORTUGUÊS POR SURDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira.

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA**

**2016**

Silva, Joyce Maria Sandes da

S581c A categoria verbal em interlíngua Português-Libras: aquisição da modalidade escrita do português para surdos / Joyce Maria Sandes da Silva; orientadora: Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira. -- Vitória da Conquista, 2016.  
128 f.: il.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2016.  
Referências: f. 110-112.

1. Aquisição da linguagem – Pessoas surdas. 2. Interlíngua. 3. Categoria verbal. 4. Libras. I. Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella Cardoso. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin. III. T.

CDD: 371.9120981

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890  
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

**Título em inglês:** The verbal category in Portuguese-Libras interlanguage: acquisition of the writing modality of Portuguese by deaf

**Palavras-chave em inglês:** Interlanguage. Acquisition of Second Language. Portuguese – Verbal Category. Deaf – Writing Acquisition. Gerativismo – Distributed Morphology.

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística

**Banca examinadora:** Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia (UESB); Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (UNB)

**Data da defesa:** 22 de agosto de 2016

**Programa de Pós-Graduação:** Programa de Pós-Graduação em Linguística.

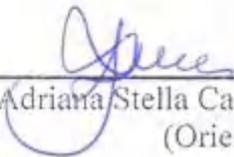
JOYCE MARIA SANDES DA SILVA

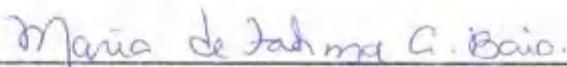
**A CATEGORIA VERBAL EM INTERLÍNGUA PORTUGÊS-LIBRAS:  
AQUISIÇÃO DA MODALIDADE ESCRITA DO PORTUGUÊS POR SURDOS**

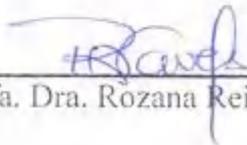
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 22 de agosto de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (UESB)  
(Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia (UESB)

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Rozana Reigota Naves (UnB)

**A Deus,**  
por ser o primeiro a sonhar com essa conquista.

## AGRADECIMENTOS

Difícil expressar com palavras a gratidão que tenho por todos aqueles que contribuíram com a minha chegada até aqui.

Agradeço a Deus que, em sua onipotência e soberania, me agraciou com o dom da vida após haver projetado um lindo propósito causador da minha existência, e por fazer com que, absolutamente, todas as coisas, de alguma forma, contribuíssem para o meu bem e para a realização do propósito por Ele arquitetado. Mas agradeço, acima de tudo, por, na condição de Pai, estar sempre ao meu lado e compartilhar de todos os momentos (sejam bons ou maus), por ser o meu amigo fiel, meu abrigo seguro e a minha maior inspiração para viver. Agradeço por me amar, por não poupar investimentos em mim e por nunca abortar a missão de me fazer feliz.

Agradeço à minha mãe, Joselita, por todo o seu amor e cuidados (mesmo exagerados), pelos seus mimos, seus conselhos, suas broncas, sua amizade, por sonhar comigo (mesmo os sonhos mais malucos) e por me impulsionar a chegar até aqui. Agradeço ao meu pai, João, pelo amor e cuidados, pela torcida e orações, por sempre investir em mim e acreditar que Deus me levará onde eu devo estar. Agradeço ao meu irmão, Carlos, pelo amor, por acreditar em minha potencialidade, por me ajudar quando preciso e por se alegrar com as minhas conquistas. Agradeço ao meu sobrinho, Victor, por alegrar os meus dias, por sempre se dispor a me “ajudar” a realizar esta pesquisa, por ser o principal revisor deste trabalho (mesmo ainda estando na idade pré-escolar) e pelo seu amor puro que tanto me encanta e conquista.

Agradeço à minha orientadora, Adriana, por todo empenho e comprometimento com a minha formação, por me ensinar não apenas com palavras, mas também com exemplos, por ser um referencial não apenas de uma profissional, mas de ser humano. Agradeço pela confiança, pelo carinho, pelo respeito, pelas valiosas orientações e pelo tempo e trabalho investidos em mim. Ser sua orientanda é, para mim, um enorme prazer e um grande privilégio.

Agradeço à minha professora e amiga, Marivalda, por acreditar e investir tempo e esforços em mim, por me mostrar que certas barreiras são possíveis de se transpor, por me ensinar o verdadeiro significado da palavra “inclusão”, por nunca aceitar menos do que o meu melhor, por sempre me fazer acreditar que o meu melhor ainda pode ser melhorado, por suas broncas e incentivos, por vibrar com as minhas conquistas, por projetar o meu futuro tão feericamente na certeza de que eu terei grandes conquistas, as quais eu nunca imaginei (como essa). Agradeço também ao seu marido, Marco, por todo o carinho, pela torcida, pelo incentivo e por me permitir fazer parte de suas vidas.

Agradeço à minha mestra e amiga, Antonieta, por me acompanhar nessa caminhada desde o exame do vestibular, por sempre me ajudar no desenvolvimento dos trabalhos, por ser a mediadora para a obtenção de grande parte dos dados utilizados nessa pesquisa, por acreditar em minha capacidade, pelas dicas e incentivos e por alegrar a minha vida com sua personalidade incrivelmente carismática.

Agradeço aos meus pastores, Carlos e Marlene, por todo o amor, cuidados e carinho, pelas orações, pelos conselhos, pelos ensinamentos, pelo apoio e incentivo. Agradeço também a todos os meus amigos da 5ª Igreja do Evangelho Quadrangular pelas orações e torcida; em especial, agradeço à equipe de louvor por toda paciência com os meus horários apertados.

Agradeço à família “Sandes”, simplesmente, por serem tudo o que eles são. Tenho muito orgulho e me sinto muito agraciada por fazer parte dessa família. Agradeço também à minha família paterna que, mesmo de tão longe, torcem por mim.

Agradeço a todos os meus amigos, pois, de alguma forma, todos contribuíram para tornar esse momento possível. Mas, em especial, agradeço à minha amiga, Sâmella, que, mesmo morando tão longe, se fez tão perto em todos os momentos e sempre me apoiou com palavras e em oração. E à minha amiga, Mabel, pela sua amizade, amor, pelo seu jeito doce de me aconselhar e sempre me fazer sorrir.

Agradeço à UESB, em especial, ao corpo docente do DELL, por contribuir de forma tão significativa com a minha formação desde a graduação. Agradeço à coordenação do PPGLin por oportunizar a realização dessa pesquisa. Agradeço também à FAPESB, pelo financiamento dessa pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, agradeço às professoras doutoras Cristiane Namiut (UESB), Fátima Baia (UESB), Elisângela Gonçalves (UESB), Rozana Naves (UnB) e Heloísa Salles (UnB), por aceitarem ao nosso convite e por suas contribuições tão valiosas que enriqueceram esta pesquisa. E agradeço aos alunos surdos do Colégio Estadual Abdias Menezes e da Escola Municipal Paulo Freire Caic que, voluntariamente, forneceram os dados para a realização desta pesquisa.

Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.  
(Eclesiastes 9:10)

## RESUMO

O presente estudo objetiva investigar a categoria verbal no processo de aquisição da escrita do português por surdos brasileiros e pontuar os possíveis obstáculos que permeiam esse processo, considerando a língua brasileira de sinais (Libras), na modalidade falada, como a primeira língua (L1) dos surdos e o português, na modalidade escrita, como a língua alvo (L2). A partir de metodologia de análise de amostras de produção natural de língua escrita, procuramos descrever e analisar as ocorrências verbais convergentes e não convergentes com o PB encontradas em produções textuais de alunos surdos, a fim de compreender melhor o processo de aquisição da escrita de língua oral por surdos e ampliar o olhar sobre os problemas gramaticais de tais produções e possíveis reflexos da Libras sobre os mesmos. Conduzimos nossa investigação a partir de três hipóteses: (1) assumimos, conforme Kato (2005), que a aquisição da modalidade escrita é um processo de segunda ordem que se dá de forma muito similar ao processo de segunda língua (L2); (2) assumimos, ancoradas em Selinker (1972), a hipótese da interlíngua, de acordo com a qual a interlíngua, embora tenha em si propriedades inerentes tanto à língua materna quanto à língua alvo, difere sistematicamente de ambas as línguas; (3) com base no conjunto de traços de Cowper (2003), discutido por Freitag (2005), formulamos a hipótese de que a aquisição imperfeita do traço [Evento], relativamente ao sistema do português, seja a principal causa da falta de convergência entre os dados da interlíngua e a estrutura do português em sua modalidade escrita. A análise dos dados de interlíngua escrita produzidos pelos sujeitos-informantes nos permitiu constatar a natureza de estruturas gramaticais não convergentes com o PB frequentemente encontradas em produções textuais de surdos brasileiros aprendizes de português como L2. Verificamos que a natureza gramatical de tais problemas envolve desde a escolha lexical do verbo com traços mais apropriados até a composição da estrutura argumental, no que se refere ao número de argumentos e à seleção categorial.

## PALAVRAS-CHAVE

Interlíngua Aquisição de segunda língua. Português - Categoria Verbal. Surdo - Aquisição de Escrita. Gerativismo - Morfologia Distribuída.

## **ABSTRACT**

This research aims at investigating the verbal category in the process of writing acquisition in the Portuguese language by the Brazilian deaf and also highlighting the possible obstacles throughout that process. We considering here the spoken form of the Brazilian Sign Language (Libras) as the first language (L1) of the deaf and the written form of the Portuguese as the their target language (L2). By means of an analysis-methodology on writing samples of natural language production we have tried to analyze and describe the convergent and non-convergent verbal occurrences with PB which were found in the textual production of deaf students. This was done in order to better understand the acquisition process of writing of oral language by the deaf and also to broaden the perspectives about the grammatical problems in such productions, besides considering possible reflexes of the Libras upon such writings. We conducted that research from three hypotheses: (1) we assume, as Kato (2005), the acquisition of the written form is a process of second order that gives a very similar way to the second language process (L2); (2) we assume, anchored in Selinker (1972), the hypothesis of interlanguage, according to which the interlanguage differs systematically from both the first language as the target language, although it shows inherent properties of both languages; (3) based on the set of features of Cowper (2003), discussed by Freitag (2005), we formulated the hypothesis to order which the imperfect acquisition of the [Event] feature, relative to the Portuguese system, is the main cause of the lack of convergence between the data from the Interlanguage and the Portuguese structure in its writing form. The analysis of written interlanguage data produced by the informants-subjects allowed us to observe the nature of non-convergent grammatical structures with PB frequently found in textual productions of Brazilian deaf learners of Portuguese as L2. We have verified that the grammatical nature of such problems involves from the lexical choice of the verb with more appropriate traits to the composition of the argument structure, with respect to the number of arguments and the categorial selection.

## **KEYWORDS**

Interlanguage. Acquisition of Second Language. Portuguese – Verbal Category. Deaf – Writing Acquisition. Gerativismo – Distributed Morphology.

**LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1:</b> Representação de um constituinte .....	38
<b>Figura 2:</b> Representação dos níveis de um constituinte e suas relações.....	38
<b>Figura 3:</b> Modelo de representação sintática.....	40
<b>Figura 4:</b> Esqueleto arquitetônico do PM.....	41
<b>Figura 5:</b> Modelo de representação sintática da MD.....	44
<b>Figura 6:</b> Modelo arquitetônico da faculdade da linguagem conforme a MD (MARANTZ, 1997) .....	46

**LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1:</b> Distribuição da ocorrência de verbos no <i>corpus</i> estudado.....	76
<b>Gráfico 2:</b> Distribuição da ocorrência de flexão verbal no <i>corpus</i> estudado.....	78
<b>Gráfico 3:</b> Distribuição da seleção argumental dos verbos de raiz lexical convergente com o PB .....	80

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Formação das categorias lexicais (MIOTO, 2000, p. 56).....	39
<b>Quadro 2:</b> Conjunto de traços de flexão de Cowper (2003) .....	48
<b>Quadro 3</b> Tipos de verbos, identificados conforme a estrutura argumental do VP em libras .....	51
<b>Quadro 4:</b> Marcação de tempo em libras (SILVA, 2015, p. 112).....	52
<b>Quadro 5:</b> Texto 1- transcrição do original.....	63
<b>Quadro 6:</b> Texto 1- segmentado.....	68
<b>Quadro 7:</b> Texto 2 - transcrição do original.....	68
<b>Quadro 8:</b> Texto 2- segmentado.....	72
<b>Quadro 9:</b> Texto 3 - transcrição do original.....	73
<b>Quadro 10:</b> Texto 3- segmentado.....	75

## LISTA DE ABREVIATURAS

- A – Adjetivo
- Adv – Advérbio
- AdvP – Sintagma Adverbial
- AP – Sintagma Adjetival
- Compl – Complemento, em estrutura x-barra
- D – Determinante
- DAL – Dispositivo de Aquisição da Linguagem
- DP – Sintagma Determinante
- DS – *Deep-Structure* (Estrutura profunda)
- G1 – Gramática 1
- G2 – Gramática 2
- GU – Gramática Universal
- L1 – Primeira língua
- L2 – Segunda língua
- L-I – Língua interna
- MD – Morfologia Distribuída
- MLMov – Unidade articulatória da libras
- MS – Estrutura Morfológica
- N – Nome
- NP – Sintagma Nominal
- P – Preposição
- Pa – Parâmetro
- PF – *Logical Form* (Forma Lógica)
- PF – *Phonetic Form* (Forma Fonética)
- PM – Programa Minimalista
- PP – Sintagma Preposicional
- S<sub>0</sub> – Estado Inicial
- Spec – Especificador, em estrutura x-barra
- S<sub>s</sub> – Estado Estável
- SS – *Superficial-Structure* (Estrutura Superficial)
- V – Verbo
- VP – Sintagma Verbal

X ou  $X^0$  – Categoria mínima da estrutura x-barra

$X'$  – Categoria intermediária da estrutura x-barra

XP – Categoria máxima da estrutura x-barra (um Sintagma qualquer)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>Apresentação do problema e hipóteses.....</b>	<b>17</b>
<b>Organização da dissertação.....</b>	<b>19</b>
<b>1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....</b>	<b>21</b>
<b>1.1 Aquisição da linguagem na perspectiva inatista.....</b>	<b>21</b>
<i>1.1.1 O acesso à GU na aquisição de segunda língua (L2).....</i>	<i>24</i>
<b>1.2 Aquisição da escrita.....</b>	<b>26</b>
<b>1.3 Interlíngua.....</b>	<b>29</b>
<b>1.4 Aquisição da linguagem por pessoas surdas.....</b>	<b>32</b>
<i>1.4.1 A libras e sua aquisição.....</i>	<i>34</i>
<i>1.4.2 Aquisição da L2 oral por surdos.....</i>	<i>35</i>
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A CATEGORIA VERBAL.....</b>	<b>37</b>
<b>2.1 O VP na perspectiva da teoria gerativa.....</b>	<b>37</b>
<i>2.1.1 Na visão lexicalista.....</i>	<i>40</i>
<i>2.1.2 Na visão da Morfologia Distribuída.....</i>	<i>43</i>
<b>2.2 A categoria verbal em libras.....</b>	<b>49</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>56</b>
<b>3.1 Sujeitos informantes.....</b>	<b>56</b>
<b>3.2 Metodologia utilizada na realização da pesquisa.....</b>	<b>57</b>
<b>4 CARACTERÍSTICAS DA INTERLÍNGUA (PORTUGUÊS-LIBRAS) DOS SUJEITOS PESQUISADOS.....</b>	<b>59</b>
<b>4.1 Descrição de aspectos da seleção semântica e categorial: retomando o trabalho de IC.....</b>	<b>59</b>
<b>4.2 Descrição de aspectos da categoria verbal nos dados desta pesquisa.....</b>	<b>62</b>
<i>4.2.2 Segunda etapa da análise dos dados: observando os VPs na interlíngua.....</i>	<i>75</i>
<b>4.3 Discussão dos dados frente aos modelos teóricos.....</b>	<b>102</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE A - Informações sobre os informantes.....</b>	<b>113</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>115</b>

**ANEXO A - SEL: Sistema para Escrita de libras.....115**

## INTRODUÇÃO

### Apresentação do problema e hipóteses

O processo de aquisição da modalidade escrita do português por pessoas surdas tem sido alvo de vários estudos e dado margem a muitas hipóteses e idealizações. Crescente é o número de pesquisadores que se debruçam sobre esse instigante e quase enigmático fenômeno linguístico. Todavia, longo ainda é o caminho a ser percorrido mediante esforço investigativo, a fim de que possamos perscrutar devidamente esse processo.

A falta de investigação de aspectos relativos ao processo de aquisição em contexto tão específico, como o da aquisição da modalidade escrita de uma língua oral por pessoas surdas, leva muitas vezes a discursos tendenciosos e ensimesmados, frutos de idealizações, os quais não apresentam um cunho investigativo criterioso. Como exemplo, temos um discurso bastante comum, adotado por muitos pesquisadores (mas que não contém respaldo investigativo), segundo o qual a causa das produções textuais de surdos brasileiros não convergir com o sistema de escrita do português brasileiro (PB) seria, meramente, a ausência da flexão verbal e inadequação ou inexistência de elementos conectivos e de verbos copulativos ou existenciais. Essa alegação é endossada em várias pesquisas contemporâneas, as quais se fundamentam na evidência de que a Libras não possui um arsenal flexional tão enriquecido como o do português.

Um olhar superficial e até mesmo leigo sobre textos produzidos por surdos brasileiros é capaz de identificar não apenas problemas de flexão verbal, mas também ausência ou uso inadequado de sinais de pontuação e problemas ortográficos de vários níveis. Se comparados às inadequações da flexão verbal, os problemas de ordem ortográfica ou de pontuação constituem obstáculos mais densos para a interpretabilidade dos textos. Por sua vez, um olhar mais criterioso e de cunho investigativo irá constatar problemas mais profundos e de natureza gramatical mais complexa, como nos exemplos a seguir, apresentados por Sandes-da-Silva e Lessa-de-Oliveira (2013), os quais foram produzidos por surdos de forma escrita durante atividades escolares:

- (1) \*Susto tem arma de fogo.
- (2) \*Hoje tem muito crescem como tecnologia nova.
- (3) \*Gente andou tempo.

(SANDES-DA-SILVA E LESSA DE OLIVEIRA, 2013, p.4)

Verificamos nesses três dados, apresentados pelas autoras, que a não convergência dessas sentenças com a estrutura gramatical do PB traz implicação na interpretação semântica, uma vez que a seleção dos papéis temáticos fica obscurecida pelos problemas de seleção categorial. Em uma análise preliminar e considerando a estrutura do PB, em (1), constatamos que ‘susto’ não pode ser s-selecionado como argumento externo do verbo ‘ter’, pois não é compatível com o papel semântico atribuído por esse verbo em sua grelha de transitivo, que seleciona dois argumentos, o que leva à não convergência dessa sentença em PB. Em (2), temos um o constituinte ‘crescem’, na forma verbal finita (com flexão - IP), o qual não pode ser selecionado como argumento interno do verbo existencial ‘ter’, uma vez que um núcleo verbal não pode ser argumento de outro núcleo verbal. E, em (3), vemos um aparente problema de seleção categorial, pois o núcleo verbal ‘andar’, que não seleciona para si argumento interno, só pode ter por adjunto um AdvP ou um PP. Tal análise nos leva a refletir acerca das categorias lexicais e funcionais e de como ambas se relacionam no contexto gramatical das sentenças analisadas, como também acerca da seleção dos próprios itens lexicais para a composição da estrutura argumental de cada sentença.

Considerando que as pessoas surdas que produziram as sentenças em (1), (2) e (3) são falantes de libras e estão adquirindo a modalidade escrita do português sem ter adquirido a modalidade falada dessa língua, nos perguntamos:

1. Por se tratar, ao mesmo tempo, de aquisição de L2 e aquisição da escrita, esses dados apresentam alguma implicação da ordem de acesso à Gramática Universal (GU)?
2. Que tipo de propriedades, relativamente à língua nativa e à língua alvo, esses dados revelam?
3. Que propriedade(s) da categoria verbal do português estaria(m) relacionada a não convergência entre a estrutura sintática composta na interlíngua e a prevista no português brasileiro no processo de aquisição do português escrito por surdos?

Diante dessas questões, fazemos uma análise preliminar de acordo com a qual pode estar ocorrendo uma não-convergência entre as sentenças e a estrutura linguística da libras e do português, algo que pressupõe a utilização de um sistema intermediário, ou seja, de uma interlíngua. Os dados mostram ainda uma aquisição não consolidada dos traços verbais, visto que as inadequações verificadas nos três casos são motivadas pela ocorrência não-convergente do sintagma verbal.

Assim, a fim de investigar esse fenômeno, assumimos, no presente estudo, três hipóteses:

1. Assumimos, com Kato (2005), que a aquisição da modalidade escrita é uma aquisição de segunda ordem e se dá de forma muito similar à aquisição de segunda língua (L2).
2. Assumimos, com Selinker (1972), a hipótese da interlíngua, segundo a qual a interlíngua difere sistematicamente tanto da língua materna quanto da língua alvo, embora tenha em si propriedades inerentes às duas línguas.
3. A terceira hipótese que assumimos neste estudo, levantada por nós, é que um dos traços latentes a ser ativado para a consolidação da aquisição da categoria verbal em português por brasileiros surdos seja o traço [Evento]. De acordo com Freitag (2005), verbos costumam codificar eventos e estados, algo que é determinado pela presença ou ausência do traço [Evento]. Dessa forma, defendemos que a aquisição imperfeita do traço [Evento], relativamente ao sistema do português, seja a principal causa da falta de convergência entre os dados da interlíngua e a estrutura do português em sua modalidade escrita.

### **Organização da dissertação**

Esta dissertação encontra-se disposta em quatro capítulos, os quais estão constituídos da seguinte forma: No capítulo 1, apresentamos nosso quadro teórico, focalizando: os pressupostos gerativistas, a aquisição da linguagem na perspectiva inatista, a discussão acerca do acesso à GU na aquisição de L2, a aquisição da escrita segundo as concepções de Kato (2005), a hipótese da interlíngua postulada por Selinker (1972), além de discussões acerca da aquisição da linguagem por surdos, da libras e sua aquisição e a respeito da aquisição da L2 oral por surdos.

No capítulo 2, abordamos alguns aspectos do sintagma verbal dentro do quadro teórico minimalista da gramática gerativa, tanto na visão lexicalista (CHOMSKY, 1995) como na visão da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993), além de apresentar algumas particularidades da categoria verbal em libras.

No capítulo 3, apresentamos o *corpus*, os sujeitos-informantes da pesquisa e a metodologia utilizada.

O capítulo 4 foi dedicado à descrição e discussão dos dados, a começar por uma discussão ampla acerca da natureza gramatical de problemas encontrados em produções textuais de surdos brasileiros; em seguida, tratamos de aspectos da categoria verbal nos dados dessa pesquisa, os quais são apresentados de forma quantitativa e qualitativa. Apresentamos também a discussão dos dados e a checagem das hipóteses. E tecemos em seguida as considerações finais.

# 1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

## 1.1 Aquisição da linguagem na perspectiva inatista

O processo pelo qual uma pessoa adquire a linguagem tem sido um enigma que há séculos incita pesquisadores a se debruçar sobre esse fenômeno natural à espécie humana. Dentre as várias concepções acerca do processo de aquisição da linguagem, destacamos a teoria gerativa como a resposta mais contundente a esse processo, sob a qual alicerçamos nossa pesquisa.

A teoria gerativa tem origem nos Estados Unidos, na década de 60, tendo como expoente o linguista Noam Chomsky. Diferentemente de grandes pensadores da época, como Skinner e Bloomfield, Chomsky discorda da hipótese de que a aquisição da linguagem se dê através de uma prática de mediação em que, ao ser exposta ao meio, a criança passa a acumular comportamentos verbais e assim a adquirir a linguagem. Para Chomsky (1972), afirmar que o processo de aquisição da linguagem se limita a um mecanismo de reforço, estímulo e resposta, que tem como fim o acúmulo de comportamentos verbais, é afirmar ser a criança uma folha em branco, ou, nas palavras do autor, uma “tábula rasa” que apenas sofre o processo do meio ao qual está inserida sem que lhe seja possível atuar sobre tal processo. Nesse ponto, o autor reformula uma questão antiga cuja resposta subsidia toda a teoria gerativa, denominada como “Problema Lógico da Aquisição” ou “Problema de Platão”; a saber: *como podem as crianças aprender uma língua de forma tão rápida e homogênea se o input que lhes é fornecido resulta de frases truncadas e imperfeitas?*

No âmbito dessa questão são erguidos os fundamentos da teoria gerativa, tendo em vista responder de forma plausível ao Problema Lógico da Aquisição. De acordo com a abordagem gerativa, a linguagem é uma dotação genética, uma vez que se caracteriza enquanto algo específico da espécie humana, de sorte que todo ser humano nasce predisposto à aquisição da linguagem. Entende-se então que o processo pelo qual uma pessoa adquire uma língua ocorre a partir do desencadear de um *input* sob um dispositivo inato que é próprio ao ser humano, dispositivo este que converte a experiência em um sistema de conhecimento alcançado (conhecimento linguístico), o qual é denominado como Gramática Universal (GU) (CHOMSKY, 1986).

Segundo Chomsky (1986), a GU é uma teoria das estruturas linguísticas designada a explicar com precisão os conceitos dos sistemas de regras que regem as línguas. Os Princípios que por ela são caracterizados se dividem entre Princípios rígidos e Princípios abertos, de forma

queos Princípios rígidos dizem respeito às regras que são comuns a todas as línguas naturais, enquanto os Princípios abertos (ou Parâmetros) se referem aos valores próprios da língua a ser adquirida pela criança, os quais são fixados mediante exposição ao *input* linguístico. Nesse sentido, a exposição da criança à língua a ser adquirida tem como finalidade ativar sua capacidade linguística, e não dar-lhe forma. Assim, segundo a abordagem gerativa, a aquisição de uma língua natural, seja ela na modalidade falada ou escrita, está intrinsecamente ligada à produção de uma estrutura que atenda aos princípios da GU e aos requisitos de fixação paramétrica da gramática adquirida, nesse sentido, a língua-I (língua internalizada) consiste de um léxico, mas também de um sistema computacional.

A noção de Parâmetro trouxe importantes contribuições aos estudos gerativos na década de 80, marcada pela concepção do modelo de Princípios e Parâmetros desenvolvido por Chomsky (1981, 1982, 1986). Diferentemente dos modelos postulados nas décadas de 60 e 70 (Modelo Padrão e Modelo Padrão estendido) caracterizados como uma gramática de incontáveis regras a serem internalizadas/aprendidas pela criança (transformada em uma pequena linguista), o modelo de Princípios e Parâmetros apresenta uma resposta mais coerente ao Problema Lógico da Aquisição, uma vez que simplifica a tarefa da criança na aquisição da linguagem. Assim, de acordo com essa abordagem, na tarefa da aquisição da linguagem, a criança atua enquanto uma “acionadora de botões”. Isso significa que, partindo do pressuposto de que, através da GU, ela esteja em posse de todo o arsenal de regras universais que regem todas as línguas naturais, sua única tarefa será marcar quais são os Parâmetros que regem a língua à qual ela foi exposta para a aquisição.

A partir desse momento, os olhares que antes estavam centrados nos Princípios invariantes da universalidade linguística, que regem todas as línguas naturais, passam a se voltar à diversidade perceptível entre as línguas, contrapondo assim o universal e o particular, e, conseqüentemente, clarificando o processo de aquisição da linguagem. As investigações conduziram o conceito de Parâmetro por diversos processos evolutivos até chegar ao conceito atual, segundo o qual os Parâmetros são concebidos como um conjunto reduzido e limitado de complexas propriedades binárias abstratas de valor positivo ou negativo, conceito este que trouxe resposta mais adequada ao Problema de Platão, no âmbito do processo de aquisição da linguagem.

Ao ser exposta ao *input* da língua a ser adquirida, na tarefa da aquisição da linguagem, a criança (acionadora de botões) recebe do *input* as informações necessárias para a fixação do valor paramétrico (+) ou (-) correspondente à sua língua, como por exemplo, o Parâmetro do sujeito nulo, presente em algumas línguas e ausente em outras. É através da fixação dos

parâmetros que se determinam as gramáticas particulares referentes a cada língua, enquanto os Princípios inatos determinam a Gramática Universal.

Desse modo, o processo de aquisição da linguagem é explicitado pela teoria chomskiana da seguinte forma: todo ser humano nasce em posse de um dispositivo de aquisição da linguagem (DAL) inscrito no cérebro/mente, o qual é concebido como uma das várias faculdades humanas. A Faculdade da Linguagem (como denomina o Chomsky) de uma criança encontra-se em seu estágio inicial ( $S_0$ ) do processo de aquisição da linguagem. O estágio estável ( $S_s$ ) é alcançado após a fixação paramétrica realizada pela criança mediante a exposição ao *input* da língua a ser adquirida. A aquisição da linguagem resulta da passagem do  $S_0$  para o  $S_s$ , a qual é marcada pela internalização da gramática particular da língua a ser adquirida. Entende-se então que a GU é uma teoria que focaliza a descrição da Faculdade da Linguagem no seu  $S_0$ .

Chomsky (1975) atenta também para o fato de que o conhecimento que se adquire de uma língua é superior aos dados manifestos pelo falante. Partindo dessa premissa, o linguista apresenta a dicotomia competência *vs.* desempenho, segundo a qual, competência diz respeito ao conhecimento que o falante adquire de sua língua e desempenho se refere ao uso da língua adquirida. Todavia, não sendo possível realizar um estudo criterioso de ambas as partes da dicotomia de forma simultânea, a teoria gerativa opta por se dedicar ao estudo da competência, da qual depende a gramaticalidade das línguas.

Outro fator importante considerado pela abordagem inatista é a existência de uma fase propícia para a aquisição da linguagem, a qual é denominada como “período crítico”. A terminologia período crítico para os estudos em linguagem foi proposta por Lenneberg (1967), segundo o qual tal período refere-se à fase propícia para a aquisição da linguagem, no qual deve haver uma exposição suficiente à linguagem. Conforme o autor, o período crítico tem início aos 2 anos, visto que antes dessa idade o cérebro da criança não está maduro o suficiente para que o desenvolvimento linguístico possa ser completo. Tal período para a aquisição finaliza-se na puberdade, ocorrendo assim um declínio na capacidade de aquisição. Todavia, pesquisas com bebês como as realizadas por Eimas *et al* (1971 *apud* Singleton e Ryan 2004) refutam a hipótese de Lenneberg acerca do início do período crítico, visto que observa-se a capacidade de bebês a partir de um ano de idade de diferenciar categorias fonológicas que adultos precisam identificar/diferenciar.

Comumente, dentro do quadro teórico da teoria gerativa, o período crítico é compreendido como o período de tempo que vai do nascimento aos 6 anos de idade, período este, no qual a GU está completamente aberta e acessível à criança. Todavia, ao ultrapassar essa fase, a GU fecha-se rápida e gradativamente tornando assim o seu acesso limitado (como na

aquisição de segunda língua), algo que resulta em severas complicações linguísticas para a criança que, até então, não tenha realizado o processo de aquisição de uma língua natural. No entanto, existem discordâncias acerca da existência desse período para a aquisição de segunda língua, como veremos na seção a seguir.

### ***1.1.1 O acesso à GU na aquisição de segunda língua (L2)***

Para os adeptos da teoria gerativa, o Problema Lógico da Aquisição também é evidenciado no processo de aquisição de segunda língua (L2), visto que este (apesar de suas especificidades) é igualmente marcado pela pobreza de estímulo, ou seja, pelo fato de os aprendizes de L2, assim como os de língua materna (L1), terem que internalizar a gramática particular de uma língua mediante a exposição a um *input* composto por frases truncadas e imperfeitas. Mas, assim como ocorre com as crianças na aquisição de L1, os aprendizes de L2 demonstram estar em posse de um conhecimento (competência) da L2 que é superior ao manifesto no uso efetivo dessa língua (desempenho). Tal constatação desperta os pesquisadores para a seguinte questão: Estará a GU acessível ao falante no processo de aquisição de L2 de igual modo ao processo de aquisição de L1?

Na busca por responder essa questão, os pesquisadores dedicados à aquisição de L2 que trabalham sob o referencial teórico da Gramática Gerativa se dividem em três concepções teóricas: acesso total, nenhum acesso, acesso parcial.

De acordo com a concepção teórica de acesso total à GU (como a defendida por FLYNN, 1996), os processos de aquisição de L1 e de L2 são idênticos no que se refere ao acesso à GU, ou seja, em ambos os processos a GU encontra-se totalmente aberta e acessível ao falante. Nesse sentido, a aquisição da L2 se daria mediante a interação direta entre a GU e o *input* da L2, sem haver nenhuma interferência por parte da L1 no processo. Nessa concepção, é descartada a existência de um período crítico para a aquisição de L2.

Segundo a posição teórica de nenhum acesso à GU (como a defendida por BLEY-VROMAN, 1989), os processos de aquisição de L1 e L2 são distintos, de forma que a aquisição da L2 não é considerada como um processo de aquisição de língua natural. Para essa posição teórica, a GU não se encontra mais disponível para a aquisição de L2, visto que, após ser ultrapassado o período crítico, ela fecha-se para a aquisição. A aquisição de L2 se dá então através de outros mecanismos de aprendizagem não específicos para a aquisição da linguagem, dentre os quais pode estar o conhecimento que se tem da L1.

De acordo com a linha teórica de acesso parcial à GU (como a defendida por Hershensohn, 2000, e KATO, 2005) e assumida por nós), no processo de aquisição da L2, o aprendiz acessa os parâmetros da GU através do conhecimento da L1, de sorte que os parâmetros já consolidados da sua língua nativa servem de base para a L2. Todavia, somente os parâmetros já marcados na L1 podem ser acessados na aquisição da L2, os demais parâmetros que se fazem necessários à L2 poderão ser reativados mediante instrução formal, correção de erros e demais mecanismos de aprendizagem.

Independentemente da concepção teórica que se adote no que se refere ao acesso à GU, é importante ser considerado que o  $S_0$  de um aprendiz de L2 difere do  $S_0$  de uma criança no processo de aquisição de L1, uma vez que o aprendiz de L2 já vivenciou o processo de aquisição de uma L1, a qual se encontra no  $S_S$ . Uma das especificidades do processo de aquisição de L2 é que, até que seja alcançado o  $S_S$ , será gerado nesse processo um sistema linguístico denominado como interlíngua.

## 1.2 Aquisição da escrita

Antes de adentrarmos no domínio das concepções sobre interlíngua, julgamos necessário pontuar algumas especificidades e apresentar alguns esclarecimentos acerca da aquisição da escrita, mais precisamente, acerca da aquisição da modalidade escrita do português por surdos brasileiros, uma vez que é nesse âmbito que se concentra a nossa pesquisa.

No processo de aquisição do português, o surdo se depara com um grande desafio, o qual vai além dos desafios típicos de um processo de aquisição de segunda língua (L2). Devido ao seu comprometimento auditivo, os surdos não têm acesso ao *input* acústico da língua oral e, conseqüentemente, não têm acesso ao sistema fonológico dessa língua, algo que se torna um obstáculo geralmente intransponível para eles, que impossibilita a aquisição da modalidade falada da língua oral, da mesma forma que é adquirida por um ouvinte e com a mesma proficiência. Dessa forma, na grande maioria dos casos, os brasileiros surdos estão restritos à aquisição da modalidade escrita do português, mesmo assim com muitas restrições e grau de proficiência bastante distante do obtido pelos ouvintes.

A fim de entendermos com mais clareza a aquisição da escrita, recorreremos ao conceito de escrita apresentado por Saussure (2006 [1916]), segundo o qual a fala e a escrita são dois sistemas distintos de signos, de forma que a única razão de ser da escrita é representar a fala. Dentro dessa perspectiva, podemos compreender a modalidade falada como uma representação

de 1ª ordem da língua, e a modalidade escrita como uma representação de 2ª ordem, conforme propõe Kato (2005). Explica, então, Lessa-de-Oliveira (2012) que:

Compreendendo que língua, neste caso, seria o sistema geratriz da modalidade falada de expressão, verificamos que Saussure observa que, embora a função da escrita seja também representar a língua, isto se dá por meio de um outro sistema, cujos signos não precisam e não podem ser a reprodução fiel do que se encontra na fala. (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p.165).

O fato de a fala e a escrita serem dois sistemas de natureza e função distintas nos leva a crer que a aquisição dos mesmos também se dê de forma distinta. De acordo com Kato (2005), de forma bastante similar à aquisição de uma L2, a aquisição da escrita se dá mediante acesso indireto à GU, o qual é intermediado pela modalidade falada da língua (já adquirida), algo que perdura até que o falante se aproprie dos valores paramétricos da L2 que, nesse caso, é a modalidade escrita. Ou seja, Kato (2005) assume que a aquisição da modalidade escrita de uma língua se dá por meio de processo semelhante ao processo de aquisição de uma L2.

Para ampliar a discussão, a autora lista as seguintes similaridades entre os processos de aquisição da escrita e de aquisição de L2, a saber:

- I) Em ambos os casos, a aquisição é socialmente motivada ao invés de ser biologicamente determinada;
- II) Em ambos os casos, a aquisição tem início após o período crítico;
- III) Em ambos os casos, o processo é, essencialmente, consciente;
- IV) Em ambos os casos, acredita-se que o sucesso depende de dados positivos e negativos;
- V) Em ambos os casos, o processo, em geral, é vagaroso e não instantâneo;
- VI) Em ambos os casos, há mais diferenças individuais.

(KATO, 2005, p. 9)

A fim de defender a tese de acesso indireto à GU na aquisição da escrita, Kato (2005) recorre aos argumentos propostos por Hershensohn (2000) para defender a tese de acesso à GU na aquisição de L2, os quais são:

- a) Aprendizes de L2 adquirem categorias funcionais que não existem em sua L1;
- b) Inexistência de uma gramática intermediária que seja totalmente estranha aos princípios da GU;
- c) Aprendizes exibem conhecimento que extrapolam o *input*;
- d) O estágio estabilizado, em alguns casos, se assemelha ao do falante nativo.

(KATO, 2005, p. 11)

Com base na argumentação de Hershensohn (2000), a autora propõe os seguintes argumentos que comprovam o acesso indireto à GU na aquisição da escrita:

- a) A escrita é restrita aos mesmos Princípios da GU;
- b) A escrita se vale das mesmas categorias e funções usadas na modalidade falada;
- c) As opções gramaticais presentes na escrita são previstas pelos Parâmetros da GU.

(KATO, 2005, p. 11)

Baseada na proposta de Silva-Corvalán (1993) de que “a aquisição de L2 se dá quando uma propriedade gramatical periférica da L1 é aprendida como tendo o estatuto de uma propriedade nuclear na gramática da L2”, Kato (2005) afirma que, na aquisição da escrita, a G2 do letrado, antes caracterizada por propriedades periféricas, passa a ter o estatuto de propriedades nucleares. (KATO, 2005, p. 13)

Da leitura que Kato (2005) faz de Roeper (2001), concebe-se que todo falante é potencialmente bilíngue, dessa forma, segundo a teoria do bilinguismo universal, todo falante apresenta condições de ter os parâmetros em dois valores, resultando em  $G1 = Pa_x(\emptyset)$  e  $G2 = Pa_x(1)$ . Desse modo, define-se como bilíngue *stricto sensu* aquele que mantém G1 e G2, como gramáticas nucleares distintas, até a fase adulta. E define-se como bilíngue latente aquele que possui um dos valores de um parâmetro como *default*; o qual permanece latente no conhecimento do falante e pode ser ativado em uma situação de aquisição de uma nova língua.

Para Kato (2005), diferentemente do bilíngue *stricto sensu* que possui G1 e G2 no mesmo estatuto, o bilíngue latente apresenta um nível desigual de bilinguismo, com a G1 na gramática nuclear e a G2 na periferia marcada. Desse modo, tratando a aquisição da escrita como aquisição de L2, a autora defende a hipótese de que, na aquisição da escrita, o acesso à GU se dá de forma indireta, através da periferia marcada da L1 – a modalidade falada da língua.

Assim, quando vivenciada pelos brasileiros surdos, a aquisição da escrita do português tem se revelado extremamente difícil, uma vez que se trata de uma aquisição da modalidade escrita de uma língua oroauditiva da qual os surdos não adquiriram a modalidade falada, que lhes serviria como mediadora nesse processo de aquisição. A complexidade desse processo resulta em produções textuais nas quais são evidenciados sérios problemas de ordem gramatical, os quais são capazes de comprometer até mesmo a interpretação do texto.

Mediante tais produções, podemos evidenciar a existência de um sistema linguístico de escrita próprio dos surdos, o qual resulta da tentativa de produzir a norma da língua-alvo (português), sistema este que pode ser enquadrado no tipo linguístico *interlíngua*.

### 1.3 Interlíngua

O termo interlíngua foi integrado ao campo de estudos linguísticos pelo linguista Larry Selinkere, desde então, tem sido um dos conceitos fundamentais utilizados na investigação do processo de aquisição de segunda língua e na elaboração de teorias sobre aquisição de L2. Nesse âmbito, a interlíngua é concebida como um sistema linguístico que difere notoriamente do sistema do falante nativo e do sistema da língua-alvo, mas que é ligado a ambos os sistemas mediante identificações interlinguísticas existentes na percepção do aprendiz. Em outras palavras, a interlíngua é um sistema linguístico diferenciado, o qual é evidenciado quando os adultos aprendizes de L2 tentam expressar significado na língua em aquisição. Esse sistema linguístico engloba não apenas a fonologia, a morfologia e a sintaxe, mas também os níveis lexicais, pragmáticos e discursivos da interlíngua (TARONE, 2006).

Da leitura que Tarone (2006) faz de Selinker (1972), compreende-se que as especificidades do sistema da interlíngua não dizem respeito simplesmente ao sistema morfológico e sintático da L1 em relexificação com o vocabulário da língua-alvo, ou seja, ele não é o sistema morfológico e sintático da língua materna evidenciado na fala do aprendiz. Assim como não é o sistema da língua-alvo evidenciado na fala do nativo da língua-alvo. Ao contrário disso, a interlíngua difere sistematicamente tanto da língua materna quanto da língua-alvo.

De acordo com Tarone (2006), antes do conceito de interlíngua, os estudos acerca da aquisição de L2 eram pautados pelo Modelo Contrastivo, segundo o qual, a língua do aprendiz de L2 era moldada exclusivamente pela transferência de sua língua materna, de modo que uma boa análise pelo contraste (L1 e língua-alvo) poderia prever com precisão todas as dificuldades a serem enfrentadas pelo aprendiz na tentativa de adquirir a língua-alvo. Todavia, as alegações eram feitas por motivos lógicos e quase sempre apoiadas em evidências anedóticas, de forma que, ao invés de serem apoiadas com base nos dados obtidos de um estudo sistemático da própria língua do aprendiz, tais alegações geralmente eram apoiadas em enunciados que ocasionalmente tivessem sido notados ou lembrados pelos analistas. Sendo assim, para a autora, é muito provável que os analistas tendam a notar os dados que suas teorias predizem e a não notar os que não cabem em suas teorias. Ou seja, enunciados de aprendizes que eram claras

evidências de transferência foram notados e citados, mas enunciados de aprendizes que não forneciam evidências de transferência, aparentemente, passaram despercebidos ou foram classificados como “resíduo”.

Em detrimento disso, na década de 60, não se tem muito indício de tentativas sistemáticas para se observar a língua do aprendiz e nem para documentar cientificamente o modo como ela é desenvolvida, ou para verificar de forma independente e objetiva as fortes alegações da hipótese da análise contrastiva, de acordo com a qual a transferência linguística seja o único processo que modela a língua do aprendiz. O primeiro linguista a quebrar esse silêncio, propondo e desenvolvendo uma estrutura alternativa, foi Corder (TARONE, 2006).

Corder (1967, 1981) trouxe a premissa de que aprendizes de L2 não começam a aquisição da língua-alvo partindo de sua língua materna, mas sim de um “*built-in syllabus*” universal, o qual os guia no desenvolvimento sistemático de seu próprio sistema linguístico ou “competência de transição”.

[...] the second-language learner’s transitional competence is different from either the NL or the TL or even some combination of the two, since it begins with an essential, simple, probably universal grammar [...](TARONE, p. 748, 2006).

Vale ressaltar que, para Corder (1967, 1981), embora a aquisição de L2 não tenha a língua materna como ponto de partida, a L1 muitas vezes serve como um recurso positivo para a aquisição de segunda língua, facilitando a aquisição de traços da língua-alvo que se assemelhem a traços da língua materna.

À luz das contribuições de Corder, Selinker (1972) desenvolveu a hipótese da interlíngua, a qual tem por objetivo estimular a investigação sistemática sobre o desenvolvimento da língua produzida por aprendizes adultos de L2, com o intuito de identificar objetivamente processos psicolinguísticos (incluindo a transferência) moldados pela língua do aprendiz; explicar como os aprendizes configuram identificações interlinguísticas entre os sistemas linguísticos; e representar a tendência preocupante de aprendizes adultos para parar de aprender ou “fossilizar” (TARONE, 2006).

A fossilização se constitui como uma característica central de qualquer interlíngua, que diz respeito à estagnação do sistema linguístico em algum ponto aquém da plena identificação com a língua-alvo, ou seja, é o processo no qual a interlíngua do aprendiz deixa de se desenvolver, aparentemente, de forma permanente. Como resultado disso, a língua do aprendiz adulto não alcança um nível de facilidade no uso da língua-alvo se comparado com o alcançado

por qualquer criança que adquire a alvo como língua materna. Isso significa que aprendizes de L2 que começam o estudo dessa língua após a puberdade não têm êxito no desenvolvimento de um sistema linguístico como o desenvolvido por crianças que adquirem essa língua como materna. Tal constatação gera a hipótese de que os adultos usam uma estrutura latente para adquirir segundas línguas (ao invés de usar um DAL). Nisso é evidenciada uma diferença psicolinguística crucial e central entre a aquisição nativa da criança e a aquisição de L2 do adulto, a saber, crianças sempre conseguem adquirir completamente a sua língua materna, mas é muito raro adultos terem êxito em adquirir completamente uma L2 (TARONE, 2006).

Os processos psicolinguísticos realizados pela estrutura psicológica do aprendiz para moldar a interlíngua apresentados na hipótese de Selinker (1972) são: (I) transferência de língua nativa, (II) generalização de regras da língua-alvo, (III) transferência de formação, (IV) estratégias de comunicação e (V) estratégias de aprendizagem.

Como visto anteriormente, a *transferência de língua nativa* esteve em foco durante muitos anos, sendo o alicerce fundamental dos estudos sobre aquisição de L2. Em Selinker (1972), a transferência de língua nativa tem o seu lugar, a saber, ela se caracteriza enquanto um dos processos envolvidos na formação do sistema de interlíngua, mas perde o *status* defendido pelo Modelo Contrastivo que a concebia como o **único** molde da língua do aprendiz. Um segundo processo psicolinguístico é o da *generalização de regras*, o qual diz respeito ao domínio que o aprendiz exerce sobre uma regra geral da língua-alvo passando a utilizá-la indistintamente, ou seja, sem respeitar as exceções à regra (fenômeno comumente evidenciado na aquisição de língua materna). Por sua vez, a *transferência de formação* ocorre quando o aprendiz de L2 aplica regras aprendidas com instrutores ou livros didáticos, algo que pode ser bem sucedido se resultar em uma regra de interlíngua indistinguível da regra da língua-alvo; todavia, a margem de erros é alta. As *estratégias de comunicação* são um processo psicolinguístico utilizado pelo aprendiz ao se deparar em uma situação de comunicação em que ele, na tentativa de comunicar um significado, sente que o item linguístico necessário para a realização dessa tarefa não está disponível para ele, fazendo-o então recorrer a uma variedade de estratégias de comunicação a fim de obter esse significado de forma transversal. Já as *estratégias de aprendizado* são tentativas conscientes do aprendiz para dominar a língua-alvo, as quais podem ser uma comparação consciente entre o que é produzido na língua materna, na interlíngua e o percebido na língua-alvo, estímulos de memória como memorização de flexões verbais ou de diálogos de livros didáticos.

#### 1.4 Aquisição da linguagem por pessoas surdas

Como visto em seção anterior, a teoria gerativa tem por premissa que toda criança nasce predisposta para a aquisição de línguas naturais, de maneira que se considera como língua materna (L1) a(s) língua(s) cuja aquisição é biologicamente motivada, inconsciente, instantânea, dependente apenas de dados positivos e que se dá dentro do período crítico para a aquisição. Por essa razão, pode-se dizer que o processo de aquisição de L1 seja um processo que ocorre de forma “indolor” e não monitorada. Dessa maneira, de acordo com os postulados inatistas, ao ser exposta ao *input* linguístico de uma dada língua, o dispositivo da linguagem, ou seja, a GU da criança, é ativado, dando assim início ao processo de aquisição da linguagem, no qual a criança tem acesso irrestrito aos Princípios universais contidos na GU e, por meio deles, marcará os Parâmetros específicos de sua L1.

Com base nessa premissa, entendemos que uma criança só será impedida de realizar o processo de aquisição de uma língua natural caso não seja exposta ao *input* dessa língua ou pela presença de uma patologia que comprometa tal processo. Nesse sentido, não reconhecemos a surdez como uma impossibilidade para a aquisição de uma língua natural, mas sim como uma especificidade de aquisição. Entendemos que, assim como uma criança ouvinte está apta a adquirir uma língua oroauditiva ao receber o *input* acústico dessa língua, uma criança surda está apta a adquirir uma língua gestovisual ao receber o *input* gestual dessa língua.

Para clarificar o processo de aquisição da linguagem por pessoas surdas, recorreremos, mais uma vez, às concepções de Saussure ([1916] 2006). De acordo com a concepção saussuriana, a língua é um sistema de signos (signos linguísticos). Nesse âmbito, o signo é concebido como uma unidade psíquica de duas partes, as quais são: conceito (significado) e imagem acústica (significante). Esses dois elementos que constituem o signo linguístico estão intrinsecamente unidos e se evocam mutuamente.

Segundo Saussure ([1916] 2006), é necessário que no uso da língua seja feita a distinção entre o psíquico, o fisiológico e o físico. De acordo com o mestre de Genebra, a constituição do signo linguístico é resultante de um processo puramente psíquico provocado pela união entre um conceito e uma imagem acústica. Esse processo psíquico dá abertura para que ocorra um processo fisiológico caracterizado pela transmissão da imagem acústica, originada no cérebro, aos órgãos fonadores. A transmissão espacial dessa imagem acústica se dá por meio de ondas sonoras (no caso dos surdos, propagação visual da imagem de gestos), algo que se caracteriza como um processo meramente físico.

Da leitura que Lessa-de-Oliveira (2012) faz de Saussure ([1916]2006), entendemos que a concepção de significante refere-se a uma imagem psíquica, e não a uma imagem/som físicos.

Porque tinha em mente as línguas orais ou, melhor dizendo, oroauditivas é que Saussure chamou de imagem acústica à impressão das unidades linguísticas captadas pelo cérebro. (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 152)

Mediante tais considerações, torna-se notório que a aquisição de uma língua natural não é subjugada ao caráter acústico da grande maioria das línguas, mas sim determinada por características inerentes ao signo linguístico. Ou seja, adquirir uma língua não está relacionadomeramente à capacidade física de ouvir e falar, mas à capacidade psíquica de compor um signo linguístico e de se apropriar de um sistema de signos. Partindo desse pressuposto, entendemos que, em nível de aquisição, o *input* gestual recebido pela criança surda em nada difere do *input* acústico recebido pela criança ouvinte, de maneira que ambas as crianças estarão aptas a realizar a aquisição de sua L1 de forma satisfatória.

### **1.4.1 A libras e sua aquisição**

Durante um longo tempo, as línguas de sinais não apenas estiveram à margem dos estudos linguísticos, mas também foram amplamente reprimidas no convívio social. A repressão e até proibição da utilização das línguas de sinais consistia no fato de essas serem consideradas como um meio de comunicação inferior, inconveniente e desprovido de rigor científico.

Em 1960, o americano William Stokoe atribui o caráter de língua natural às línguas de sinais, sendo o primeiro a investigar a relação das características das línguas de sinais e os princípios das línguas naturais. Tal atribuição abre o caminho para que pesquisas sejam desenvolvidas no âmbito do processo de aquisição da linguagem por crianças surdas filhas de pais surdos.

No Brasil, as investigações acerca da libras tem origem nas décadas de 1980 e 1990, tendo como alguns de seus pioneiros Ferreira (1986, 1995), Felipe (1992, 1993) e Quadros (1995, 1999). Por conseguinte, as investigações acerca do processo de aquisição da libras tiveram início na década de 1990, encabeçadas por Quadros (1995, 1997) e Karnopp (1994, 1999) (ver QUADROS, 2008).

Como pontuado na seção anterior, o processo de aquisição da linguagem por crianças surdas se dá de forma bastante semelhante ao realizado por crianças ouvintes, fazendo-se necessário apenas que a criança surda seja exposta ao *input* adequado, ou seja, ao *input* de uma língua gestovisual. Tal exposição é suficiente para que a criança realize a aquisição dos princípios inerentes a todas as línguas naturais e efetue a marcação dos parâmetros próprios de sua língua, no caso dos surdos brasileiros, a libras.

A libras, como qualquer outra língua de sinais, possui características bastante peculiares, as quais são próprias da sua natureza gestovisual. Lessa-de-Oliveira (2012) defende a tese de que as línguas de sinais possuem um aspecto tridimensional, o qual abrange não apenas a composição dos sinais, mas também das frases, resultando assim em processos de simultaneidade e incorporação de argumentos à raiz verbal.

No âmbito da investigação da natureza articulatória do sinal da libras, Lessa-de-Oliveira (2012) defende que os sinais são formados de unidades constituídas por três tipos de macrosegmentos específicos, os quais compõem o que a autora considera a unidade articulatória do sinal, denominada por ela de MLMov. De acordo com a análise de Lessa-de-Oliveira (2012), os itens lexicais da libras podem ser representados por apenas uma dessas unidades ou por mais de uma delas. A autora ressalta que os processos miméticos resultantes da

tridimensionalidade das línguas gestovisuais podem produzir variação na composição do sinal e da estrutura sintática na modalidade falada da libras. Entretanto, a autora não concorda com a ideia, defendida por Felipe (2006), de que línguas de sinais introduzam a mímica na estrutura frasal, uma vez que a mímica não apresenta as propriedades inerentes a um sistema gramatical em nenhum de seus níveis: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

A aquisição de tais propriedades pela criança surda se dá de forma inconsciente, instantânea e biologicamente motivada, como previsto em qualquer processo de aquisição de língua materna. Todavia, uma das dificuldades enfrentadas pelos surdos brasileiros é que, na grande maioria dos casos, antes que o processo de aquisição da libras seja consolidado ou, em vários casos, antes que se inicie tal processo, os surdos são inseridos em contextos de aquisição/aprendizagem da língua oral (português) em modalidade escrita, sem o devido reconhecimento de que, por não possuir uma via de acesso ao *input* adequado às especificidades de aquisição apresentadas pelo surdo, a aquisição da língua oral em modalidade escrita corresponde, para eles, a uma aquisição de L2.

#### ***1.4.2 Aquisição da L2 oral por surdos***

Como apresentado nas seções anteriores, a aquisição de uma língua oral por pessoas surdas enquadra-se nas concepções de aquisição de L2. Tal fenômeno justifica-se pela evidência de que, devido ao seu comprometimento auditivo, os surdos não têm acesso ao *input* acústico da língua oral, algo que impossibilita (em quase todos os casos) sua aquisição como L1 em modalidade falada. Assim, mesmo na condição de L2, o português, assim como as demais línguas orais, não propicia aos surdos condições para que sua aquisição seja realizada de forma plena, em modalidades falada e escrita.

Ou seja, por não terem acesso ao sistema fonológico do português mediante exposição ao *input* acústico, os surdos brasileiros (na maioria dos casos) são impedidos de realizar a aquisição da modalidade falada do português, restando-lhes apenas a aquisição da modalidade escrita. Todavia, mesmo a aquisição da modalidade escrita apresenta as suas complicações. Como visto anteriormente, a escrita é uma representação de 2ª ordem, uma vez que representa a fala. Nisso consiste a grande dificuldade dos surdos, na difícil tarefa de representar, por meio da escrita, a fala que não pôde ser adquirida.

Como resultado desse processo de aquisição, os surdos brasileiros apresentam uma interlíngua, a qual provém da tentativa de se expressar em português através da modalidade escrita dessa língua. Algumas das características dessa interlíngua, mais precisamente as que se

referem ao sintagma verbal na composição da estrutura argumental, serão o nosso foco de estudo nessa pesquisa.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A CATEGORIA VERBAL

### 2.1 O VP na perspectiva da teoria gerativa

Como pontuado no capítulo anterior, a teoria gerativa postula ser a língua um sistema de conhecimentos inatos, o qual é, portanto, biologicamente determinado e inconsciente. Vale dizer, porém, que a noção de “sistema de conhecimento” está intrinsecamente ligada a uma determinada concepção de língua, a saber: a concepção de língua-I.

A língua-I é concebida dentro do quadro gerativista como um saber individual e inconsciente que é internalizado (interno à mente) por um determinado falante. A composição da língua-I se dá por meio de sentenças formadas a partir de uma relação estrutural entre sintagmas, a qual é predeterminada pelo conhecimento do falante, ou seja, pelos princípios universais inscritos na Faculdade da Linguagem do falante e pelos parâmetros que foram marcados por ele, os quais são correspondentes à língua específica em uso.

No primeiro modelo da teoria gerativa, na década de 1960, analisou-se que as relações entre sintagmas resultam na formação de estruturas de nível profundo, as quais são denominadas dentro da teoria como *Deep-Structure* (Estrutura profunda). A partir de uma *Deep-Structure* (doravante DS) formada, outras estruturas e sentenças podem ser derivadas, algo que resulta na formação de um nível superficial denominado como *Superficial-Structure* (Estrutura Superficial - SS).

De acordo com a abordagem gerativa, a DS é um nível de representação postulado para explicitar a hierarquia sob a qual são constituídos os sintagmas. Tal representação se dá por meio da Teoria X-barras.

A Teoria X-barras é o módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença. (MIOTO, 2000, p. 49).

Conforme essa proposta, a construção de um constituinte se dá a partir de um núcleo e dos itens por ele hierarquizados, ou seja, a abrangência de um constituinte é definida por um núcleo e pelo conjunto de itens que desempenha as funções que esse núcleo determina. A representação de um constituinte pela Teoria X-barras ocorre como apresentado a seguir, na qual “X” é uma variável cujo valor será determinado pela categoria do constituinte.

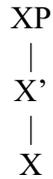


Figura1: Representação de um constituinte(MIOTO, 2000, p.50)

Como apresentado na figura (1), X representa a projeção mínima de um constituinte, a qual é preenchida pelo seu núcleo. X' (lê-se x-barra) corresponde à projeção intermediária, nesse nível, o núcleo pode estabelecer relação com complementos (veja figura 2). Por sua vez, XP representa a projeção máxima, um nível sintagmático no qual o núcleo estabelece relação com um especificador. Desse modo, com um complemento (Comp) e um especificador (Spec) a estrutura X-barra se torna uma árvore, como representado abaixo.

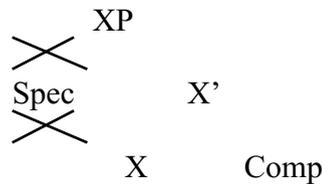


Figura 2: Representação dos níveis de um constituinte e suas relações (MIOTO, 2000, p.50)

Que postulemos a existência dos níveis de projeção máximo e mínimo parece algo facilmente aceitável, já que o nível mínimo é preenchido pelo próprio item lexical, com existência indiscutível; e o nível máximo, por sua vez, é um constituinte e como tal pode ser deslocado. Nenhuma dessas duas propriedades é diretamente observável no nível intermediário. Ainda assim, estipulamos a existência desse nível intermediário, porque temos necessidade de um nóculo que represente a localidade da relação que um núcleo tem com o seu complemento, distinta daquela que ele tem com o seu especificador. (MIOTO, 2000, p. 51).

As categorias sintagmáticas que dão o valor à variável X são de natureza endocêntrica. Isso significa que um sintagma só pode comportar um núcleo que seja de mesma natureza. Explica Mioto (2000) que a definição das categorias lexicais se dá pela combinação de apenas dois traços distintivos fundamentais, a saber: o traço nominal [N] e o traço verbal [V]. Por sua vez, esses traços são associados a dois valores opostos entre si: (+) ou (-). Assim, a combinação entre os traços e os valores resulta nas quatro possibilidades de categorias lexicais descritas pela GU, como observado no quadro a seguir:

	[+N]	[-N]
--	------	------

[-V]	Nome	Preposição
[+V]	Adjetivo	Verbo

Quadro 1: Formação das categorias lexicais (MIOTO, 2000, p. 56)

Partindo desse pressuposto, preveem-se como categorias lexicais das línguas naturais as categorias N (nome), A (adjetivo), V (verbo) e P (preposição). Tais categorias são responsáveis por determinar o valor dos núcleos lexicais que compõem os sintagmas. Dessa forma teremos os NPs, os APs, os VPs e os PPs.

Em se tratando do VP, a sua estrutura está intrinsecamente ligada ao número de argumentos selecionados pelo núcleo V, de forma que a seleção ou não seleção de tais argumentos, como também a natureza categorial e semântica desses, estão diretamente ligadas ao tipo de verbo e às relações que esse estabelece com os seus argumentos. A explicitação das relações estabelecidas entre o núcleo e seus argumentos é de fundamental importância, uma vez que a DS supõe que todos os papéis temáticos estejam atribuídos.

Após a formação da DS, é licenciada a movimentação dos constituintes, a qual irá ocasionar a formação de uma SS. É nesse nível de representação sintática que os constituintes se organizam na posição em que serão interpretados dentro da sentença.

A interpretação de uma sentença se dá por meio de outros dois níveis de representação postulados pela teoria, os quais fazem interface com a SS; o primeiro deles é a *Phonetic Form* (Forma Fonética – PF) e o segundo a *Logical Form* (Forma Lógica – LF). Entende-se por PF o nível de representação responsável pela interpretação fonética da sentença, uma vez que essa pode ser compreendida (de modo simplista) como uma sequência de sons. E entende-se por LF o nível de representação responsável pela interpretação semântica da sentença, uma vez que essa possui um determinado sentido estrutural.

Com base nos níveis de representação mencionados, o modelo de representação sintática de uma sentença é proposto pela teoria gerativa, como apresentado a seguir.

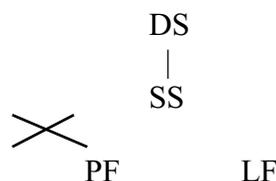


Figura 3: Modelo de representação sintática (MIOTO, 2000, p.29)

Esse modelo de representação idealizado pela teoria gerativa na fase da *Gramática Transformacional* (modelo Padrão) tem continuidade na fase da *Teoria de Regência e Ligação* (modelo de Princípios e Parâmetros) e sofre algumas modificações na fase atual da teoria, denominada como *Programa Minimalista*.

O Programa Minimalista (PM) dá uma nova forma aos pressupostos originais, tendo em vista explicitar o modo como propriedades específicas de uma língua são identificadas e representadas. Nessa nova fase da teoria, apenas os níveis de representação PF e LF são adotados, os quais são responsáveis pelo pareamento entre som/forma e sentido. Assume-se ainda, de acordo com o PM, uma interface entre os níveis de representação (PF e LF) e os sistemas de *performance*, ou seja, entre o sistema articulatório-perceptual (interface fonético-fonológica – PF) e o sistema de pensamento (interface semântica – LF). A premissa defendida nesta fase da teoria é a hipótese de que a Faculdade da Linguagem possui domínios que são regidos por questões de economia e otimização. Dentro dessa perspectiva encontramos vertentes de cunho lexicalista (Chomsky 1995) e do âmbito da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993).

### **2.1.1 Na visão lexicalista**

Em perspectiva lexicalista, Chomsky (1995, p. 326) concebe o léxico como “um repertório de ‘exceções’, aquilo que não é uma consequência de princípios gerais.” Em outras palavras, o repertório de todas as propriedades dos itens lexicais, o qual comporta toda a informação paramétrica específica de uma determinada língua. Dessa forma, os itens lexicais são compreendidos como matrizes de traços fonéticos, semânticos e formais, os quais são interpretados por um sistema computacional inscrito na mente humana, sistema este que é sensível às informações contidas no léxico, algo que vai além da mera aquisição de regras.

A composição desse sistema computacional se dá através de operações de *Select* (seleção), *Agree* (concordância), *Merge* (aglutinação) e *Move* (movimento). Essas operações são determinadas pela seleção dos itens lexicais e de seus respectivos traços para a formação da Numeração. Assim, o sistema computacional atua sobre os traços formais dos itens lexicais selecionados, a fim de que, em algum momento da derivação sintática, as informações relevantes que constituirão o *spell-out* sejam enviadas à interface PF, prosseguindo, em seguida, à interface LF. A partir dessas postulações, é idealizado o esqueleto arquitetônico de como a língua é organizada na mente/cérebro, como representado a seguir. Esse esqueleto arquitetônico

não mais inclui os níveis de representação DS e SS porque, no PM, Chomsky (1995) assume a existência apenas dos níveis empiricamente motivados, permanecendo apenas os níveis de interface PF e LF.

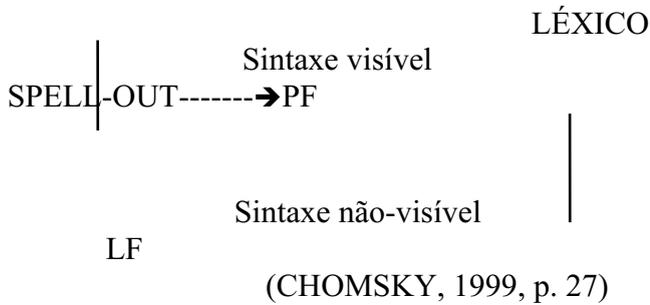


Figura 4: Esqueleto arquitetônico do PM

De acordo com essa visão, o léxico é o responsável pelo fornecimento de itens lexicais, cujos traços formais que a eles se associam são interpretados pelo sistema computacional. Após a seleção dos itens lexicais, o sistema computacional aciona a operação *Agree*, a qual elimina da sintaxe estrita os traços formais não-interpretáveis associados aos itens selecionados. Os traços formais que forem interpretáveis são enviados à LF a fim de que sejam interpretados juntamente com os traços semânticos. Os traços fonológicos, por sua vez, são interpretados em PF.

Conforme Chomsky (1995), os traços não-interpretáveis diferem dos traços interpretáveis pelo fato de não possuírem dimensões valoradas, ou seja, pelo fato de não possuírem valor em si mesmos. O valor desses traços é adquirido mediante a relação sintática estabelecida no decorrer de uma dada derivação. Um exemplo que clarifica a distinção entre os traços é o fenômeno da concordância verbal:

os traços de número e pessoa que se encontram morfológicamente expressos em um verbo não são aí interpretados. Esses traços são interpretáveis em nominais. Logo, a expressão morfológica desses traços no verbo é decorrente de um processo sintático de concordância verbal, formalmente descrita, no modelo minimalista, como o pareamento entre os traços de número e pessoa, presentes no domínio verbal, sem valor definido, e aqueles de um nominal, de mesma natureza e valores definidos, com o qual o verbo estabelece uma relação sintática específica, do tipo sujeito/verbo. (AUGUSTO, 2007, p. 275-276).

A vertente lexicalista minimalista postula ainda que a especificação da categoria sintática, assim como as características semânticas, é determinada pelas propriedades dos itens lexicais fornecidos pelo léxico. Assim, por essa perspectiva, a estrutura argumental de um núcleo é especificada pelas propriedades de seleção semântica e sintática dos itens lexicais, as

quais indicam quantos argumentos um núcleo licencia e que funções semânticas cada um desses argumentos recebe.

Segundo a análise gerativista, os argumentos são entidades que se ligam a predicadores, sendo selecionados a partir da grelha temática do predicador com o qual estabelecem ligação, de maneira que um verbo pode ter de zero a três argumentos, sendo de zero a um externo e de zero a dois internos (cf. DUARTE; BRITO, 2003). De acordo com Chomsky e Lasnik (1995), para receber uma função- $\theta$  (uma função temática ou papel temático) particular, os traços semânticos inerentes de um argumento devem ser compatíveis com essa função. Desse modo, segundo a abordagem gerativa, as propriedades de seleção semântica de um predicador são definidas pelos papéis temáticos que este atribui aos seus argumentos.

O verbo, predicador por excelência, pode atribuir aos seus argumentos papéis temáticos de AGENTE, FONTE, EXPERIENCIADOR, LOCATIVO, ALVO E TEMA. Sendo assim, o papel de AGENTE é atribuído à entidade, quase sempre humana, que controla a eventualidade descrita pelo verbo. O papel de FONTE é atribuído à entidade que reside na origem da eventualidade descrita pelo verbo, mas que não tem o controle sobre ela. Por sua vez, o papel de EXPERIENCIADOR é atribuído à entidade, física ou psicológica, que experimenta um dado estado psicológico ou físico. O papel de LOCATIVO expressa a localização espacial de uma determinada entidade. O papel de ALVO é atribuído à entidade para a qual algo é transferido, seja em um sentido locativo ou não. Por fim, o papel de TEMA é atribuído à entidade criada pela eventualidade descrita pelo verbo e que pode mudar de lugar, posse ou estado (cf. FILLMORE, 1968; JACKENDOFF, 1972).

Explica Miotto (2000) que o que promove a identificação de um papel temático de um dado DP é o Caso que lhe é atribuído, de forma que todo DP pronunciado precisa, necessariamente, ter Caso. É através do Caso que se torna possível a interpretação dos DPs em uma sentença.

“[...] numa sentença o DP marcado por nominativo pode ser o agente, o marcado por acusativo pode ser o tema e assim por diante. Sem o Caso, não estaria indicado qual o papel temático do DP.” (MIOTTO, 2000, p. 115)

No português, são três os Casos a serem atribuídos aos DPs, a saber: o nominativo, o acusativo e o oblíquo. O Caso nominativo tem por atribuidor o núcleo funcional I finito; o Caso acusativo tem por atribuidor o núcleo lexical V; e o Caso oblíquo é atribuído pelo núcleo lexical P (MIOTTO, 2000, p.117).

No que se refere à seleção sintática ou categorial dos itens lexicais, entende-se que os argumentos selecionados por um determinado predicador devem apresentar propriedades categoriais específicas. A natureza categorial desses argumentos deve ser compatível com o tipo de predicador e o tipo de relação de regência e de dependência lexical a ser estabelecida por esse predicador. No que se refere ao sintagma verbal, esse pode ter por complemento as seguintes categorias sintagmáticas: NP, PP e um número reduzido de AdvPs, além de frases completas.

Desse modo, de acordo com a abordagem gerativa, o não respeito aos princípios universais, como o princípio de seleção semântica, seleção categorial e Caso, resulta na construção de estruturas agramaticais, cuja interpretabilidade poderá ser severamente comprometida.

### 2.1.2 Na visão da *Morfologia Distribuída*

A Morfologia Distribuída (MD), concebida dentro do quadro teórico gerativista, tem por alicerce os pressupostos elementares de uma gramática de Princípios e Parâmetros. Todavia, embora apresente os mesmos fundamentos da vertente lexicalista, muitas são as disparidades existentes entre elas, dentre as quais podemos destacar um nível de representação adicional proposto pela MD.

De acordo com a MD, faz-se necessária a postulação de um nível de representação que se caracterize como uma interface entre a sintaxe e a fonologia, ou seja, um nível que seja uma representação sintática, mas que também sirva como parte da fonologia, na qual “fonologia” é concebida como “o componente interpretativo que realiza fonologicamente representações sintáticas” (HALLE e MARANTZ, 1993, p. 114). Esse nível adicional de representação é denominado como *Morphological Structure* (Estrutura Morfológica – MS), sua adição dá uma nova forma ao modelo de representação sintática, como diagramado a seguir:

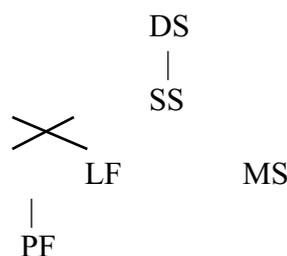


Figura 5: Modelo de representação sintática da MD (HALLE e MARANTZ, 1993, p. 112)

A adição do nível de representação MS é justificada na MD pela necessidade de haver um nível de representação capaz de explicar a organização linear de uma sentença. Segundo a MD, nos níveis de representação DS, SS e LF, ocorre somente o agrupamento hierárquico de constituintes, sem que seja expressa nenhuma linearidade entre os morfemas, linearidade esta que todas as sentenças exibem em PF. Desse modo, a teoria assume que a ordem linear de morfemas é estabelecida por regras ou princípios que relacionam SS com MS e, por conseguinte, PF.

If hierarchical tree structures of terminal nodes (morphemes) within both words and phrases constitute the representations at every level of grammatical analysis, we might expect the organization of phonological pieces (stems and affixes) in the structure at PF to be isomorphic to the hierarchical arrangement of morphosyntactic terminal elements in the syntax. As already remarked, in many instances there seems to be no one-to-one relation between terminal elements in the syntax and phonological pieces, nor does the organization and bracketing of the phonological pieces directly reflect the syntactic bracketing. (HALLE e MARANTZ, 1993, p. 114-115)

Desse modo, a MD concebe por MS um nível de representação gramatical com seus próprios princípios e propriedades, o qual é capaz de solucionar as incompatibilidades aparentes entre a organização das bases morfossintáticas e a organização das bases fonológicas. Nesse novo modelo da teoria gerativa, as representações sintáticas em cada um dos cinco níveis consistem em agrupamentos hierárquicos de elementos terminais, os quais são diagramados nas árvores familiares. Tais elementos são compostos por traços exclusivamente morfossintáticos/semânticos e, somente após a inserção de vocabulário na MS, são supridos de traços fonológicos.

De acordo com a MD, as entradas que compõem o vocabulário de uma língua são compostas por dois conjuntos distintos de traços, a saber: traços fonológicos e traços morfossintáticos/semânticos. Os traços fonológicos são fornecidos aos morfemas somente na MS, algo que ocorre através de um mecanismo denominado pela teoria como inserção de vocabulário (HALLE e MARANTZ, 1993, p. 122). Entendido dessa maneira, a teoria defende a tese de que o vocabulário de uma língua não desempenha nenhum papel na criação de nós terminais na DS.

That is, the particular set of universal and/or language-particular semantic and syntactic features chosen for a terminal node is not constrained by whether or not that set of features appears in any Vocabulary entry in the language. (HALLE e MARANTZ, 1993, p. 122).

Desse modo, segundo a MD, os traços morfossintáticos e semânticos que constituem os morfemas na DS, SS e LF são agrupados, em certa medida, de forma livre. Isso significa que, embora os traços complexos desses três níveis devam satisfazer todas as restrições universais e idiomáticas na combinação de tais traços, eles não são necessariamente idênticos aos traços complexos de itens vocabulários realmente ocorrentes de uma língua. No entanto, isso não impede que a inserção de vocabulário aconteça, uma vez que a inserção exige apenas que o agrupamento de traços do item vocabular seja indistinto dos traços do nó terminal em MS que serve como ponto de inserção. Dessa forma, a competição entre os itens vocabulários que são indistintos dos traços de um nó terminal na MS garante que o item vocabular que corresponder à maioria dos traços do nó será inserido. (HALLE e MARANTZ, 1993, p. 122-123).

Nessa perspectiva, o vocabulário pode ser concebido como “o repositório do conhecimento que os falantes têm sobre a inter-relação entre o agrupamento de traços morfossintáticos caracterizando um morfema e seus traços fonológicos, ou seja, sobre o mapeamento de traços morfossintáticos em complexos traços fonológicos” (HALLE e MARANTZ, 1993, p.123).

Desse modo, uma das características que difere a MD do Lexicalismo é o fato de que, para a MD, não é exigido que as bases fonológicas contenham todos os traços necessários para explicar o comportamento das palavras que elas criam, uma vez que tais palavras só podem ser especificadas por aqueles traços que determinam qual morfema é inserido em qual nó terminal.

Diferente do Lexicalismo, a MD não endossa a hipótese que concebe o léxico como o componente gerador das palavras e como o responsável por alimentar as interfaces PF e LF. Segundo a perspectiva teórica da MD, os dogmas lexicalistas que por muito tempo foram inevitáveis para se conceber e estruturar uma gramática passam a ser dispensáveis e até mesmo desnecessários. Ao extinguir o léxico como o componente gerador das palavras, a MD (MARANTZ, 1997) postula um novo formato à Faculdade da Linguagem (ver em Figura 6), de acordo com o qual as palavras são geradas a partir de informações armazenadas em três módulos/listas inscritos na Faculdade da Linguagem; sob os quais se estrutura o modelo.

#### Structure of Grammar

List 1 → Computational System (Syntax)



List 2 → Phonology            LF



Phonetic interface                      Semantic interface ← List 3

(Computational System = “merge and move”)

Figura 6: Modelo arquitetônico da faculdade da linguagem conforme a MD  
(MARANTZ, 1997,204)

De acordo com o modelo proposto pela MD, a Lista 1 (Lista dos traços morfossintáticos) é composta pelas raízes e os morfemas abstratos, ou seja, é composta pelas raízes atômicas da língua e pelos complexos de traços gramaticais determinados pelos princípios da GU e, possivelmente, pela língua particular. Uma vez que os conjuntos de traços são formados livremente (apenas sujeitos aos princípios de formação), essa Lista pode ser concebida como “geradora”. Desse modo, a Lista 1 é então a responsável por prover as unidades com as quais a sintaxe opera, sendo, portanto, dentro da MD, uma substituta direta do léxico (MARANTZ, 1997).

A Lista 2 (Vocabulário) é concebida, segundo a abordagem da MD, como a responsável por fornecer aos nós terminais da sintaxe as formas fonológicas, de maneira que, nessa Lista, são estabelecidas as conexões entre os conjuntos de traços gramaticais e os traços fonológicos, e, por conseguinte, as conexões entre os nós terminais e sua realização fonológica. Como visto anteriormente, os itens de Vocabulário são especificados pelos traços dos nós terminais da sintaxe. Desse modo, a inserção de tais itens se dá mediante competição, cujo vencedor será o item cujos traços forem os mais indistintos dos traços dos nós terminais. Essa Lista não possui um caráter gerador, mas sim expansivo (MARANTZ, 1997).

Por sua vez, na Lista 3 (Enciclopédia), conforme postulado pela MD, estão contidos os significados especiais de raízes em particular, os quais se relacionam com o contexto sintático das raízes. Dito de outra maneira, a Lista 3 se constitui enquanto uma lista de informações enciclopédicas, as quais são consultadas a fim de que se estabeleça o significado de uma raiz em um dado contexto sintático.

Nesse sentido, de acordo com os postulados da MD, descarta-se a necessidade de haver duas computações distintas, sendo uma para formar as palavras (Numeração) e outra para gerar as sentenças (*Merger* e *Move*), visto que, segundo a MD, as palavras podem e são geradas pela mesma computação sintática que gera as sentenças (*Merger* e *Move*).

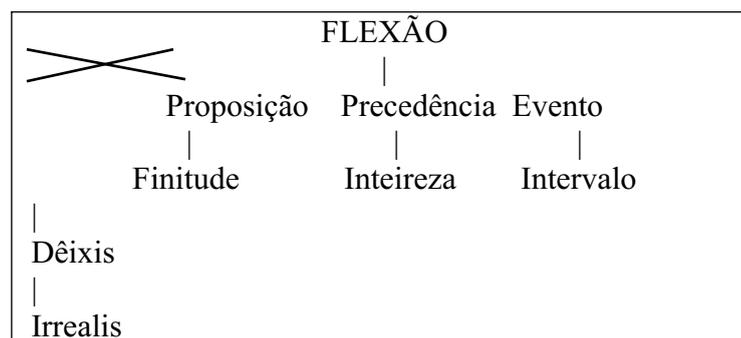
A Morfologia Distribuída propõe que qualquer processo de formação, seja de palavras, seja de constituintes maiores, ocorre no Sistema Computacional (componente sintático). Consequentemente, as mesmas operações que

formam as sentenças estão na base da formação das palavras: concatenar (*merge*) e mover (*move*). Essas operações vão manipular traços, que são os elementos básicos da computação e a partir dos quais vão ser geradas tanto as palavras como as sentenças (BASSANI; LUNGUINHO, 2011, p. 04).

Assim, o que alimenta a sintaxe não são itens lexicais prontos (com um morfema categorial), mas traços abstratos responsáveis por geraras palavras, valendo-se da mesma computação sintática que gera as sentenças, ou seja, no próprio sistema computacional. Para Marantz (1997), o equívoco na vertente lexicalista é o de conceber a “palavra” como um composto complexo, e não como um composto de unidades atômicas não-analisável.

The failure of lexicalism is simply the falsification of an attractive and reasonable hypothesis: that the “word” (in some sense) is a privileged domain in grammar. (MARANTZ, 1997, 223)

Em se tratando do verbo, para Freitag (2005), as formas verbais presentes nas línguas naturais codificam tempo, modalidade e aspecto a partir de um arranjo de traços. Da leitura que a autora faz de Cowper (2003), considera-se que toda a diversidade de formas verbais existentes nas línguas naturais seja codificada através da combinação de traços arranjáveis que integram o complexo flexional do verbo, os quais são: traços temporais, modais e aspectuais. Conforme essa hipótese, tais traços são concebidos como componentes da GU. Assim, o arranjo dos traços verbais inscritos na GU, proposto por Cowper (2003), é elaborado como o disposto no quadro a seguir:



Quadro 2: Conjunto de traços de flexão de Cowper (2003)

Fonte: Freitag (2005, p. 422)

Conforme observado no quadro 2, o arranjo dos traços verbais é tripartido, de forma que o primeiro módulo formado pelos traços [Proposição], [Finitude], [Dêixis] e [Irrealis] decodifica o conteúdo modal; já o segundo módulo composto pelos traços [Precedência] e

[Inteireza] decodifica o conteúdo temporal; por sua vez, o terceiro módulo formado pelos traços [Evento] e [Intervalo] decodifica o conteúdo aspectual.

Cada traço é responsável pela expressão de um significado específico. O traço [Evento] distingue eventos de todo tipo de estados. O traço [Intervalo] distingue eventos internamente subdivididos em fases (imperfectivos). O traço [Precedência] estabelece relação (que pode ser de simultaneidade ou inclusão) entre uma sentença e sua âncora temporal. O traço [Inteireza] requer a relação de precedência para estabelecer relação entre todos os momentos do evento e a âncora temporal. O traço [Proposição] distingue eventos e estados de suas manifestações cognitivas. O traço [Finitude], conteúdo puramente sintático, licencia caso para sujeito estrutural e concordância com os traços- $\phi$  com o verbo. Se uma sentença encaixada é finita, é interpretada como proposição. O traço [Dêixis] refere-se aos conjuntos de âncora temporal e/ou pessoal da sentença em relação ao centro dêitico da enunciação/discurso. As línguas podem tomar a dêixis sentencial como uma única propriedade ou dividi-la em [T-dêixis] e [P-dêixis]. O traço [Irrealis] estabelece relação entre a proposição (P) e a “consciência” com o centro dêitico (C). A relação *default* é  $P \dot{\circ} C$  (P pertence a C). As relações irrealis podem ser de dois tipos:  $C \ddagger P$  (C decorre de P), realizadas pelos modais do inglês *will, must*; e  $\neg[C \ddagger \neg P]$  (P é compatível com C), realizadas pelos modais do inglês *can e may*. (FREITAG, 2005, p. 422).

Segundo essa perspectiva, os traços possuem valor monovalente, ou seja, diferente dos demais traços que possuem valor binário (+) e (-) (como [+V], [-N], [-passado], etc.), a interpretação dos traços que integram o arranjo flexional dos verbos se dá pela presença ou ausência de um traço específico.

## 2.2 A categoria verbal em libras

Como visto no capítulo anterior, a libras, assim como as demais línguas de sinais, enquadra-se no domínio das línguas naturais, tendo por elemento diferencial, apenas, o seu modo de articulação (gestovisual). Isso significa que, por se caracterizar como língua natural, a libras deve ser regida pelos princípios universais contidos na GU. Um dos universais linguísticos contidos na GU é a presença de categorias lexicais, as quais compõem parte da estrutura sintática subjacente de toda língua natural.

Segundo Miotto (2000), uma das propriedades características das categorias lexicais é a capacidade de selecionar semanticamente (s-selecionar) os seus argumentos. Em se tratando das línguas gestovisuais, entende-se por argumentos todos os sinais capazes de saturar os núcleos predicadores, os quais são previstos pela estrutura temática do predicador.

De acordo com Almeida (2013), é possível identificar em libras quatro possibilidades de saturação de núcleos predicadores, as quais são: saturação por sinais lexicais, saturação por Localizadores (Locs), saturação por categorias vazias e autossaturação. Conforme a autora, a

saturação por sinais lexicais ocorre quando cada um dos argumentos corresponde a um sinal com a composição MLMov. A saturação por Locs ocorre quando o argumento se realiza como um ponto no espaço físico que corresponde a um referencial real ou imaginário. Já a saturação por categorias vazias ocorre quando o argumento não é preenchido por nenhum sinal articulado e nem se relaciona a algum ponto do espaço físico (como na saturação por Locs). Por sua vez, a autossaturação ocorre quando encontramos predicador e argumento (interno ou externo) em um único sinal articulado como unidade MLMov.

Em se tratando do verbo (predicador por excelência), Silva (2015) identifica sinais que, de acordo com o contexto sintático em que ocorrem, podem ser definidos como núcleos de um VP. Conforme a autora, é possível identificar em libras a ocorrência de verbos transitivos, inergativos, inacusativos e verbo auxiliar, de sorte que, conforme apresentado por ela: os transitivos são predicadores verbais capazes de selecionar de dois a três argumentos, como em (4); os inergativos são predicadores verbais que selecionam apenas o argumento externo, como em (5); os inacusativos são predicadores verbais que selecionam apenas o argumento interno sem que lhe seja atribuído o caso *acusativo*, como em (6); e o verbo auxiliar ocorre, em libras, como operador de futuro, como em (7).

(4)  $\begin{matrix} \epsilon & \text{h} \\ \text{m} & \text{h} \end{matrix} \text{Y}; \quad \begin{matrix} \epsilon & \text{h} \\ \text{m} & \text{h} \end{matrix} \text{Y}:$

Ø PERGUNT[ar]<sub>LocPORCO</sub> À DIREITA Ø PERGUNT[ar]<sub>LocPORCO</sub> À ESQUERDA

$-\dot{\zeta} \begin{matrix} \epsilon & \text{z} \\ \text{S} & \text{z} \end{matrix} \dots \begin{matrix} \leftarrow & \rightarrow \\ \text{m} & \text{m} \end{matrix} \cdot \text{z} \quad \begin{matrix} \text{z} \\ \text{z} \end{matrix} \text{z}?$

POD[er] CONSTRU[ir]<sup>de alvenaria</sup> RÁPID[o]?

$\begin{matrix} \text{z} \\ \text{z} \end{matrix} \text{h} \text{Y} \quad \begin{matrix} \text{z} \\ \text{z} \end{matrix} \text{z} \quad \begin{matrix} \leftarrow & \rightarrow \\ \text{m} & \text{m} \end{matrix} \cdot \text{z}?$

VOCÊ RÁPID[o] CONSTRU[ir]<sup>de alvenaria</sup>?

‘O porco à direita perguntou ao porco à esquerda: – É possível construir (a casa) rápido? Você pode construir rápido?’. (SILVA, 2015, p. 87)

(5)  $\begin{matrix} \epsilon & \text{z} \\ \text{S} & \text{z} \end{matrix} \text{z} \cdot \text{z} \quad \begin{matrix} \text{z} & \text{z} \\ \text{m} & \text{m} \end{matrix} \quad \begin{matrix} \epsilon & \text{z} \\ \text{z} & \text{z} \end{matrix} \text{z}.$

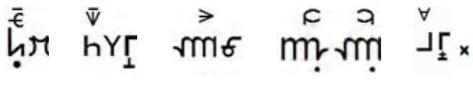
ØCORR[er] MOR[adia] ESCOND[er]

‘O porco correu e se escondeu em casa’. (SILVA, 2015, p. 90)

(6)  $\text{m} \begin{matrix} \bar{\epsilon} & \bar{\text{z}} \\ \text{L} & \text{z} \end{matrix} \text{z} \dots \text{z} \quad \begin{matrix} \text{z} \\ \text{z} \end{matrix} \text{z} \cdot \text{z}$

ØNASC[er] SÃO PAULO

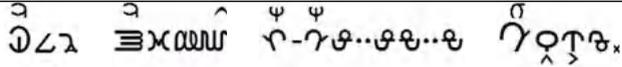
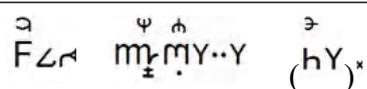
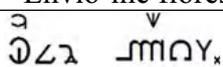
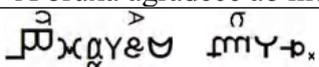
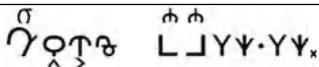
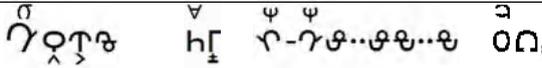
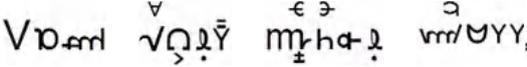
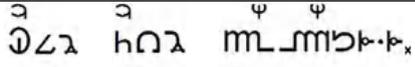
‘Eu nasci em São Paulo’. (SILVA, 2015, p. 91)

(7) 

EU [ir] CHEG[ar] MORA[dia]TARDE

‘Eu vou chegar em casa tarde.’ (SILVA, 2015, p. 111)

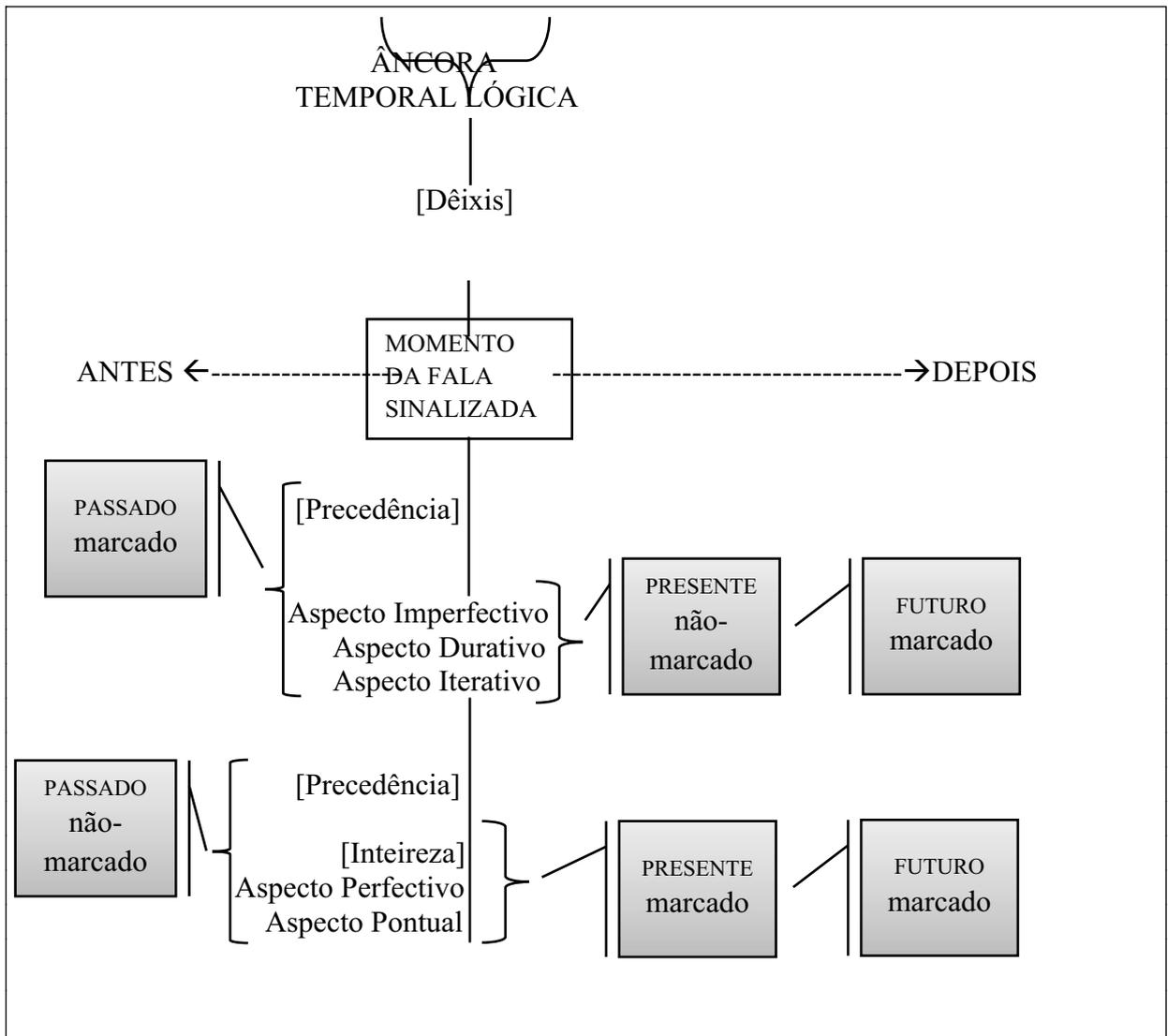
Com base na identificação dos tipos articulatorios de sinais em libras, Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) observam a ocorrência não apenas de verbos plenos, mas também do copulativo “ser”, que pode ocorrer ou não em libras, e do auxiliar “ir”. No quadro abaixo, as autoras apresentam os tipos de verbos encontrados em seu *corpus*:

 BRUX[a] ADOT[ar] BEBÊ CINDERELA ‘A bruxa adota o bebê Cinderela.’	ADOTAR - verbo transitivo
 FLOR ENVI[ar] <sub>Loc</sub> VOCÊ (VOCÊ) ‘Envio-lhe flores.’	ENVIAR - verbo ditransitivo-direcional
 BRUX[a] AGRADEC[er] <sub>Loc</sub> MENSAGEIRO ‘A bruxa agradece ao mensageiro.’	AGRADECER - verbo ditransitivo-direcional
 MÃE MORR[er] ‘A mãe morre.’	MORRER - verbo inacusativo
 CINDERELA TRABALH[ar] ‘Cinderela trabalha.’	TRABALHAR - verbo inergativo
 CINDERELA S[er] BEBÊ INOCEN[te] ‘Cinderela é bebê inocente.’	SER - verbo copulativo
 [ir] HISTÓRIA LocHISTÓRIA NARR[a] ‘Vou uma história narrar.’	IR - verbo auxiliar e NARRAR - verbo transitivo
 BRUX[a] MAND[ar] TRABALH[ar] <sub>SERVIÇO DOMÉSTICO</sub> ‘A bruxa manda fazer o serviço doméstico.’	MANDAR - verbo causativo e TRABALHAR <sub>SERVIÇO</sub>

DOMÉSTICO – verbo autossaturado
---------------------------------

Quadro 3: Tipos de verbos, identificados conforme a estrutura argumental do VP em libras (Adaptado de ALMEIDA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2014, p. 278)

Silva (2015) e Silva e Lessa-de-Oliveira (2016) assumem que as categorias tempo e aspecto, em libras, se manifestam por meio de um conjunto de traços universais disponíveis na GU arranjados pela língua (libras) através de recursos não flexionais que têm por âncora a propriedade da dêixis; como representado no quadro a seguir:



Quadro 4: Marcação de tempo em libras (SILVA, 2015, p. 112)

Desse modo, segundo a análise apresentada por Silva (2015) e Silva e Lessa-de-Oliveira (2016), com base em *Âncora Temporal Lógica*, completos, os eventos e processos só existem no passado; no presente, os eventos e processos não estão completos e, quando se completam,

tornam-se passado; e o mesmo se pode dizer dos eventos e processos futuros, que não têm sua existência concretizada, a não ser quando esses estiverem completamente no passado. Assim:

[...] o sistema de marcação temporal que se estrutura na Libras parte de uma Âncora Temporal Lógica, que associa: o passado marcado (isto é, com a presença de operadores marcados) à presença do traço [Precedência] somente; o passado não-marcado à presença dos traços [Precedência]+[Inteireza]; o presente marcado à presença do traço [Inteireza] somente; e o presente não-marcado à ausência de qualquer desses traços. (SILVA, 2015, p. 141)

Através dos exemplos a seguir, as autoras demonstram essa hipótese. Os verbos ‘chegar’ e ‘morrer’ são pontuais e ‘morar’ e ‘estudar’ não são. Nesses exemplos verifica-se, conforme as autoras, que a ocorrência ou não de um marcador temporal fonologicamente realizado está associada ao aspecto verbal e, em alguns casos, também a características pragmáticas.

- (8) a.  $\bar{\epsilon}$   $\bar{\epsilon}$   $\bar{\epsilon}$   $\bar{\nu}$   
 h̄ɿɿ m̄ɿ-m̄ɿ h̄ɿɿ  
 EU MOR[ar] AQUI  
 ‘Eu moro aqui.’
- b.  $\bar{\nu}$   $\bar{\epsilon}$   $\bar{\epsilon}$   $\bar{\nu}$   
 ɿɿɿɿ h̄ɿɿ m̄ɿ-m̄ɿ h̄ɿɿ  
 PASSADO EU MOR[ar] AQUI  
 ‘Eu morava/morei aqui.’
- c.  $\bar{\epsilon}$   $\bar{\epsilon}$   $\bar{\epsilon}$   $\bar{\nu}$   
 Fɿ h̄ɿɿ m̄ɿ-m̄ɿ h̄ɿɿ  
 FUTURO EU MOR[ar] AQUI  
 ‘Eu vou morar aqui.’ ou ‘Eu morarei aqui.’
- (9) a.  $\bar{\nu}$   $\bar{\nu}$   $\bar{\nu}$   
 ʌɿɿɿɿɿ ɿɿɿɿɿ  
 J-O-Ã-O CHEG[ar]  
 ‘João chegou.’
- b.  $\bar{\nu}$   $\bar{\epsilon}$   $\bar{\nu}$   $\bar{\epsilon}$   $\bar{\nu}$   
 h̄ɿɿɿ h̄ɿɿ ɿɿɿɿ m̄ɿ-m̄ɿ ɿɿɿ  
 TODO DIA EU CHEG[ar] MORA[dia] TARDE  
 ‘Todo dia eu chego em casa tarde.’
- c.  $\bar{\nu}$   $\bar{\nu}$   $\bar{\nu}$   $\bar{\nu}$   
 ʌɿɿɿɿɿ ɿɿɿɿɿ ɿɿɿɿɿ  
 J-O-Ã-O CHEG[ar] AMANHÃ  
 ‘João chegará amanhã.’

d.  $\overset{\triangleright}{\text{AM}}\overset{\sim}{\text{L}}\overset{\sim}{\text{O}}\overset{\sim}{\text{D}}\overset{\sim}{\text{O}}$   $\overset{\triangleright}{\text{m}}\overset{\sim}{\text{t}}\overset{\sim}{\text{c}}$   $\overset{\psi}{\text{m}}\text{-}$   $\overset{\psi}{\text{m}}\overset{\sim}{\text{t}}\overset{\sim}{\text{c}}\overset{\sim}{\text{e}}\overset{\sim}{\text{e}}\overset{\sim}{\text{x}}$   
 J-O-Ã-O CHEG[ar] HOJE  
 ‘João chegou/chegará hoje.’

(Adaptado de SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 12-13)

Conforme análise das autoras, a ocorrência do tempo presente em (8a) se dá sem marcador temporal explícito por conta do aspecto não-pontual do verbo. O presente não-marcado desses verbos contrasta com a necessidade de uma marca para a realização do pretérito (8b) e do futuro (8c). Já em (9a) vemos que o aspecto pontual do verbo implica uma interpretação de pretérito na ausência de um marcador temporal explícito, constituindo o passado não-marcado. O exemplo (9a) contrasta com (9b), (9c) e (9e) em que ocorrem, respectivamente, os marcadores TODO DIA, AMANHÃ e HOJE. O sinal TODO DIA traz para o evento, em (9b), um aspecto iterativo e habitual num intervalo de tempo presente. Temos aí o presente marcado. E o marcador AMANHÃ garante a interpretação de futuro a (9c). Já o marcador HOJE provoca uma ambiguidade temporal em (9d). Explicam as autoras que, como o evento CHEG[ar] é pontual, a sua ocorrência pode se dar em diferentes pontos do intervalo do dia em curso, tanto antes como depois do momento da fala e a presença de HOJE cria a possibilidade também da leitura de futuro porque é perfeitamente possível a ocorrência de um fato dentro do dia em curso, mas posterior ao momento da fala. Elas observam que, “em português, a frase ‘João chega hoje’ apresenta uma leitura de futuro, isto é, ocorrência do fato após o momento da fala, não obstante a ausência de qualquer marca de futuro, seja como flexão verbal seja como advérbio” (SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 13).

As autoras mostram a seguir, através do exemplo (10b) em contraste com (10a), também uma interpretação ambígua, em que o plural do sujeito modifica, de certa forma, a condição aspectual do verbo não-pontual, agregando a esse o aspecto iterativo. Conforme explicam elas, uma vez que as mortes podem ocorrer em momentos diferentes, o evento estende-se por um intervalo de tempo maior porque se repete, embora continue sendo pontual. Há nesse caso uma leitura de presente não-marcado. Mas essa sentença também admite uma leitura de passado não-marcado, perfectivo, uma vez que se admite também a interpretação de evento ao aspecto pontual, em que todas as pessoas morreram ao mesmo tempo. Já em (10c) o operador  $\overset{\psi}{\text{m}}\overset{\sim}{\text{t}}\overset{\sim}{\text{c}}$  marca o tempo passado, e a sentença apresenta uma ambiguidade que se limita ao aspecto

perfectivo ou imperfectivo também pelo fato de se tratar de um evento pontual e iterativo devido à pluralidade.

- (10) a.  $\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{W}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{M}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}}\overset{\bar{\nu}}{\text{R}}\overset{\bar{\nu}}{\text{R}}\overset{\bar{\nu}}{\text{P}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{H}}\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{Q}}\overset{\bar{\nu}}{\text{U}}\overset{\bar{\nu}}{\text{I}}$   
 JOÃO MORR[er] AQUI  
 ‘João morreu aqui.’
- b.  $\overset{\bar{\nu}}{\text{W}}\overset{\bar{\nu}}{\text{W}}\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{W}}\overset{\bar{\nu}}{\text{W}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{M}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}}\overset{\bar{\nu}}{\text{R}}\overset{\bar{\nu}}{\text{R}}\overset{\bar{\nu}}{\text{P}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{M}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}}\overset{\bar{\nu}}{\text{R}}\overset{\bar{\nu}}{\text{R}}\overset{\bar{\nu}}{\text{P}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{H}}\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{Q}}\overset{\bar{\nu}}{\text{U}}\overset{\bar{\nu}}{\text{I}}$   
 MUIT[as] PESSOA[s] MORR[er] AQUI  
 ‘Muitas pessoas morrem/morreram aqui.’
- c.  $\overset{\bar{\nu}}{\text{P}}\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{S}}\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{D}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{M}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}}\overset{\bar{\nu}}{\text{I}}\overset{\bar{\nu}}{\text{T}}\overset{\bar{\nu}}{\text{P}}\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{S}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{P}}\overset{\bar{\nu}}{\text{E}}\overset{\bar{\nu}}{\text{S}}\overset{\bar{\nu}}{\text{S}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}}\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{S}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{M}}\overset{\bar{\nu}}{\text{O}}\overset{\bar{\nu}}{\text{R}}\overset{\bar{\nu}}{\text{R}}\overset{\bar{\nu}}{\text{P}} \quad \overset{\bar{\nu}}{\text{H}}\overset{\bar{\nu}}{\text{A}}\overset{\bar{\nu}}{\text{Q}}\overset{\bar{\nu}}{\text{U}}\overset{\bar{\nu}}{\text{I}}$   
 PASSADO MUIT[as] PESSOA[s] MORR[er] AQUI  
 ‘No passado, muitas pessoas morreram/morriam aqui.’

(SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 14)

À luz do arcabouço teórico disposto, conduzimos a nossa pesquisa sob os postulados da teoria gerativa, focalizando, principalmente, a seleção dos itens lexicais, mais precisamente, do sintagma verbal na composição das sentenças; a fim de identificar características inerentes à interlíngua dos surdos brasileiros que provocam a não convergência desta com o PB. Para tanto, diante da bifurcação Lexicalismo V.S. MD, conduzimos as nossas análises sob a vertente da MD, uma vez que esta, a nosso ver, fornece respostas mais precisas no que se refere ao fenômeno observado.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Sujeitos informantes**

O *corpus* dessa pesquisa é composto por 14 amostras de produção espontânea de escrita em língua portuguesa (interlíngua português-libras), as quais foram produzidas por 14 sujeitos-informantes surdos, sendo 01 produção de cada participante da pesquisa. 13 dos textos coletados foram produzidos com tema livre e em ambiente escolar, 01 foi produzido em ambiente domiciliar como cumprimento de uma atividade proposta pelo professor; todos foram produzidos sem qualquer intervenção do intérprete ou familiares.

A participação de todos os sujeitos-informantes nessa pesquisa foi voluntária e resguardada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UEB) mediante assinatura do Termo de Livre Esclarecimento. A coleta das produções se deu em duas instituições públicas da rede regular de ensino, sendo estas o Colégio Estadual Abdias Menezes (CEAM) e a Escola Municipal Paulo Freire Caic (CAIC), ambas situadas em Vitória da Conquista - BA. As produções consistem em 13 textos produzidos livremente dentro do contexto cotidiano de atividades desenvolvidas no acompanhamento especializado da sala de recursos multifuncionais para pessoas com deficiência e 01 relatório de estágio solicitado pelo professor como requisito obrigatório para a conclusão da disciplina.

O grupo pesquisado é composto por 14 sujeitos-informantes com surdez profunda, os quais têm entre 15 e 30 anos de idade. Todos são falantes de libras, sendo esta o recurso linguístico de comunicação dessas pessoas em ambiente social. Por serem todos oriundos de famílias ouvintes, eles se valem de sinais domésticos para estabelecer a comunicação em ambiente familiar. Todos aprenderam libras na escola através de professores ouvintes falantes de libras como L2 e do contato com outros surdos falantes de libras como L1. Dos 14 sujeitos-informantes, 4 cursam o Ensino Fundamental II, 8 cursam o Ensino Médio, 1 concluiu o Ensino Médio (todos na rede regular de ensino) e 1 cursa o Ensino Superior.

#### **3.2 Metodologia utilizada na realização da pesquisa**

A metodologia adotada neste estudo é a de análise de amostras de produção naturalística realizada em ambiente escolar com fins pedagógicos, isto é, trata-se de material escrito por surdos, que não foram produzidos especificamente para servirem de objeto de investigação

neste estudo. Podemos classificar também este como um estudo transversal, já que foi coletada apenas uma amostra por indivíduo.

A opção por coleta de dados dessa natureza se deveu ao tipo de pesquisa e objeto de nosso estudo. Para investigação do processo de aquisição da categoria verbal em libras, a coleta de amostras naturalísticas se mostra bastante apropriada porque tais amostras apresentam dados suficientes por si para evidenciar o processo de aquisição dentro da concepção inatista de aquisição da linguagem, a qual pressupõe investigação do processo de internalização de propriedades do sistema abstrato que se constitui de princípios universais e parâmetros relativos à língua particular em aquisição. Pressupõe-se que uma investigação nessa perspectiva deve encontrar evidências dos objetos abstratos que procura nas sentenças produzidas como fala natural.

Como método de transcrição, nosso primeiro passo foi digitar as produções coletadas, tais como escritas, a fim de facilitar o manuseio com os dados; em seguida, devido à ausência de sinais de pontuação e a falhas na coesão textual, fez-se necessária a segmentação das sentenças a fim de que as estruturas linguísticas fossem delimitadas; por fim, foi realizada a inserção de itens lexicais a fim de estabelecer a convergência entre as estruturas da interlíngua e o PB. A segmentação e a inserção de itens lexicais foram realizadas através de critérios pré-estabelecidos (ver capítulo IV).

O passo a seguir foi a descrição dos dados, focalizando as estruturas não convergentes com o PB, referentes ao uso do sintagma verbal, que foram evidenciadas no *corpus*. Com a descrição, chegamos aos valores quantitativos de ocorrências inadequadas de verbos na interlíngua, os quais foram dispostos em forma de gráfico. Os valores qualitativos, por sua vez, foram apresentados em forma de discussão.

Em nossa análise, buscamos verificar também a convergência entre os verbos analisados e a estrutura da libras. Para essa discussão, utilizamos alguns dados da libras, os quais foram transcritos em escrita SEL, sistema de escrita para línguas de sinais desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012). Alguns desses dados já foram citados por outros autores (SANDES-DASILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2013; SILVA, 2015) em suas pesquisas e alguns são dados que coletamos através de teste de aceitabilidade com surdos. Também transcrevemos os dados por meio de glosas. Utilizamos em nossas glosas as seguintes regras, já utilizadas por Silva (2015, p.7):

- I. Os sinais são sempre grafados em caixa alta.

- II. A datilologia é grafada com hifens separando os caracteres, como por exemplo, C-O-N-Q-U-I-S-T-A.
- III. Os morfemas flexionais ou derivacionais são escritos com letras minúsculas e colocados entre colchetes sempre que houver algum tipo de oposição possível, por exemplo, TRABALH[o]/TRABALH[ar]; CAS[ar]/CAS[amento].
- IV. Se houver dupla possibilidade de inclusão de um morfema, colocamos os dois entre colchetes separados por uma barra, por exemplo, EL[e/a].
- V. A intensificação de um sinal por mudança de ritmo do movimento ou por expressão facial e a negação por sinal que já inclui essa propriedade são representadas pela escrita das palavras “muito” e “não”, em letras minúsculas sobrescrito, do lado direito do sinal. Ex.: FOR[te/ça]<sup>muito</sup>; QUER[er]<sup>não</sup>.
- VI. Apontações por Localizadores são grafadas, utilizando-se a abreviação Loc com o referente indicado pelo Localizador grafado logo em seguida com letra maiúscula. Ex.: LocMARIA.
- VII. Apontações por verbos direcionais são grafadas, utilizando-se a abreviação Loc com sua indicação do referente subscritos. Ex.: LocVOCÊAVIS[ar]<sub>LocEU</sub>.
- VIII. O fenômeno da incorporação de argumentos (ou autossaturação) é indicado pela subscrição do argumento escrito em maiúsculas. Ex.: BAT[er]<sub>A PORTA</sub>
- IX. Categorias vazias são indicadas pelo símbolo Ø.

## 4 CARACTERÍSTICAS DA INTERLÍNGUA (PORTUGUÊS-LIBRAS) DOS SUJEITOS PESQUISADOS

### 4.1 Descrição de aspectos da seleção semântica e categorial: retomando o trabalho de IC

Sandes-da-Silva e Lessa-de-Oliveira (2013) mostram que, para além do problema com a flexão verbal, as produções textuais escritas, de pessoas surdas, estudadas revelam que os problemas gramaticais, relativamente à convergência com o português brasileiro (PB), estão relacionados principalmente a uma inadequação na seleção lexical do verbo e também à seleção categorial inadequada dos argumentos do verbo. E isto leva, muitas vezes, ao comprometimento da identificação dos papéis semânticos, isto é, a interpretabilidade da sentença fica comprometida. Os dados apresentados pelas autoras foram extraídos de um texto produzido por um sujeito-informante surdo, usuário de libras, não oralizado, filho de pais surdos, com a idade de 15 anos, estudante do 1º ano no Ensino Médio na rede regular de ensino. A seguir, alguns dados e as respectivas análises propostas pelas autoras:

- (11) \*Futuro que mudar melhor pode ser.
  - (12) \*Susto tem arma de fogo.
  - (13) Passado que vida mudou consegue como explicar.
  - (14) \*Professor ensina simples.
  - (15) \*Hoje tem muito crescem como tecnologia nova.
  - (16) \*Gente andou tempo.
  - (17) \*Ajudar consegue pessoas saúde melhor.
- (SANDES-DA-SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2013)

As autoras explicam que, na sentença (11), o DP ‘o futuro’ não pode ser selecionado como argumento externo do verbo ‘mudar’, pois o papel temático que se atribui ao argumento externo desse verbo é o de FONTE, desse modo, o DP ‘o futuro’ só está apto a ser selecionado como argumento interno do verbo ‘mudar’ recebendo assim o papel temático de TEMA em uma construção transitiva ou inacusativa. Portanto, o DP ‘futuro’ em (11), selecionado como argumento interno pode ser interpretado como antecedente numa relativa, cujo termo relativizado é o argumento interno do verbo da relativa. O problema de convergência com o PB se localiza na seleção lexical do verbo ‘mudar’. O mais adequado seria o verbo ‘transformar’, na sua forma pronominal, isto é acompanhado de ‘se’. Nesse caso, o argumento externo desse verbo seria um DP nulo.

Em (12), analisam as autoras que o DP ‘o susto’ não pode ser selecionado como argumento externo do verbo ‘ter’, pois o papel temático que se atribui ao argumento externo desse verbo é o de LOCATIVO. Ou seja, o sintagma ‘susto’, ao ser selecionado como argumento externo do verbo ‘ter’ assumiria o papel de LOCATIVO (em sentido abstrato) do verbo ‘ter’ (com sentido de posse), o qual é incompatível com a propriedade semântica desse sintagma, resultando em uma construção não convergente em PB. Outra possibilidade é analisar ‘ter’ como verbo existencial nesse contexto. Nesse caso, não há argumento externo previsto para ‘ter’ e ‘susto’ pode ser interpretado como um tópico ou uma interjeição, não pertencente à mesma sentença de ‘ter’. Nessa segunda possibilidade de análise, a sentença ‘tem arma de fogo’ é gramatical para o PB e o problema da interpretabilidade se restringe a ‘susto’, que, como interjeição, precisaria de um determinante como ‘que’ e, como tópico, ocorre em contexto incomum em PB. Além disso, há falta de pontuação adequada.

A sentença (13) constitui-se, segundo as autoras, como uma oração subordinada relativa restritiva não convergente com o PB, uma vez que o preenchimento da grelha temática do verbo da oração subordinada se dá de forma inadequada, comprometendo assim o preenchimento da grelha temática da oração principal. A grelha temática do verbo ‘mudar’ apresenta dois argumentos, aos quais são atribuídos os papéis temáticos de FONTE (ao argumento externo) e de TEMA (ao argumento interno). Nessas circunstâncias, houve um equívoco na escolha lexical dos DPs ‘o passado’ e ‘a vida’ para preenchimento da grelha temática desse verbo nesse exemplo, pois ambos não possuem propriedade semântica compatível com a atribuição do papel de FONTE desse verbo. Ambos poderiam receber o papel de TEMA, numa construção inacusativa (o passado mudou; a vida mudou), o que não é o caso da construção apresentada nesse exemplo. Além disso, observamos que o DP ‘o passado’ não pode receber o papel de FONTE se o papel de TEMA for atribuído ao DP ‘a vida’. Da mesma forma, o DP ‘a vida’ não pode receber o papel de FONTE se o papel de TEMA for atribuído ao DP ‘o passado’. Nesse mesmo sentido, a grelha temática do verbo ‘conseguir’ apresenta dois argumentos, aos quais também são atribuídos o papel de FONTE (ao argumento externo) e o papel de TEMA (ao argumento interno). Desse modo, o DP ‘passado que vida mudou’ (resultado de construção equivocada) não pode ser selecionado como argumento externo desse verbo, pois não possui propriedade semântica compatível com o papel de FONTE do verbo ‘conseguir’.

Em (14), o AP ‘simples’ não pode, conforme as autoras, ser selecionado para preencher a grelha temática do verbo ‘ensinar’ na condição de argumento interno, pois, para a estrutura prevista em PB, tal núcleo verbal só pode selecionar como argumento interno um DP, em uma construção transitiva direta. Um PP também pode ser selecionado por esse verbo como um

segundo argumento interno. O constituinte ‘simples’ pode estar ocupando, na intenção do falante, o lugar do adjunto adverbial ‘com simplicidade’. Mesmo nesse caso há um problema de incompatibilidade categorial, uma vez que, como adjunto adverbial, este constituinte deve ser um PP e não um AP.

Na sentença (15), o constituinte ‘crescem’, na forma verbal finita (com flexão - IP), não pode ser selecionado como argumento interno do verbo existencial ‘ter’, como explicam as autoras, mesmo porque um núcleo verbal não pode ser argumento de outro núcleo verbal. Desse modo, a categoria adequada para o preenchimento desse núcleo verbal em PB seria o DP ‘crescimento’.

O verbo ‘andar’, por se tratar de um verbo inergativo, seleciona apenas um argumento para preencher sua grelha temática, o qual, na condição de argumento externo, recebe o papel de FONTE por parte desse verbo. Todavia, tal núcleo verbal pode ser acompanhado por um adjunto, ou seja, por um constituinte que faça parte da interpretação situacional, mas que não é selecionado por nenhum dos itens lexicais da frase. Nesse sentido, as autoras entendem que, em (16), a escolha do NP ‘tempo’ foi completamente equivocada ao compor essa estrutura em PB, pois, além do núcleo verbal ‘andar’ não selecionar para si argumento interno, ele só pode ter por adjunto um AdvP ou um PP.

Partindo do pressuposto de que um núcleo verbal não pode selecionar outro núcleo verbal como argumento, devendo este selecionar categorias máximas (como um InfP), temos, na sentença (17), um problema com a forma finita ‘consegue’. Além disso, ‘ajudar’ selecionaria nesse caso o PP ‘a conseguir’ como argumento interno. Já a forma infinitiva ‘ajudar’ deveria ser precedida por um núcleo verbal finito, como ‘pode’ ou ‘deve’, que o teria selecionado. Os outros dois constituintes presentes na sentença, ‘pessoas’ e ‘saúde melhor’, poderiam ser selecionados como argumentos internos dos verbos ‘ajudar’ e ‘consegue’ respectivamente, desde que apresentassem um D realizado foneticamente. Mas há também um problema de posição do argumento interno de ‘ajudar’, que está fora do domínio local de seu predicador. E há ainda a possibilidade de uma inversão na construção dessa locução verbal, a qual seria ‘consegue ajudar’. Nesse caso, o InfP ‘ajudar pessoas’ seria argumento interno de ‘consegue’. Mas o constituinte ‘saúde melhor’ fica sem função gramatical nessa sentença, uma vez que não há um predicador que o seleciona como argumento nem se estabelece uma relação de adjunção desse constituinte com os VPs da sentença, pois esse não é nem um PP nem um AdvP. Além disso, com ou sem inversão, ocorre a falta de seleção de um argumento externo, ao qual seria atribuído o papel de AGENTE por parte do verbo ‘ajudar’, ou o papel de FONTE por parte do verbo ‘consegue’. Tal ausência resulta em um problema de referência que contribui

ativamente para a não convergência dessa construção com os parâmetros do PB, conforme evidenciam as autoras.

Com base nos dados e na discussão apresentada por Sandes-da-Silva e Lessa-de-Oliveira (2013), podemos concluir que a aquisição da escrita do PB por pessoas surdas, ou mais precisamente, a aquisição da estrutura argumental, no que diz respeito à seleção categorial, encontra-se em estado de consolidação, no qual são evidenciadas construções não convergentes com a estrutura do PB, típicas desse processo de aquisição, as quais se caracterizam como um sistema de interlíngua.

## **4.2 Descrição de aspectos da categoria verbal nos dados desta pesquisa**

### **4.2.1 Primeira etapa da análise dos dados: a segmentação das sentenças**

A produção textual de uma pessoa surda, na maioria dos casos, é relevantemente marcada por uma série de características que, muitas vezes, dificultam e até mesmo impossibilitam a plena compreensão do texto, sendo muitos deles relacionados à composição da estrutura argumental, a aspectos textuais (coerência e coesão) e a demais aspectos gramaticais (flexão, regência, etc.). Dentre essas características, destacamos a ausência de segmentação decorrente de falhas na coesão e da falta de pontuação como a primeira característica a ser analisada no trato com os dados, característica essa que torna a tarefa de delimitação da estrutura argumental e das próprias sentenças (que é geralmente simples) em algo extremamente trabalhoso e impreciso.

A delimitação da estrutura argumental e das sentenças é de fundamental importância para a investigação do nosso objeto de pesquisa, de forma a podermos obter resultados em seu caráter quantitativo. Visto então a impossibilidade de segmentar a grande maioria dos dados a partir dos sinais de pontuação, a segmentação foi realizada mediante interpretação.

A fim de exemplificar o problema decorrente da falta de segmentação, apresentaremos 3 textos, os quais foram digitados tal como escritos pelos sujeitos-informantes, respeitando inclusive a delimitação de cada linha. Devido à falta de pontuação e a uma estrutura de interlíngua, distante do PB, os dados dão margem a variadas interpretações e a várias possibilidades de segmentações. Apresentamos, a seguir, esses textos e as possibilidades de segmentação das sentenças. Ao longo da análise, vamos separando os trechos a serem segmentados, considerando as possibilidades ou não dos fragmentos desse trecho estarem na mesma sentença.

Considerando a caracterização de uma interlíngua como a que pressupõem “a existência de um processo de aquisição de língua mediado por outra língua, (idealmente) a L1 (mas não necessariamente)” (MESQUITA; SALLES, 2010, p.157), realizamos a segmentação das sentenças, tomando os critérios seguintes na ordem em que se apresentam:

- I- Interpretar e segmentar a sentença com base em tema(s) geral(is) do texto.
- II- Inserir o mínimo possível de itens para obtenção da gramaticalidade da sentença conforme o PB.

Seguindo tais critérios, realizamos as segmentações dos textos analisados neste estudo. Para a reescrita dos textos utilizamos as seguintes regras:

- itens inseridos aparecem entre parênteses;
- itens eliminados aparecem tachados;
- itens alterados aparecem em itálico.

A seguir, apresentamos o trabalho de segmentação de três dos textos de nosso *corpus*, na seguinte ordem: transcrição do original; segmentação e análise de cada fragmento do texto; e reescrita do texto.

Eu feliz surdos muitos bom.  
 Você nossa surdos saúdades você muitas  
 pessoa tada eu ano feliz legal surdos mais amigas  
 surdas Camila, Beatriz, Ellem... muitos eu você saú-  
 dades bom muitos feliz legal você nossa hoje  
 ano novo 2015 feliz... Eu te amor

Quadro 5: Texto 1- transcrição do original

No caso do primeiro trecho, destacado em (18), observamos as possibilidades de segmentação em (19), inserindo a cópula ‘estou’ na primeira oração, sobre o que não se tem dúvida.

(18) |Eu feliz surdos muitos bom. |

- (19) a. |Eu (estou) feliz |(os) surdos (são) muitos bons. |  
 b. |Eu (estou) feliz| muitos surdos (são) bons. |  
 c. |Eu (estou) feliz (com os) surdos| muitos bom. |  
 d. |Eu (estou) feliz (com) *muitos* surdos bons. |  
 e. |Eu (estou) feliz| (na companhia de) *muitos* surdos| (que) bom. |

Quanto ao segundo fragmento desse trecho, podemos considerar as seguintes possibilidades: se o item ‘bom’ for considerado um AP predicativo do DP sujeito ‘surdos’, o item ‘muitos’, pode ser um AdvP adjunto, nesse caso temos a interpretação (19a), ou um quantificador, nesse caso temos a interpretação (19b). Já se o DP ‘surdos’ for considerado como complemento do AP ‘feliz’ mediante a inserção da preposição ‘com’, e ‘muito’ for um AdvP adjunto do AP ‘bom’, na composição de uma interjeição, temos a interpretação (19c); se todos os itens lexicais formarem uma única sentença, na qual o NP ‘surdos’ tem o quantificador ‘muito’ como seu determinante e ‘bom’ é um AP em posição de adjunto de N, a interpretação é (19d); e, por fim, a interpretação (19e) decorre da possibilidade de ‘muitos’ ser um quantificador do nome ‘surdos’, ficando o item ‘bom’ numa interjeição.

Temos, para o trecho destacado em (20) abaixo, as possibilidades de interpretação em (21).

- (20) |Você nossa surdos saúdades você|
- (21) a. |Você (com) nossos surdos| saúdades (de) você|  
 b. |Você (com) nós surdos| saúdades (de) você|  
 c. |Você (é um de) *nós* surdos| saúdades (de) você|  
 d. |Você (*conosco*) | (os) surdos (estão com) saúdades (de) você|

Fazendo a concordância do possessivo com ‘surdos’ e acrescentando a preposição ‘com’, a qual seleciona o DP ‘nossos surdos’, a interpretação é (21a). Entendendo ‘nossa’ como o pronome pessoal de primeira pessoa do plural, a interpretação é (21b), se acrescentamos a preposição ‘com’, é (21c), se acrescentamos uma cópula e formamos um DP partitivo ‘um de nós surdos’. E, substituindo o possessivo ‘nossa’ pelo PP ‘conosco’, compreendendo ‘surdos’ como sujeito da oração seguinte e acrescentando a cópula mais a preposição ‘com’, temos a interpretação (21d).

Mas se compreendemos ‘muitas’, do trecho (22) como quantificador do Nome ‘saudades’, do trecho (20), e o PP ‘(de) você’ aí como seu complemento e, ainda, ‘tada’ como quantificador de pessoas, temos (23a). Mas considerando que ‘muitas’ faz parte da sentença seguinte, nesse caso temos (23b). Nesse contexto o item ‘tada’, pode ser interpretado como ‘todos’.

(22) |muitas pessoa tada|

(23) a. | *muitas* saudades (de) você, de toda(s) as pessoas|

b. |(há) muitas pessoas (aqui agora), todos|

No trecho em (24), encontramos uma oração em que, inequivocamente, pode ser inserido o verbo ‘ter’ no pretérito perfeito. Quanto aos demais fragmentos desse trecho, temos as possibilidades de análise em (25).

(24) |eu ano feliz legal surdos|

(25) a. Eu (tive um) ano feliz (e) legal|

b. Eu (tive um) ano feliz| surdos legais|

c. Eu (tive um) ano feliz (e) legal (com os) surdos|

d. Eu (tive um) ano feliz (e) legal (com) *mais* surdos|

e. Eu (tive um) ano feliz| legal|surdos|

Compreendendo o AP ‘legal’ como um AP adjunto do Nome ‘ano’ coordenado com o AP ‘feliz’ a interpretação é (25a). Compreendendo ‘legal’ como AP predicativo de ‘surdos’ e a cópula elíptica, temos a interpretação em (25b). Compreendendo todos os itens lexicais como uma única sentença mediante a inserção de um PP, a interpretação é (25c), ou (25d) se consideramos ‘mais’, do trecho (26), como quantificador que seleciona o NP ‘surdos’ como complemento. ‘Legal’ e ‘mais surdos’ podem ser compreendidos também simplesmente como interjeições à parte. Nesse caso temos a interpretação (25e).

Para o trecho (26), temos as possibilidades em (27).

(26) |mais amigas surdas Camila, Beatriz, Ellem... muitos eu você saudades|

- (27) a. |(Mas)~~mais~~ (as) amigas surdas(:) Camila, Beatriz, Ellem... muitos(,) eu(,) você (, estou com) saudades|  
 b. |(fiz) mais amigas surdas(:) Camila, Beatriz, Ellem... muitas| eu (estava com) *saudades* (de)você|

Em (27a), o item ‘mais’ seria a conjunção ‘mas’, considerando a interpretação de que haveria um contraste entre essa frase e a anterior no sentido de que o sujeito-autor está feliz pelos novos surdos com que teve contato no ano de 2014, mas lamenta a distância das amigas antigas, listando-as e falando de sua saudade desse grupo em que inclui a si mesmo (eu) e a seu interlocutor (você). Já em (27b), verificamos a possibilidade da interpretação de ‘mais’ como um quantificador (mais/muitas amigas), ficando a segmentação dessa sentença depois de ‘muitas’. O contexto sugere que o DP ‘mais amigas surdas’ é objeto de ‘fiz’. No trecho seguinte temos uma sentença com cópula elíptica, e ausência das preposições.

No trecho (28), se o AP ‘bom’ for compreendido como uma sentença com a cópula elíptica, ou seja, como uma interjeição, e ‘muitos’ como AdvP adjungido a ‘bom’, a interpretação será (29a). Mas, se consideramos o AP ‘feliz’ como predicativo do sujeito (nulo) e o AdvP ‘muito’ como um adjunto adverbial, fazendo-se necessária a inserção da cópula ‘estar’, teremos a interpretação em (29b).

(28) |bom muitos feliz|

- (29) a. |muitosbom|(estou) feliz|  
 b. |bom (você aqui)|(Estou) muitos feliz|

No próximo trecho, substituindo o pronome ‘nossa’ pelo PP ‘conosco’, a fim de melhor se adequar ao contexto numa sentença de cópula elíptica, e concebendo o AP ‘legal’ e os trechos ‘ano novo’ e ‘2015 feliz’ como interjeições, teremos a interpretação em (31a), se consideramos ‘hoje’ como um adjunto do VP dessa oração, e (31b), se consideramos ‘hoje’ (o dia de hoje) como DP sujeito da oração seguinte.

(30) |legal você nossa hoje ano novo 2015 feliz...|

- (31) a. |legal, você ~~nossa~~(conosco) hoje| (é) ano novo | (um) 2015feliz... |  
 b. |legal, você ~~nossa~~(conosco) | hoje (é) ano novo | *feliz* 2015...|

Por fim, se o DP ‘amor’ for substituído pelo VP ‘amar’ a fim de melhor se adequar ao contexto, a sentença no trecho (32) será (33).

(32) |Eu te amor|

(33) |Eu te amor|

Como dito anteriormente, um dos critérios de nossa análise é considerar o contexto interpretativo geral do texto para poder identificar entre as possibilidades de interpretação levantadas para cada trecho, a que se aproxima da intenção do sujeito-autor. Com base nisso, verificamos que o texto 1 desenvolve os temas: reencontro de uma pessoa amiga, felicidade por fazer muitas amizades, reunindo um grupo razoável de surdos e felicitação pela passagem de ano. Assim, para o texto 1 destacamos como interpretações que mais se aproximam desses temas as seguintes: (19e), (21c), (23b), (25c), (27b), (29b), (31a) e (33).

|Eu (estou) feliz (na companhia de) *muitos* surdos| (que) bom. |Você (é um de) *nós* surdos| saudades (de) você| (há) muitas pessoas (aqui agora) (,) todos(.)|Eu (tive um) ano feliz (e) legal (com os) surdos|(fiz) mais amigas surdas(:) Camila, Beatriz, Ellem... *muitas*(.)| Eu (estava com) *saudades* (de)você|bom (você aqui)(.)|(Estou) *muitos* feliz(,)|legal| você ~~nossa~~ (conosco)(.)Hoje| (é) ano novo(.) | (Um) 2015feliz... |Eu te amor|

Quadro 6: Texto 1 segmentado

No quadro 7 a seguir, apresentamos a transcrição do texto 2. O texto fala de relações familiares, lembranças, futuro, paternidade, amor pela filha.

Oi Ela Ba tnde muito sempre saudades  
 Iram famillia lembra meu Brimo  
 muito milha filha gosta muito  
 lembra futuro messa meu filha  
 amor certo feliz muito sempre mãe  
 melho fiho Ana lucia ano pai lave  
 legal muito gosto saudade ano 2012

Quadro 7: Texto 2 original

O texto se inicia com uma saudação ‘oi’ e segue com a apresentação de uma pessoa, realizando uma cópula nula entre ‘ela’ e ‘Ba’, que parece ser um nome próprio. O trecho (34) continua com uma palavra ilegível, mas que pelas letras e o contexto pode ser compreendida como o verbo ‘ter’. A interpretação desse trecho é (35a), se compreendemos que esse verbo está na 1ª pessoa, cuja forma apresentada, inclusive, lembra visualmente a 1ª pessoa desse verbo ‘tnde/tenho’, o que faz muito sentido, uma vez que a relação dos surdos com a língua oral escrita é inteiramente visual. Mas se compreendemos esse verbo na 3ª pessoa, a interpretação é (35b).

(34) |Oi |Ela Ba| tnde muito sempre saudades|

(35) a. |Oi |Ela (é) Ba| *tenho* muitas saudades (dela) *sempre*|

b. |Oi |Ela (é) Ba|(ela) *tem* muitas saudades (da família) *sempre*|

O trecho (36), a seguir, dá espaço a várias possibilidades de leitura. Compreendendo ‘família’ como argumento interno, temos a interpretação em (37a), se ‘eu’ for o argumento externo, na forma de sujeito nulo, o que é bem comum em libras, sobretudo na 1ª pessoa, temos a interpretação em (37b), e se o argumento externo for ‘ela’, temos a interpretação em (37c), se o argumento externo for nulo arbitrário. Já se o DP ‘meu primo’ for concebido como argumento externo do VP ‘lembrar’ e o DP ‘família’ como argumento interno, teremos a interpretação (37d). Por fim, se o DP ‘família’ for considerado como argumento externo do VP ‘lembrar’ e o DP ‘meu primo’ como argumento interno, temos a interpretação (37e).

(36) |Iram família lembra| meu primo muito|

- (37) a. ~~irei~~ (da) família lembra(r)|  
 b. |ela ~~irá~~ (da) família lembra(r)|  
 c. |~~Irão~~ lembra(r) (da) família |  
 d. |meu primo ~~irá~~ (da) família lembra(r) muito|  
 e. |~~irá~~ (a) família lembra(r) (de) meu *primo* muito|

Incluindo o DP ‘meu primo’ no trecho (38), se consideramos o DP ‘meu primo’ como argumento externo do verbo ‘gostar’, o DP ‘minha filha’ como argumento interno e o AdvP ‘muito’ como adjunto, temos (39a); se consideramos o DP ‘minha filha’ como argumento externo do verbo ‘gostar’ e o DP ‘meu primo’ como ‘argumento interno’, temos (39b); e se consideramos ‘meu primo’ em uma posição de tópico frasal, temos (39c). Não incluindo o DP ‘meu primo’ nesse trecho e interpretando o DP ‘minha filha’ como argumento interno, temos em (39d) a possibilidade de compreender o sujeito como nulo arbitrário e em (39e) a possibilidade de compreendê-lo como nulo de 1ª pessoa.

(38) |meu primo muito| minha filha gosta |

- (39) a. |meu *primo*(de) minha filha gosta *muito*|  
 b. |(de) meu primominha filha gosta *muito* |  
 c. |meu primo (,) minha filha gosta *muito*|  
 d |(de) minha filha gosta(m) *muito*|  
 e. |(de) minha filha gostomuito|

No trecho (40), há a possibilidade de interpretar o sujeito nulo como de 1ª (41a) ou de 3ª pessoa (41b).

(40) | muito lembra futuro|

- (41) a. |(vou me) lembra(r) *muito* (no) futuro |  
 b. |(vão se) lembra(r) *muito* (no) futuro |

Para o trecho (42), são possíveis as interpretações: (43a), se o DP ‘amor certo’ for considerado argumento interno do verbo ‘ter’ elíptico; (43b), se o DP ‘minha filha’ for considerado sujeito de ‘estar’ elíptico e o DP ‘amor certo’ predicativo desse sujeito; (43c), se ‘nessa *minha* filha’ for adjunto, ‘(o) amor’ sujeito de ‘estar’ elíptico e o AP ‘certo’ seu predicativo; e ainda há a possibilidade de (43d), interpretando ‘*futuro*’ como adjunto dessa sentença e o verbo *ter* como verbo implícito.

(42) futuro |messa meu filha amor certo|

(43) a. |dessa *minha* filha (tenho) amor certo|

b. |messa *minha* filha (é) amor certo|

c. |nessa *minha* filha (o) amor (é) certo|

d. |(no) *futuro* |messa *minha* filha (terá) amor certo|

Para o trecho (44) temos as possibilidades de interpretação: (45a), se consideramos um sujeito de primeira pessoa e um verbo copulativo elíptico, e (45b) ou (45c), se consideramos um sujeito de 3ª pessoa e também um verbo copulativo elíptico no presente ou no futuro, a depender do contexto; ou ainda (45d), compreendendo o DP ‘mãe’ como sujeito do verbo ‘estar’ (ausente), o AP ‘feliz’ como predicativo do sujeito e ‘muito sempre’ como dois adjuntos.

(44) |feliz muito sempre | mãe

(45) a. |(sou) *muito* feliz sempre|

b. | (ela é) *muito* feliz *sempre* |

c. | (ela será) *muito* feliz *sempre* |

d. |(a) mãe (é) *muito* feliz *sempre*|

Considerando o trecho (46), temos as possibilidades de interpretação: (47a), em que ‘*melho fiho*’ é o sujeito e ‘Ana lucia’ o predicativo, ligados por um copulativo elíptico, e ‘*mãe*’ está na posição de adjunto com a preposição nula; ou (47b), se interpretamos ‘*mãe*’ como um vocativo e não como um adjunto.

(46) | mãe *melho fiho* Ana lucia|

- (47) a. |(para a) mãe (a) melho(r) fi(l)ha (é) Ana *Lúcia*|  
 b. |mãe(,) (a) melho(r) fi(l)ha (é) Ana *Lúcia*|

A segmentação do trecho (48) é comprometida devido à má composição da estrutura argumental, a qual o torna agramatical. O VP ‘lave’ não possui propriedades semânticas compatíveis com o contexto no qual foi inserido, se o consideramos como o verbo ‘lavar’. Mas se consideramos que houve uma troca das vogais o verbo será levar, então haverá uma interpretação possível. Assim, temos (49a), considerando essa última hipótese, e (49b), se consideramos o verbo ‘ser’ como o mais adequado para o contexto em questão. Nesse caso, teríamos o AP ‘feliz’ como predicativo do sujeito, o DP ‘ano’ como sujeito do verbo ‘ser’ (ausente) e o CP ‘que fui pai’ como oração relativa cujo antecedente é o NP ‘ano’.

- (48) |ano pai lave legal muito|

- (49) a. |(esse) ano (o) pai leva (para passear) *muito* legal|  
 b. (o) ano (que fui) pai (foi) *muito* legal|

A segmentação do trecho posterior é imprecisa, uma vez que o AdvP ‘muito’ pode ser considerado tanto um adjunto do verbo ‘ser’ (ausente), como adjunto do verbo ‘gostar’. Assim, podemos fazer para (50) as interpretações (51a), no presente, ou (51b), no passado, a depender do contexto geral.

- (50) |gosto|

- (51) a.(eu) gosto (disso)|  
 b.(eu) gostei|

Por fim, o trecho (52) apresenta uma possibilidade mais simples de interpretação, exposta em (53).

- (52) |saudade ano 2012

- (53) |(que) saudade (do) ano (de) 2012

Considerando o contexto interpretativo geral do texto, verificamos que o texto 2, como já dissemos, desenvolve os temas: relações familiares, lembranças, futuro, paternidade, amor pela filha. Destacamos como interpretações que mais se aproximam desses temas as seguintes: (35a), (37b), (39b), (41b), (43d), (45c), (47a), (49b), (51b) e (53).

|Oi(.) |Ela (é) Ba(.)|*Tenho* muitas saudades (dela)  
*sempre*(.)(Ela) irá(m) (da) família (se)  
 lembra(r)(.)(De) meu primomilha filha gosta *muito*(.)  
 | (Vão se) lembra(r) *muito*(.) | (No) futuro ~~nessa~~  
*minha* filha (terá) amor certo(,)| (ela será) *muito*  
 feliz| *sempre*(.)| (Para a) mãe (a) ~~melhor~~ ~~filha~~ (é)  
 Ana *Lúcia*(.)| (O) ano (que fui) pai (foi) *muito* legal(,)|  
 (eu) ~~posso~~ ~~que~~ ~~faço~~ ~~de~~ ~~boa~~ ~~amizade~~ ~~de~~ ~~2012~~ a seguir, cuja temática trata do desejo de

fazer boas amizades, da saudade e do amor de Deus.

Eu vai feliz muito bem vocês quero ser  
 amigos pessoa feliz Natal ano Novo  
 2015 Nossa saudade bem certo Deus  
 amor verdade.

Quadro 9: Texto 3 original

A segmentação do trecho (54), a seguir, é bastante imprecisa, uma vez que o AdvP ‘muito’ pode estar ocorrendo como adjunto tanto do AP ‘feliz’ como do AdvP ‘bem’, que estão coordenados entre si. Assim, temos a possibilidade (55a), se ‘muito’ é adjunto de ‘feliz’, e a possibilidade (55b), se ‘muito’ é adjunto de ‘bem’. Mas, se o AdvP ‘bem’ for compreendido como predicativo do DP ‘vocês’, o AdvP ‘muito’ como um adjunto e o verbo ‘estar’ elíptico, teremos a interpretação (55c). E teremos a possibilidade da interpretação em (55d), se ‘muito’ for adjunto do AP ‘bom’ em vez do AdvP ‘bem’, já que em libras o mesmo sinal corresponde a ambos, além do nome ‘bondade’. Esse AP é interpretado como predicativo do sujeito oracional posposto ‘(ver/encontrar) vocês’ com verbo copulativo implícito.

(54) |Eu vai feliz muito bem vocês|

- (55) a. |Eu vou/(estou)  *muito* feliz (e) bem|  
 b. |Eu vou/(estou) feliz (e) muito bem|  
 c. |Eu vou/(estou) feliz| vocês (vão/estão) muito bem|  
 d. |Eu vou/(estou) feliz| muito bom (ver/encontrar) vocês|

Mas, se o DP ‘vocês’ for incluído no trecho (56) e compreendido como argumento externo do verbo ‘querer’, que tem um complemento oracional, temos a interpretação (57a). Há também a possibilidade de o complemento de ‘amigo’ ser ‘pessoas’. Nesse caso temos a interpretação (57b). Se o AP ‘amigos’ for compreendido como predicativo de um sujeito nulo ligado pelo verbo ‘ser’ e o DP ‘pessoa feliz’ ser entendido como seu complemento mediante a inserção do PP ‘de’, teremos a interpretação (57c).

(56) |vocês quero ser amigos pessoa feliz|

- (57) a. |(de) vocês quero ser amigos|  
 b. |quero ser amigos (de) pessoa(s)|  
 c. |quero ser amigos (de) pessoa(s) feliz(es).|

Se o AP ‘feliz’ for considerado como adjunto do DP ‘Natal’, havendo a repetição desse mesmo adjunto para ‘ano novo’ e ‘2015’, compõe-se uma interjeição. Temos, assim, a interpretação (59a) para (58). Se ‘2015’ se inclui na sentença seguinte, temos a interpretação (59b). Mas há a possibilidade de esse trecho trazer apenas adjuntos adverbiais da sentença anterior. Nesse caso temos a interpretação em (59c).

(58) |feliz Natal ano Novo 2015|

- (59) a. |Feliz Natal (e feliz) Ano Novo(!) (Feliz) 2015(!)|  
 b. |Feliz Natal (e feliz) Ano Novo(!)|  
 c. |no Natal (e no) Ano Novo(.)|

Compreendendo o DP ‘nossa saudade’ como sujeito do verbo ‘ser’ (nulo), o AP ‘bem certo’ como predicativo do sujeito e ‘ano 2015’ como um PP adjunto a essa sentença, teremos a

interpretação (61a) para (60). Mas, interpretando ‘bem’ como o adjetivo ‘boa’, a interpretação é (61b).

(60) |2015 Nossa saudade bem certo|

(61) a. |(Em 2015,) nossa saudade (será/é) bem certa(/certamente teremos saudades)|

b. nossa saudade (será/é) boa (,) certa|

Por fim, para o trecho (62) temos três possibilidades de interpretação. Em todas, verificamos um copulativo elíptico que liga o sujeito ‘Deus’ ao predicativo ‘amor’. Quanto ao DP ‘verdade’ esse pode ser uma interjeição, como em (63a); pode estar coordenado com ‘amor’, formando um predicativo complexo, como em (63b); ou pode ser um adjunto nesse predicativo, como em (63c).

(62) |Deus amor verdade|

(63) a. |Deus (é) amor(.)| Verdade(!)|

b. |Deus (é) amor (e) verdade(.)|

c. |Deus (é) amor (de) verdade(.)|

Tomando os critérios mencionados acima, chegamos à segmentação do texto 3 apresentada no quadro 9, assumindo as interpretações: (45d), (47c), (49c), (51a) e (53c).

|Eu vou/(estou) feliz(.)| Muito bom (ver/encontrar) vocês(.) |Quero ser amigos (de) pessoa(s) feliz(es)(,)| no Natal (e no) ano novo(.)| (Em 2015,) nossa saudade (será/é) bem certa(.) | Deus (é) amor (de) verdade(.)|

Quadro 10: Texto 3 segmentado

Vencido o obstáculo da falta de segmentação, podemos então partir para a descrição do nosso objeto de pesquisa.

#### **4.2.2 Segunda etapa da análise dos dados: observando os VPs na interlíngua**

Como visto na seção anterior, os problemas gramaticais evidenciados nas produções textuais de pessoas surdas vão além de meros desvios gramaticais oriundos da má utilização da flexão verbal e da ausência ou uso inadequado de elementos conectivos. A não convergência de tais produções com o PB atinge a composição da estrutura argumental no que se refere à seleção categorial e ao número de argumentos, ao ponto de comprometer a interpretabilidade da seleção semântica. Dando continuidade ao que já investigamos, conforme trabalho anteriormente apresentado, aprofundamos nosso estudo investigando agora a estrutura argumental no que diz respeito às especificidades do sintagma verbal, mais precisamente, à natureza aspectual dos VPs. Observamos também as seleções lexicais de verbo e argumentos.

Em nosso *corpus*, encontramos 16 ocorrências inadequadas de determinados verbos e 42 casos nos quais não se verificou a ocorrência de verbo articulado. Os critérios utilizados para essa verificação foram os mesmos já descritos na seção anterior, que repetimos a seguir:

- I- Interpretar e segmentar a sentença com base em tema(s) geral(is) do texto.
  
- II- Inserir o mínimo possível de itens para obtenção da gramaticalidade da sentença conforme o PB.

Norteados por esses critérios pré-estabelecidos para a análise, constatamos que a segmentação das sentenças de todo nosso *corpus* pressupõe a ocorrência de 161 verbos, dos quais 104 (65%) não apresentam problema quanto à seleção da raiz lexical do núcleoVP, dos quais 14 (9%) não compõem a estrutura argumental adequadamente; 15 (9%) ocorrem de forma não convergente com o PB e 42 (26%) não têm presença articulada (identificados como ‘Ausentes’), conforme apresentado no gráfico abaixo:

- Não convergentes com o PB quanto a seleção da raiz lexical do núcleo verbal
  - Ausentes
  - Convergentes com o PB quanto a seleção do núcleo verbal
- Convergentes com o PB quanto a seleção do núcleo verbal, mas não convergentes quanto a seleção argumental

Gráfico 1: Distribuição da ocorrência de verbos no *corpus* estudado

Nossa análise quantitativa aponta resultado interessante, visto que maior parte das estruturas argumentais verbais (65%) não apresentam problemas relativos à seleção lexical do núcleo verbal. Abaixo, seguem alguns exemplos desse tipo.

- (64) a. É importante no(s) aprofundarmos nos principal(ais) organizadores  
 b. Quero ser amigo (de) pessoa(s) feliz(es)  
 c. Eu quero viaja(r) ~~de~~ (para) São Paulo - SP  
 d. Eu não gosto (da) professora (de) português  
 e. Gostar (da) escola  
 f. Eu vai amanhã (de) manhã ~~hora~~ (às) 7:50 ~~onde~~ (na) AABB

Em (64a), a seleção da raiz lexical do núcleoVP é convergente com a estrutura do PB. O verbo copulativo “ser” ocorre adequadamente no contexto no qual foi inserido, desempenhando devidamente a função de ligar o CP “nos aprofundarmos nos principais organizadores” ao AP “importante”. Em (64b), temos a seleção da oração subordinada completiva verbal “ser amigo de pessoas felizes” para compor a estrutura argumental formada pelo VP “querer”. Uma seleção argumental que, embora apresente certo nível de complexidade, foi realizada de forma adequada. Em (64c), da mesma forma, temos a seleção da oração subordinada completiva verbal “viaja(r) *para* São Paulo” para compor a estrutura argumental que tem como núcleo o verbo “querer”, e, assim como em (64b), a seleção argumental converge. Todavia, encontramos

nesse dado um problema referente à inadequação da flexão verbal (possivelmente, fruto de um erro ortográfico). O verbo “viajar” que compõe a oração subordinada deveria ocorrer na sua forma infinitiva não flexionada (viajar), ao invés de ocorrer na 3ª pessoa do singular no presente do indicativo (viaja).

Em (64d), o verbo “gostar” ocorreu de forma convergente na composição da estrutura argumental também preenchida pelo DP “eu”, o PP “(da) professora (de) português” e acrescida pelo Neg “não”. Similarmente, em (64e), o verbo “gostar” também ocorreu de forma convergente na composição da estrutura argumental, a qual foi preenchida pelo DP “Ø” e o PP “da escola”. No entanto, encontramos nesse dado um problema referente à flexão verbal, uma vez que, o verbo “gostar”, que deveria ocorrer na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo (gosto) para melhor se adequar ao contexto, ocorreu na sua forma infinitiva não flexionada (gostar).

Em (64f), temos o verbo “ir” ocorrendo de forma convergente na composição da estrutura argumental também preenchida pelo DP “eu”, o PP “na AABB” e acrescida pelo AdvP “amanhã (de) manhã às 7:50”. Entretanto, embora a flexão verbal esteja adequada, encontramos nesse dado um problema de concordância. O verbo “ir” deveria ocorrer na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo (vou), ao invés de ocorrer na 3ª pessoa do singular no presente do indicativo (vai).

O problema da inadequação ou ausência da flexão verbal em produções textuais de surdos brasileiros aprendizes de português como L2 é apontado e discutido por muitos pesquisadores, de forma que a maioria das pesquisas alega ser esta a grande causa dos problemas gramaticais encontrados nessas produções. Esse discurso se apoia na evidência de que o PB dispõe de um acervo de flexão verbal rico, o que não ocorre na libras, de modo que os surdos, na aquisição do PB escrito, têm dificuldade em se apropriar de todo esse acervo flexional.

No *corpus* estudado, há dados que indicam certo nível de dificuldade por parte dos surdos em se apropriar de morfemas flexionais, de maneira que problemas de inadequação ou ausência da flexão verbal foram identificados ao longo de todo o *corpus*. No entanto, nossa análise quantitativa aponta resultado bastante interessante, o qual pode refutar esse tipo de alegação, que tem sido aceita comumente.

Os dados mostram que, dos 104 verbos que ocorreram de forma convergente com o PB, em 14 casos (14%) a flexão verbal foi inadequada, em 20 casos (19%) não foi realizada a flexão e 70 casos (67%) não apresentaram problemas quanto à flexão, conforme demonstrado no gráfico abaixo:

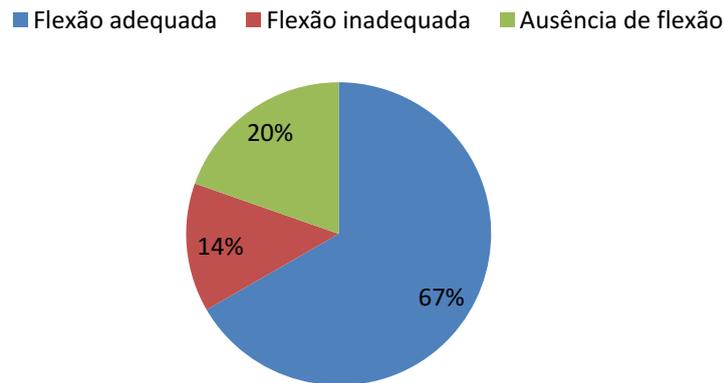


Gráfico 2: Distribuição da ocorrência de flexão verbal no *corpus* estudado

Como visto em capítulo anterior, toda aquisição de L2 traz consigo certo grau de dificuldade, todavia, ao se tratar da aquisição da modalidade escrita por brasileiros surdos, esse grau de dificuldade parece se agravar consideravelmente. Pelo fato de a aquisição da escrita partir da modalidade falada da língua, conforme assumimos com Kato (2005), o mais coerente é que a modalidade falada seja adquirida antes da modalidade escrita. No entanto, devido ao seu comprometimento auditivo, os surdos brasileiros, comumente, iniciam o processo de aquisição da modalidade escrita do PB sem que tenham vivenciado a aquisição da modalidade falada, algo que pode, em certa medida, justificar a ocorrência de problemas de flexão verbal, como os verificados em nosso *corpus*.

A grande maioria dos dados em que verificamos não convergência na flexão verbal, possivelmente, é fruto de equívocos ortográficos, o que sugere tentativas de acerto, ou seja, que a apropriação desses aspectos está em estado de consolidação. Por sua vez, a ausência da flexão verbal pode ser compreendida como uma característica da interlíngua, visto que se apresenta de forma bastante peculiar, evidenciando a tentativa dos surdos brasileiros para se expressar em PB escrito.

Quanto a não convergência, em relação ao PB, decorrentes de problemas com a seleção da raiz lexical do núcleo VP bem como os problemas que envolvem a seleção argumental, discutiremos, nesta seção, cada um desses problemas, os quais se apresentam enumerados a seguir. Analisamos dados dos textos acima segmentados e de outros textos cuja segmentação não apresentamos, mas que fazem parte do nosso *corpus*, tendo seguido em sua segmentação os critérios aqui apresentados.

Como visto no capítulo anterior, a gramaticalidade de uma sentença é estabelecida quando cada um dos itens lexicais que a compõem atende não apenas aos Princípios universais, mas também aos valores paramétricos próprios da língua pela qual o falante deseja expressar-se.

Vimos também que, em se tratando do VP, as relações estabelecidas entre este e os seus argumentos (externo e internos) são os elementos de base para a formação de uma DS, de maneira que, quando tal relação se dá de forma não convergente com os parâmetros da língua em uso, as sentenças resultantes de tal relação tem a sua interpretabilidade comprometida.

Em nosso *corpus*, verificamos que, dentre os 104 verbos que selecionam adequadamente a sua raiz lexical, 14 (13%) compõem a estrutura argumental de forma inadequada, como apresentado no gráfico a abaixo.

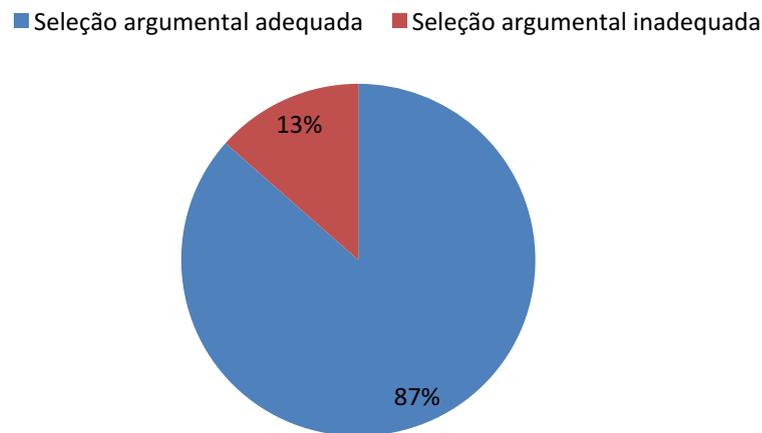


Gráfico 3: Distribuição da seleção argumental dos verbos de raiz lexical convergente com o PB

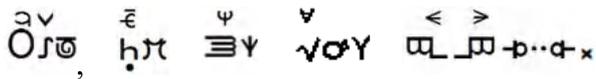
Inseridos nesses 13 casos (13%) temos as ocorrências de argumentos cuja natureza categorial não converge com os parâmetros do PB, argumentos cuja presença não se deu de forma foneticamente realizada e que cujo referente não pôde ser resgatado no texto (argumentos ausentes), além da seleção inadequada de item lexical. A seguir, apresentamos a análise de cada um desses casos e, por conseguinte, a análise dos demais casos que ocasionaram a não convergência entre a interlíngua e o PB.

**Bloco I:** Não convergentes quanto ao número ou à natureza categorial dos argumentos

- (65) a. \*Eu quero sempre ver perto  
 b. \*Gosto verdade  
 c. \*Gosto escola  
 d. \*Eu não gosto professora português  
 e. \*Meu brimo muito milha filha gosta

- f. \*Eu gosto passa Bralilias
- g. \*Eu gosto matemática estudar
- h. \*Eu quero ver de Deus
- i. \*Eu vai AABB futsal
- j. \*Porque vai amiga casa
- k. \*É precisa resgatar imagem do professor e valorizar profissional importante
- l. \*Acho ela é chato
- m. \*O sexo é perigo

Em (65a), verificamos que o argumento interno não é plenamente realizado, o qual não pôde ter o referente recuperado no texto. Nessa sentença, observamos o constituinte “ver perto” preenchendo a grelha temática do verbo “querer” (núcleo da oração principal). No entanto, a grelha temática do verbo “ver” (núcleo da oração subordinada) não está completa, visto que lhe falta um DP que ocupe a posição de argumento interno do núcleo V, o qual pode ser o pronome de 2ª pessoa “te”. Estaposição não pode ser preenchida por “perto”, pois, por se tratar de um AdvP, não tem propriedades categoriais equivalentes com essa posição. Em libras, o verbo ‘ver’, como verbo direcional, traz o Loc de 2ª pessoa no movimento, que aponta para o interlocutor. Essa frase em libras se verifica no exemplo a seguir.

- (66)  ,  
 OIEU QUER[er] V[er]<sub>Loc</sub>VOCÊ PERTO  
 ‘Oi! Quero te ver por perto.’

Em (67) temos (65a) reescrita.

- (67) *Eu quero sempre (te) ver perto.*

Na sentença (65b), constatamos que a grelha temática do verbo “gostar” não foi devidamente preenchida, visto que a posição de argumento interno não foi ocupada por um PP realizado foneticamente, como também, não foi possível encontrar no texto um referente que, de alguma forma, pudesse assumir essa posição. Uma forma de preencher a grelha temática desse verbo seria por meio do PP “de você”, bem como dos pronomes

personais “dele” ou “dela”. Observamos ainda, nessa sentença, a presença do sintagma “verdade”, o qual, por ser um “NP” não possui propriedades categoriais equivalentes à posição de argumento interno, visto que tal posição deve ser preenchida por um PP, como “da verdade”. Nesse sentido, o sintagma “verdade” ocupa, possivelmente, a posição de adjunto adverbial do núcleo verbal “gostar”; todavia, mesmo para essa posição, o NP “verdade” não possui propriedades categoriais equivalentes, uma vez que, o preenchimento desta deveria ser realizado por meio do PP “de verdade” ou do AdvP “verdadeiramente”.

Em (68), apresentamos a reescrita de (65b).

(68) (De você/Dele(a)) gosto (de) verdade/ *verdadeiramente*

Em (65c), (65d) e (65e), verificamos o mesmo problema, o qual é ocasionado pela seleção categorial inadequada do argumento interno que preenche a grelha temática do verbo “gostar”. Nos 3 casos, o adequado a seria a seleção dos PPs “da escola”, “da professora português” e “de meu primo” ao invés dos DPs “escola”, “professora português” e “meu primo”, a fim de que tais sentenças sejam convergentes com o parâmetro de regência verbal do PB, segundo o qual o verbo “gostar” deve obrigatoriamente ser regido por um núcleo preposicional.

De forma bastante similar, em (65d) e (65f), o verbo “gostar”, que ocupa o núcleo da oração principal, deve ter na posição de argumento interno uma oração que seja encabeçada por um PP, respectivamente, pelos PPs “de estudar” e “de passear”, ao invés dos VPs “estudar” e “passear”.

Diferentemente do PB, em Libras, o verbo “gostar” não tem regência preposicional.

Em (68), temos a reescrita de (65c), (65d), (65e) e (65f).

- (69) a. Eu gosto (da) escola.  
 b. Eu não gosto (da) professora (de) português.  
 c. (De) meu ~~brimo-primo~~~~uitomilha~~-minha filha gostamuito.  
 d. Eu gosto (de) ~~passa-passear~~ (em) ~~Bralilias~~ Brasília.  
 e. Eu gosto (de) estudar matemática.

Em (65h), a não convergência com o PB se deu mediante a seleção do PP “de Deus” para a posição de argumento interno do verbo “ver”, uma vez que tal verbo, em PB, seleciona apenas DPs para o preenchimento de tal posição. Em Libras, como vimos na análise anterior, o verbo “ver” é classificado como um verbo direcional, cujo argumento interno está integrado ao movimento do sinal em sua articulação, argumento este que pode ser classificado de acordo com os princípios gramaticais como um simples DP. Evidenciado que, em ambas as línguas, tal posição não pode ser preenchida com um PP, verificamos nessa sentença um fenômeno de hipercorreção, resultante da tentativa de se expressar em PB.

Em (70), temos (65h) reescrito.

(70) Eu quero ver Deus.

Em (65i), verificamos um problema de seleção categorial que resulta da seleção do NP “AABB futsal” para o preenchimento da grelha temática do verbo “ir” na condição de argumento interno, uma vez que tal verbo só pode selecionar para essa posição um PP. Desse modo, o adequado seria a seleção do PP “para o futsal da AABB”.

Semelhantemente, na sentença (65j), verificamos que os NPs “amiga” e “casa” compõem inadequadamente a estrutura argumental do núcleo verbal “ir”, visto que só é licenciada a esse verbo a seleção de um DP para ocupar a posição de argumento externo e de um PP para a de argumento interno, a fim de que seus requisitos categoriais sejam atendidos. Nesse sentido, o adequado seria a seleção do DP “minha amiga” para a posição de argumento externo e do PP “em casa” para a posição de argumento interno.

Em (71), temos a reescrita de (65i) e (65j)

(71) a. Eu ~~vai~~-vou (para o) futsal (da) AABB.

(72) b. Porque (minha) amiga vai (em) casa.

Em (65k), também é evidenciado dois problemas de ordem categorial, os quais são decorrentes da seleção do NP “imagem” como argumento interno do núcleo verbal “resgatar” na oração subordinada e, semelhantemente, a seleção do NP “profissional” como argumento interno do núcleo verbal “valorizar” da oração coordenada. Considerando o contexto no qual a estrutura argumental formada pelo núcleo verbal “valorizar” está inserida, julgamos que o DP “este profissional” seja o mais adequado para ocupar tal posição. Por sua vez, o verbo “resgatar”

deve selecionar como argumento interno o DP “a imagem”, cujas propriedades categoriais são equivalentes à posição de argumento interno.

Em (72), apresentamos a reescrita de (65k).

(73) É preciso resgatar (a) imagem do professor e valorizar (este) profissional importante

Na sentença (65l), a falta de convergência com o PB é decorrente de um problema de ordem categorial ocasionado pela seleção do VP “ela é chato” para integrar, por meio de processo de subordinação, a oração principal “acho”. Verificamos, nesse caso, que tal seleção se deu de forma inadequada, pois só é outorgado ao núcleo verbal “achar” subordinar um CP cujo núcleo seja preenchido pelo complementador “que”, o qual encabeça a subordinação; como podemos observar na reescrita de (65l) em (74).

(74) Acho (que) ela é chata.

Por fim, na oração “o sexo é perigo” (65m), que aparece duas vezes em nosso *corpus*, verificamos também um problema de ordem categorial, visto que o verbo copulativo “ser”, o constituinte selecionado para preencher a posição de predicativo do sujeito nesse caso deve ser o adjetivo “perigoso” e não o nome “perigo”. O que não ocorre nessa sentença, provocando assim a não convergência com o PB.

Em (75) temos a reescrita de (65m).

(75) O sexo é perigoso.

**Bloco II:** Não convergente quanto à seleção da raiz verbal de copulativo e direcional:

- (76) a. \*Eu vai feliz  
 b. \*Ano pai lave legal  
 c. \*O sexo é cuidado

Nos 3 casos citados, ocorre mequívoco seleção da raiz verbal, uma vez que os verbos que ocorrem nessas sentenças não possuem propriedades semânticas compatíveis com o

contexto no qual ocorrem. Em (76a), o verbo ‘ir’ ocorre em contexto adequado ao copulativo ‘estar’, pois temos no AP ‘feliz’ um predicativo atribuidor do papel temático de Experienciador ao sujeito ‘Eu’. Mesmo que admitamos a possibilidade de o verbo ‘ir’ ocorrer como um copulativo accidental como em ‘eu vou bem’, há nesse dado uma característica de interlíngua, uma vez que, em PB, ‘ir’ não ocorre como copulativo accidental com ‘feliz’ como predicativo.

O verbo ‘ir’, em libras, pode ocorrer de duas formas – como o sinal  $\overset{\bar{v}}{hY\Gamma}$  ([ir]), articulado como unidade MLMov, ou como o sinal  $\sqrt{D\#m}$  (V-A-I), articulado como datilologia. De acordo com Silva (2015), como vimos, esse verbo ocorre em libras como verbo auxiliar de futuro, em alternância com o sinal  $\overset{a}{fr}$  (FUTURO). Nos exemplos (77a) e (77b), Silva (2015) demonstra a ocorrência, respectivamente, dos sinais  $\overset{\bar{v}}{hY\Gamma}$  e  $\sqrt{D\#m}$  como verbo auxiliar na marcação do futuro. Já o exemplo da autora em (77c) mostra que esse verbo ocorre em libras como verbo pleno, não auxiliar.

(77) a.  $\overset{\bar{e}}{h\#t}$   $\overset{\bar{v}}{hY\Gamma}$   $\overset{>}{\#m\#}$   $\overset{e}{m\#}$   $\overset{a}{\#m\#}$   $\overset{v}{\#t\#}$

EU [ir] CHEG[ar] MOR[adia] TARDE

‘Eu vou chegar em casa tarde.’

(SILVA, 2015, p.113)

b.  $\overset{\bar{e}}{h\#t}$   $\sqrt{D\#m}$   $\overset{e}{m\#}$   $\overset{a}{\#m\#}$   $\overset{\bar{v}}{h\#t\#}$

EU [ir] MOR[ar] AQUI

‘Eu vou morar aqui.’

(SILVA, 2015, p.138)

c.  $\overset{a}{\#m\#}$   $\overset{\bar{e}}{h\#t}$   $\overset{\bar{v}}{hY\Gamma}$   $\overset{e}{\#m\#}$   $\overset{a}{\#m\#}$   $\overset{h\#}{\#m\#}$

SÁBADO EU [ir] CAS[amento] PRIM[o/a].

‘Sábado eu vou ao *casamento* de meu primo.’

(Adaptado de SILVA, 2015, p.2)

Em libras, a frase em (76a) seria (78a), sem ocorrência de verbo articulado, que corresponde à forma comumente articulada, ou (78b), como verbo copulativo articulado, que é uma forma rara, mas observada na produção da libras por surdos. Verificamos, portanto, que

também não temos nessa sentença um tipo de estrutura própria da libras, pois em libras o verbo ‘ir’, em qualquer das duas formas, não ocorre como copulativo acidental, conforme se verifica em (78c)

(78)a.  $\begin{array}{c} \bar{e} \\ \text{h} \cdot \text{m} \end{array} \quad \begin{array}{c} \vee \vee \vee \\ \text{f f s} \cdot \text{s} \cdot \text{s} \cdot \text{x} \end{array}$

EU FELIZ

‘Eu estou/sou feliz.’

b.  $\begin{array}{c} \bar{e} \\ \text{h} \cdot \text{m} \end{array} \quad \begin{array}{c} \vee \\ \text{h} \cdot \text{f} \end{array} \quad \begin{array}{c} \vee \vee \vee \\ \text{f f s} \cdot \text{s} \cdot \text{s} \cdot \text{x} \end{array}$

EU EST[ar/S[er] FELIZ

‘Eu estou/sou feliz.’

c. #  $\begin{array}{c} \bar{e} \\ \text{h} \cdot \text{m} \end{array} \quad \begin{array}{c} \bar{v} \\ \text{h} \cdot \text{Y} \cdot \text{f} \end{array} \quad \begin{array}{c} \vee \vee \vee \\ \text{f f s} \cdot \text{s} \cdot \text{s} \cdot \text{x} \end{array}$

EU [ir] FELIZ (‘ir’ pleno)

‘Eu vou feliz.’

d. #  $\begin{array}{c} \bar{e} \\ \text{h} \cdot \text{m} \end{array} \quad \begin{array}{c} \bar{v} \\ \text{h} \cdot \text{Y} \cdot \text{f} / \vee \text{D} \cdot \text{em} \end{array} \quad \begin{array}{c} \vee \quad \vee \\ \text{O} \vee \text{m} \cdot \text{m} \cdot \text{x} \end{array}$

EU [ir] BO[m/a] (‘ir’ pleno)

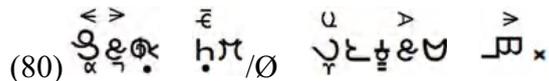
‘Eu vou bem.’

O exemplo (78c) é gramatical, mas o verbo  $\begin{array}{c} \bar{v} \\ \text{h} \cdot \text{Y} \cdot \text{f} / \vee \text{D} \cdot \text{em} \end{array}$  [ir] aí presente é pleno, significando que o sujeito vai a algum lugar em estado de felicidade. O mesmo ocorre com (78d), diferentemente de que se verifica em PB, no qual, como vimos, temos um copulativo acidental. Em (79) temos (76a) reescrito.

(79) Eu *estou* feliz.

Em (76b), o verbo ‘lave’ (que pode ser resultante de um equívoco ortográfico) ocupa a posição também de um verbo copulativo, possivelmente, do verbo ‘estar’, cuja grafia na 3ª pessoa do pretérito imperfeito, em forma reduzida, recorrente no dialeto popular ‘tava’, se

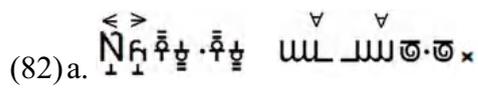
aproxima do que foi escrito, embora o copulativo mais apropriado em PB nesse contexto seja ‘ser’. Mesmo considerando a troca ortográfica das vogais, temos uma inadequação semântica, uma vez que nem ‘lavar’ nem ‘levar’ selecionam um AP como argumento interno. Portanto, o contexto é mesmo de um copulativo. Em libras, esse copulativo comumente não ocorre de forma articulada. Assim, a frase correspondente a (76b) em libras é (80). Semelhantemente à libras, em (76b) não ocorrem de forma articulada o copulativo e o sujeito da relativa.

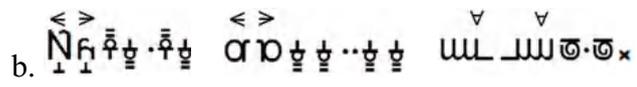
(80)   
 ANO EU PAI LEGAL  
 ‘O ano em que fui pai foi legal.’

Em (81) temos (76b) reescrito.

(81) (O) ano (em que fui) pai ~~lave~~ foi legal.

Em (76c), o verbo ‘ser’ ocorre em um contexto mais adequado semanticamente a verbos como ‘precisar’ ou ‘necessitar’, uma vez que os DPs ‘sexo’ e ‘cuidado’ devem receber, nesse contexto, respectivamente, os papéis temáticos Alvo e Fonte atribuídos por um verbo pleno, com raiz específica. Em libras, essa frase pode ocorrer como (82a) ou (82b):

(82)a.   
 SEXO CUID[ar/ado]  
 ‘Sexo, é preciso cuidar.’ ou ‘Sexo precisa de cuidado.’

b.   
 SEXO PRECIS[ar] CUID[ar/ado]  
 ‘Sexo, é preciso cuidar.’ ou ‘Sexo precisa de cuidado.’

Como a cópula em libras ocorre geralmente nula, o acréscimo de ‘é’ parece ocorrer como uma hipercorreção que pode vir a preencher, na interlíngua, supostamente posições verbais nulas de qualquer natureza. Em (83), temos (76c) reescrito.

(83) O sexo *precisa* (de) cuidado.

Chegamos aos seguintes resultados da análise qualitativa do bloco II. Em relação à seleção lexical, ocorrem inadequações motivadas por problemas de seleção da raiz verbal. Nos 3 casos apresentados, o problema envolve verbos copulativos, ou seja, todos os casos estão ligados a uma característica da libras não existente no PB, visto que os verbos copulativos normalmente são nulos em libras. Nos 3 itens, encontramos uma estrutura sintática que toma como base as duas línguas, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma terceira estrutura que não corresponde nem a libras nem ao PB: em (76a), ‘ir’ ocorre como copulativo acidental em contexto inadequado tanto em PB quanto em libras, na qual esse verbo não funciona como copulativo acidental; em (76b), a forma ‘lave’ não corresponde nem ao copulativo do PB apropriado a esse contexto nem à ausência de um copulativo apropriada a esse contexto em libras; (76c) apresenta um contexto convergente entre PB e libras, pois em ambas as línguas o verbo nessa sentença poderia ser ‘precisar’, mas em vez disso ocorreu o verbo ‘ser’ como forma de hipercorreção, uma vez que, em libras, essa sentença poderia também se estruturar com um verbo nulo, resultando numa estrutura estranha às duas línguas.

**Bloco III:** Não convergência quanto à natureza categorial do núcleo: nome ou adjetivo ocupando o lugar de verbo:

- (84) a. \*Eu te amor  
 b. \*amor muito estudar  
 c. \* *informante*12casa TV 5 boa kkk muito amor  
 d. \*Sexo e grávida jovem adolescente  
 e. \* Pessoa mal estupro  
 f. \*Vamos trabalho como criança  
 g. \*Eu sim muito ajuda amiga

Nas sentenças acima listadas, ocorre não convergência de ordem categorial, uma vez que o núcleo lexical selecionado, um nominal, não possui traços categoriais adequados ao contexto no qual ocorreu. Em todos os casos, encontramos dentre os itens lexicais presentes apenas um que, assumindo traços categoriais verbais, pode constituir um eixo oracional.

Nas sentenças (84a), (84b) e (84c), esse item é o NP ‘amor’, que ocupa a posição do verbo ‘amar’. Como, em (84a), os outros dois itens lexicais presentes são pronomes, a atribuição da categoria verbal ao item ‘amor’ é a única possibilidade de formação do eixo. Já em (84b) e (84c), esse item é antecedido ou seguido pelo advérbio ‘muito’ que lhe serve de adjunto adverbial, não havendo outra possibilidade para a interpretação desse item na estrutura senão como pertencente à categoria verbal. Em libras, o mesmo sinal ocorre nas posições sintáticas de nome e verbo, como se verifica em (85).

- (85)a.  $\begin{matrix} \bar{\epsilon} & \sigma & - & \text{ə} \\ \text{h} & \text{ɔ} & & \text{hY} \end{matrix} \times$   
 EU AM[ar] VOCÊ  
 ‘Eu te amo.’
- b.  $\begin{matrix} \text{ə} & \sigma & - & \text{ə} & \epsilon & \text{ə} \\ \text{h} & \text{ɔ} & & \text{hY} & \text{m} & \text{m} \end{matrix} \times$   
 MEU AM[or] VOCÊ GRANDE  
 ‘Meu amor por você é grande.’
- c.  $\begin{matrix} \sigma & - & \psi & = & \psi & \psi \\ \text{ɔ} & & \text{w} & & \text{m} & \text{m} \end{matrix} \times$   
 AM[ar] MUITO ESTUD[ar/o]  
 ‘Amo muito estudar/o estudo.’
- d.  $\begin{matrix} \psi & = & \sigma & - \\ \text{w} & & \text{ɔ} & \end{matrix} \times$   
 MUITO AM[ar/or]  
 ‘Amo muito’ ou ‘Tenho muito amor.’

Em (86) vemos (84a), (84b) e (84c) reescritas respectivamente.

- (86) a. Eu te *amo*(.)  
 b. *Amo* muito estudar(.)  
 c. *Informante12* (em) casa (tem) TV 5 boa (!) kkk(!) *Amo* muito(.)

Na sentença (84d) (84e), (84f) e (84g), os NPs ‘gravida’, ‘estupro’, ‘trabalho’ e ‘ajuda’ ocorrem em contextos adequados, respectivamente, apenas aos verbos ‘engravidar’, ‘estuprar’, ‘trabalhar’ e ‘ajudar’. Não há a mesma possibilidade para os demais itens dessa sentença.



‘Trabalho aqui.’

d.  $\overset{C}{\text{m}} \overset{V}{\text{r}} \text{m} \Psi \dots \Psi \times$

LocEU AJUD[ar] LocVOCÊ

‘Eu te ajudo.’

Em (89), temos (84d), (84e), (84f), (84g) reescritos.

- (89) a. Sexo *engravidada* jovem e adolescente.  
 b. Pessoa *máestupra*.  
 c. Vamos *trabalhar* com criança.  
 d. Eu, sim, *ajudo* muito (as) amiga(s).

Chegamos aos seguintes resultados da análise qualitativa do bloco III. Em relação à seleção do núcleo sintagmático ocorrem não convergências com o PB motivadas por problemas de seleção categorial. Dos 7 casos analisados, 6 (90%) foram de nome em posição de verbo e 1 ocorrência de adjetivo em posição verbal. Observamos em todos esses casos uma clara motivação proveniente de uma característica da libras, que é a indistinção entre as categorias lexicais (verbal, nominal e adjetival) pela presença de morfemas categoriais articulados. Em todos os casos, manteve-se a raiz desejada, mas, como em PB essas raízes não aparecem nuas, como em libras, elas também não ocorreram assim nesses dados. Ou seja, identificamos nessas ocorrências de nome e adjetivo em posição verbal também uma característica do português, além das raízes lexicais, que é a ocorrência de morfemas categoriais articuladas, ainda que não sejam os morfemas adequados. Os dados desse bloco indicam que a interlíngua apresentada constitui-se de características tanto do PB – não ocorrência de raízes não nuas – quanto da libras – indistinção entre as formas das categorias nome, adjetivo e verbo.

**Bloco IV:** Não convergência quanto à natureza categorial do núcleo: verbo ocupando o lugar de adjetivo e nome

- (90)a. \*É precisa resgatar imagem do professor e valorizar profissional importante na ensinar  
 b. \*Importante mais limpar

Ao longo de toda a sentença (90a), encontramos duas inadequações decorrentes de ocorrência não convergente de verbos com o PB. Não descartando a possibilidade de serem resultantes de um equívoco de ordem ortográfica, sinalizamos que os VPs ‘precisar’ e ‘ensinar’ são categoricamente incompatíveis com o contexto no qual ocorreram. O mais adequado seria a ocorrência do AP ‘preciso’, na posição de predicativo do sujeito, e do NP ‘ensino’, na posição de complemento do determinante ‘a’ em ‘na’. Em libras, parece não se construir uma estrutura

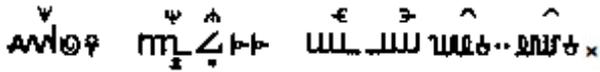
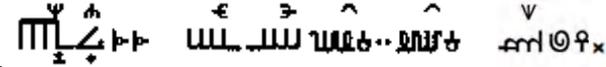
em que o sinal (PRECIS[ar/ão/o]) ocupará a posição de um AP como um predicativo do sujeito, como se observa em (91a). Isso porque, como a cópula é geralmente nula e não se apresentam morfemas categoriais articulados associados às raízes lexicais, esse sinal parece ser naturalmente interpretado como verbo em sentenças como essa. Já o sinal (ENSIN[ar/o]) tem sua categoria definida a depender da posição sintática, como se observa comparando (91a) e (91b).

- (91) a.   
 PRECIS[o] RECUPER[ar] IMAG[em] PROFESSOR[a]   
  
 VALORIZ[ar] PROFISS[ional]IMPORTANT[te]ENSIN[o] IMPORTANT[te]   
 ‘É preciso resgatar a imagem do professor e valorizar o profissional, é importante para o ensino.’
- b.   
 PROFESSOR[a] PRECIS[ar] ENSIN[ar] TODO-DIA   
 ‘O professor precisa ensinar todo dia.’

Similarmente, em (92b), o verbo ‘ser’ (ausente) compõe uma estrutura argumental adequada com a *small clause* formada pelo AP ‘importante’ e o InfP ‘mais limpar’, correspondendo à frase ‘É importante limpar mais.’ No entanto, essa estrutura ocorre em um contexto semanticamente inadequado ao resto do texto, o qual trata acerca dos riscos que

permeiam o ato sexual. Em libras, o sinal (HIGIENE) pode ser traduzido

pelas palavras do PB ‘limpeza’ e ‘higiene’ ou ‘limpar’. Desse modo, o mais adequado para tal contexto seria traduzir por ‘higiene’. Em libras, essa frase pode ser:

- (92) a. 
- IMPORT[ante] MAIS HIGIEN[e]  
 ‘É importante mais higiene.’
- b. 
- MAIS HIGIEN[e] IMPORT[ante]  
 Mais higiene é importante.’

De qualquer forma, há nesse caso um problema de seleção categorial, pois o constituinte selecionado como sujeito da *small clause*, que se move para a posição de sujeito da sentença, seria o DP ‘mais higiene’ e não o InfP ‘limpar mais’. Temos essas sentenças reescritas em (93).

- (93) a. É *preciso* resgatar (a) imagem do professor e valorizar (o) profissional importante para *o ensino*.
- b. (É) importante (ter) mais *higiene*.

Chegamos aos seguintes resultados da análise qualitativa do bloco IV. Em relação à seleção do núcleo sintagmático, ocorrem inadequações motivadas também por problemas de seleção categorial, em todos os casos. E em todos os casos, se verifica como característica recebida da libras a indistinção morfológica entre as categorias adjetival, nominal e verbal; e como característica recebida do PB, o fato de as raízes aparecerem acompanhadas de um morfema fonológico, ainda que esse morfema seja não convergente com a categoria adequada à posição sintática em que ocorreu.

**Bloco V:** Inserção desnecessária de raiz verbal:

- (94) a. \*Aprender é libras
- b. \*Minha mãe junto sempre é mim

Em ambos os casos apresentados, o verbo ‘ser’ ocorreu desnecessariamente, originando assim uma sentença não convergente com o PB. No primeiro caso, o copulativo ocorre em uma posição não existente, enquanto, no segundo caso, o copulativo ocorre em uma posição destinada a uma preposição. Em libras, sabemos que o copulativo é normalmente nulo, ocorrendo muito raramente. Em (95), temos as versões reescritas dessas sentenças.

- (95) a. Aprender libras.  
b. Minha mãe junto sempre *de* mim.

Como resultado da análise do bloco V, verificamos a ocorrência do copulativo em duas posições: entre o verbo e seu complemento direto e no lugar de uma preposição. Avaliamos que se trata do fenômeno de hipercorreção, uma vez que o copulativo acaba por ocorrer, na visão do surdo, em posições onde em libras não ocorre articuladamente coisa alguma. Como a aquisição e produção da escrita é um processo consciente, encontramos nele espaço ainda mais propício a hipercorreções.

Os 42 casos de não convergência com o PB decorrentes da ausência de VP encontram-se listados a seguir nos blocos VI, VII, VIII, IX e X. Verificamos recorrência na ausência de verbos específicos, cujos exemplos estão agrupados, e de alguns outros verbos dos quais não conseguimos um número de exemplos suficientes para formar grupos separados.

**Bloco VI:** Ausência do verbo ‘ser’:

- (96) \* Você nossa  
Reescrita: Você (é) ~~nossa~~ *de nós*.
- (97) \* Ano novo 2015 feliz  
Reescrita: (É) Ano Novo(,) feliz 2015.
- (98) \* Nossa saudade bem certo  
Reescrita: Nossa saudade (é/será) bem certa.
- (99) \* Deus amor verdade  
Reescrita: Deus (é) amor (de) verdade.
- (100) \* Ela Ba

Reescrita: Ela (é) Ba.

(101) \*Feliz muito

Reescrita: (Será/é) muito feliz.

(102) \*Sempre mãe melhor filho Ana Lúcia

Reescrita: Sempre (para) mãe (a) melhor filha (é) Ana Lúcia.

(103) \*Ano pai lave/foi legal

Reescrita: (O) ano (que fui) pai ~~lave~~foi legal.

(104) \*Importante amor

Reescrita: Importante (é o) amor.

(105) \*Importante pessoa amigos

Reescrita: (É) importante (a) pessoa (ter) amigos.

(106) \*Estimular e atenção criança deve propriedade ao professor

Reescrita: Estimular ~~ea~~ atenção (da) criança deve (ser) propriedade-*prioridade* ao-*do* professor.

(107) \*libras próprio professor ensinar

Reescrita: libras (é) ~~própria~~ tarefa (do) professor ensinar.

(108) \*Importante trabalho pedagogia

Reescrita: (É) importante (o) trabalho (da) pedagogia.

(109) \*Meu nome *informante12*

Reescrita: Meu nome (é) *informante12*.

(110) \*Amigo irmã Luciano

Reescrita: (sou) amigo (e) irmã(o de) Luciano.

(111) \**Informante12* casa TV 5 boa

Reescrita: (Na casa de) *Informante12* (a) TV (é) boa.

(112) \*Eu nome *informante13*.

Reescrita: (M)eu nome (é) *informante13*.

(113) \*verdade

Reescrita: (É) verdade.

(114) \*Escola importante

Reescrita: (A) *escola* (é) importante.

(115) \*inteligente

Reescrita: (Sou) inteligente.

A análise nesse caso é bastante clara, pois o que ocorre é transferência da característica de copulativo nulo da libras. Por outro lado, temos as raízes lexicais do PB, que aparecem acompanhadas de morfemas categoriais articulados, isto é, as raízes não ocorrem nuas. Portanto, como resultado de nossa análise desse bloco, podemos dizer que encontramos dados que apresentam características das duas línguas.

**Bloco VII:** Ausência do verbo ‘ter’:

(116) \* eu ano feliz legal

Reescrita: Eu (tive um) ano feliz, legal.

(117) \* futuro messa meu filhar amor certo

Reescrita: No futuro, essa ~~meu~~-*minha* filha (terá) amor certo.

(118) \*todos história muito união

Reescrita: Todos (na) história (tinham) *muita* união.

(119) \*importante pessoa amigos

Reescrita: (É) *importante* (a) pessoa (ter) amigos.

Em libras, o verbo ‘ter’ ocorre articulado, mas com acepção restrita a ‘propriedade’. Conforme o dicionário Lira e Felipe (2008), esse verbo em libras significa: “Possuir; manter a propriedade.” Em nenhuma dessas sentenças apresenta-se a acepção de propriedade. Por isso mesmo, notamos que, na versão dessas sentenças em libras, também não ocorre o verbo ‘ter’, cabendo a tradução para o PB com ‘ter’ ou com ‘ser’, como se observa nos exemplos a seguir.

- (120) a. 
  
 EU ANO FELI[z] LEGAL
   
 ‘Eu tive um ano feliz, legal.’ ou ‘Meu ano foi feliz, foi legal’
- b. 
  
 ESS[e/a] M[eu/inha] FILH[o/a] AM[ar/or] CERT[o/mente]
   
 ‘Essa minha filha terá/é amor certo.’
- c. 
  
 TOD[os] HISTÓRI[a] MUIT[o/a] UN[ião/idos/idas]
   
 ‘Todos na história tinham muita união.’ ou ‘Todos na história eram muito unidos’
- d. 
  
 IMPORT[ante] PESSOA[s] AMI[go/ga/gos/gas/zade]
   
 ‘É importante a pessoa ter amigos/amizade.’ ou ‘É importante as pessoas serem amigas.’

Estamos indicando a possibilidade de tradução do sinal  (EU) em (109a) por ‘eu’ ou ‘meu’ porque, embora exista em libras os sinais  e  (M[eu/inha]), específicos para o possessivo de 1ª pessoa, o sinal  também é utilizado, com menos frequência, como possessivo de 1ª pessoa, cabendo portanto essas duas traduções. Mas estamos optando pela tradução com o verbo ‘ter’ porque, seguindo os nossos critérios de segmentação e interpretação das sentenças apresentados na seção anterior, verificamos que a interpretação mais adequada ao

contexto do texto de onde essas sentenças foram retiradas, são as com o verbo ‘ter’, como se pode verificar nos quadros 5 e 6, na seção anterior. Entretanto, como em libras essas sentenças ocorrem com verbo nulo, compreendemos que provavelmente ocorre nelas uma cópula nula. E aí está a característica da libras que provavelmente foi trazida para a interlíngua.

Por outro lado, certas escolhas morfossintáticas feitas pelos surdos – ‘eu’ e não ‘meu’ em (116), “amor” e não “amada” em (117), ‘união’ e não ‘unidos’ em (118) e ‘amigos’ e não ‘amiga’ em (119) são escolhas adequadas à seleção do verbo ‘ter’, não do verbo ‘ser’, o que é característico do PB, com traço semântico específico nessa língua. Sabemos que, em libras, o falante não estaria diante de escolha entre dois sinais nesses contextos, pois o mesmo sinal serve a diferentes categorias e o verbo pode ser o copulativo nulo. Assim, como resultado da análise desse bloco, podemos dizer que esses dados recebem influência das duas línguas, a L1 e a alvo, mas não são convergentes com nenhuma das duas.

**Bloco VIII:** Ausência do verbo ‘estar’:

(121) \*Eu feliz

Reescrita: Eu (estou/sou) feliz.

(122) \*Eu você saudade

Reescrita: Eu (de) você (estava/estou com) saudade.

(123) \*Muitos feliz

Reescrita: (Estou/sou) *muito* feliz.

(124) \*Feliz muito sempre

Reescrita: (Estou/está) *muito* feliz sempre.

(125) \*Muito pessoas mundo viciado

Reescrita: Muita(s) pessoas (no) mundo (estão) viciada(s).

(126) \*Legal feliz

Reescrita: Legal! (Estou) feliz.

(127) \*Eu mãe muito bem

Reescrita: Eu (e) mãe (estamos) muito bem.

(128) \*Feliz

Reescrita: (Estou) feliz.

Esses dados também refletem a característica de ocorrência de cópula nula da libras. Sabemos que o PB apresenta, de forma rara entre as línguas naturais, dois verbos copulativos em vez de um, como normalmente acontece, e mais os copulativos acidentais. Em alguns contextos, podemos optar por ‘ser’ ou ‘estar’ com nuances como diferença de significado. É o caso de (121) e (123). Já em outros contextos cabe apenas o copulativo ‘estar’, como é o caso dos demais exemplos. Atendendo aos critérios para segmentação das sentenças que adotamos, estamos considerando que, em (121) e (123), o copulativo nulo deve ser interpretado como ‘estar’ e não como ‘ser’. Como resultado da análise desse bloco, verificamos também uma estrutura de interlíngua em que há características da libras, a cópula nula, e do PB, as raízes lexicais associadas a morfemas categoriais.

**Bloco IX:** Ausência do verbo ‘sentir’:

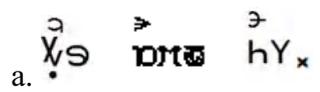
(129) \*Surdos saudades você

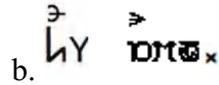
Reescrita: (os) surdos (sentem) saudades (de) você.

(130) \*Você saudades

Reescrita: (De) você (sinto) saudades.

Em libras, o sinal (SAUDADE) não é um nome, é um verbo que seleciona como complemento a coisa de que se sente saudade ou falta, podendo ser traduzido por ‘sentir saudade’. Assim, essas duas sentenças ocorrem em libras como em (131). Podemos analisar que a ausência de um verbo nessas sentenças na interlíngua podem estar relacionadas ao fato de ‘sentir saudade’ em libras ser representado por um único sinal, que é um verbo.

(131) a.    
 SURD[os] SENT[ir]-SAUDADE[s] VOCÊ   
 ‘Os surdos sentem saudade de você.’

b. 

VOCÊ SENT[ir]-SAUDADE[s]  
 ‘De você sinto saudade.’

**Bloco X:** Ausência de outros verbos:

(132) \*Muitas pessoas  
 (há/tem) muitas pessoas

(133) \*Mais amigas surdas Camila, Beatriz, Ellem... muitos  
 Reescrita: (Fiz/tenho) mais amigas surdas: Camila, Beatriz, Ellem... *muitas*

(134) \*Jovem câncer  
 Reescrita: Jovem (contraí) câncer.

(135) \*É importante escola como espaço de formação  
 Reescrita: É importante (conceber/ter a) escola como espaço de formação.

(136) \*Um espaço de conflito de saberes  
 Reescrita: (Promover/criar/ter) um espaço de conflito de saberes.

(137) \*Há ainda de planejamento cultural  
 Reescrita: Há ainda (a necessidade) de (fazer/ter) planejamento cultural.

(138) \*TV homem senhor eu carro R\$ 100,00  
 Reescrita: (A) TV (mostrou) homem ~~senhor~~idoso (em s)eu carro (de) R\$ 100,00.

(139) \*Pode mãe sim  
 Reescrita: Pode (a) mãe (ir) sim.

Observamos nos exemplos de (133) a (139) que os verbos ‘haver’ (ou ‘ter’ existencial), ‘fazer’, ‘contrair’, ‘conceber’, ‘promover’, ‘mostrar’, ‘ir’ também deixaram de ocorrer. Nesses

casos, verificamos que o ‘ter’ existencial existe em libras, mas, assim como o copulativo, em alguns contextos ele pode ficar nulo.

Em (137), ‘fazer’ ocorreria como verbo causativo. Já o sinal (FAZ[er]) em libras não ocorre nesse contexto como causativo com o sinal (PLANEJ[ar/amento]). Segundo Lira e Felipe (2008), o sinal (FAZ[er]) tem a seguinte acepção: “Realizar; produzir; dar existência ou forma a alguma coisa.” Ou seja, talvez não faça sentido para o sujeito-informante inserir ‘fazer’ nesse contexto porque ele ainda não adquiriu ‘fazer’ como causativo e o esteja associando a essa acepção da libras apenas.

O sinal (CONTRA[ir]) existe em libras com a acepção ‘contrair doença’, mas é bem comum a realização de frases com copulativo nulo nesse caso. Talvez isso justifique a ausência do verbo “contrair” em (134).

Para o verbo ‘conceber’ com a acepção apropriada ao contexto da frase em (137) não se encontra um sinal correspondente em libras. Nos deparamos, nesse caso, com uma questão de aquisição de léxico não realizada. Também em (136) temos um caso de falta de aquisição de léxico. Para os verbos ‘promover’ e ‘criar’, a libras apresenta alguns sinais de acepção bastante específica que não se adequam exatamente a esse contexto. Por fim, os verbos ‘mostrar’ e ‘ir’ ficariam subentendidos, em libras, em contexto semelhante a (138) e (139), o que também pode estar indicando um reflexo da libras na interlíngua, assim como verificamos nela também reflexo do PB.

Uma análise importante a ser considerada aqui é o fato de, em PB, o verbo “ter” (seja com valor existencial ou locativo) ser polissêmico, ou seja, ser capaz de preencher os mais variados contextos. Nesse sentido, verificamos que as sentenças (132) a (138) poderiam ser perfeitamente preenchidas com o verbo “ter”, algo que também justificaria a ausência verbal nessas sentenças, visto que, em alguns contextos, esse verbo pode ficar nulo.

Como resultado da análise desse bloco verificamos vários aspectos da libras fortemente presentes na interlíngua, como o existencial ‘ter’ nulo, não ocorrência de ‘fazer’ causativo, mas também casos de falta de aquisição lexical.

Os dados aqui analisados apresentam características da interlíngua de nossos sujeitos-informantes, as quais refletem uma aquisição ainda não consolidada no que se refere à seleção de raiz lexical, de um lado, e, de outro, aspectos da seleção categorial tanto no que diz respeito ao núcleo quanto aos argumentos, na composição da estrutura argumental em PB escrito. Na seção a seguir, apresentamos nossa proposta de análise, a qual se fundamenta no quadro teórico disposto nos capítulos anteriores.

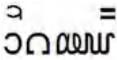
### 4.3 Discussão dos dados frente aos modelos teóricos

A partir da análise dos dados, verificamos que, em boa parte das sentenças dispostas na seção anterior, a seleção inadequada da raiz verbal foi a responsável por gerar uma estrutura não convergente com o PB. Verificamos que, com exceção dos blocos I, III e IV, que apresentam casos relacionados à indistinção de categorias gramaticais por morfemas categoriais específicos em libras, e, no último bloco, da ausência do verbo ‘ir’, em (128), que é um verbo dinâmico, todos os demais casos estão relacionados a verbos estativos.

Considerando os pressupostos da MD (MARANTZ, 1997) assumidos nessa pesquisa, segundo os quais as palavras são geradas através de computação (*Merger e Move*) que manipula o arranjo de traços abstratos, verificamos também que a não convergência com o PB na seleção da raiz verbal pode ter por motivação a aquisição imperfeita de um traço verbal específico, a saber, o traço [Evento], conforme conjunto de traços de Cowper (2003) (ver quadro 2).

De acordo com esse sistema de traços monovalente, discutido por Freitag (2005), e considerando que verbos costumam codificar eventos e estados, a presença do traço [Evento] significa que se trata de uma sentença eventiva e a sua ausência de uma sentença estativa. Dito de outra maneira, a presença do traço [Evento] significa que o verbo se caracteriza como um verbo dinâmico e a ausência do traço [Evento] significa que o verbo se caracteriza como um verbo estático.

Pensando na libras, entendemos que a dinâmica de processamento de uma língua de modalidade gestovisual possa propiciar a ocorrência articulatória de verbos que possuam o traço [Evento], ou seja, entendemos que sinais caracterizados como verbos que possuam o traço [Evento] sejam mais propensos a ser realizados articulatoriamente do que os sinais caracterizados como verbos que não possuam esse traço, como de fato ocorre uma vez que verificamos empiricamente que verbos estativos em libras como os copulativos, existenciais, e alguns psicológicos comumente não ocorrem de forma articulada. Isto se exemplifica a seguir:

- (140) a.  =  
APREND[er]  
‘Aprendi’

b.  $\begin{matrix} \text{h} & \text{h} \\ \text{L} & \text{J} \end{matrix} \text{Y}\Psi \cdot \text{Y}\Psi$   
 TRABALH[ar]  
 ‘Trabalhei’

(141) a.  $\begin{matrix} \text{ə} & = \\ \sqrt{\text{D}} & \text{Y} \end{matrix}$   
 TESOUR[ar]  
 ‘Cortar (com tesoura)’

b.  $\begin{matrix} < & \text{ə} \\ \text{m} & \text{m} \\ \alpha & \gamma \end{matrix} \text{Y}$   
 FAQUE[ar]  
 ‘Cortar (com faca)’

c.  $\begin{matrix} \epsilon & \text{ə} \\ \text{g} & - & \text{e} & \text{x} & \text{x} & \text{x} & \text{x} & \text{x} \end{matrix}$   
 MACHAD[ar]  
 ‘Cortar (com machado)’

(142) a.  $\begin{matrix} \text{ə} \\ \text{C} & \text{M} & \text{ə} & \text{M} & \text{ã} \end{matrix}$   
 COM[er]MAÇÃ  
 ‘Comer (maçã)’

b.  $\begin{matrix} \text{v} & = \\ \text{C} & \text{M} & \text{ə} & \text{M} & \text{ã} \end{matrix}$   
 COM[er]  
 ‘Comer (referente a pessoa)’

c.  $\begin{matrix} \text{h} & \text{h} & - & - \\ \text{C} & \text{M} & \text{ə} & \text{M} & \text{ã} \end{matrix}$   
 COM[er]  
 ‘Comer (referente a aves)’

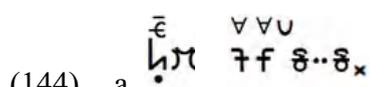
(143) a.  $\begin{matrix} \bar{e} \\ \text{h} & \text{r} \end{matrix}$        $\emptyset$        $\begin{matrix} \text{ə} & \wedge \\ \text{v} & \text{r} / \text{t} & \text{x} \end{matrix}$   
 EU EST[ar]/SENT[ir] TRIST[e]  
 ‘Eu estou/me sinto triste.’

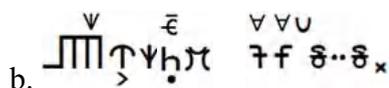
b.   
 EL[a] S[er] BONIT[a]  
 ‘Ela é bonita.’

Como observado nesses exemplos, os verbos podem ocorrer em libras das seguintes formas: realizados articulatoriamente como raízes semânticas simples, como em (140); incorporando o instrumento (141), autossaturado por incorporar o objeto, como em (142a); marcando o tipo de agente, como em (142b) e (142c); e não realizados articulatoriamente (nulos), como em (143). A partir desses exemplos podemos inferir, por hipótese, que a ausência do traço [Evento] em (143) seja o fator determinante para que os verbos “ser” e “estar/sentir” não fossem realizados articulatoriamente. Dessa maneira, podemos pressupor, seguindo essa hipótese, que a ausência do traço [Evento] outorgue a não realização articulatória de um verbo (estativo) em libras, cabendo ao contexto permitir a identificação do mesmo.

Outro aspecto interessante que podemos discutir diz respeito à marcação de tempo. Vimos que Silva (2015), com base na ideia de existência de um tempo lógico pautado em eventos e processos, traça um sistema de marcação de tempo em libras focado nos traços [Precedência] e [Inteireza], os quais são nessa proposta responsáveis por distinguir tempos marcados e não-marcados em libras (ver quadro 4).

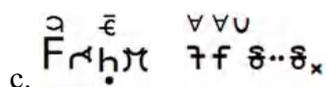
A autora não discute questões específicas de verbos estativos frente a esse sistema de marcação temporal da libras, embora a Âncora Temporal Lógica que serve de referência a esse sistema se paute em eventos e processos. Mas, seguindo pela mesma linha de análise que considera o conjunto de traços de Cowper (2003) e, verificando dados da libras, observamos que esses verbos assumem comportamento aspectual que indica está sempre ausente o traço [Inteireza]. Assim, na ausência de qualquer marcador de tempo, a sentença com verbo estativo, dentro do sistema de marcação de tempo proposto por Silva (2015), é interpretada no presente (exemplo (144a) abaixo); na presença do traço [Precedência] somente, forma-se para verbos estativos o tempo passado marcado (exemplo (144b)); e, para a formação do tempo futuro com esses verbos, faz-se necessário um marcador de futuro (exemplo (144c)).

(144) a.   
 EU FELIZ  
 ‘Eu sou/estou feliz.’

b. 

PASSADO EU FELIZ

‘Eu fui/estive feliz.’

c. 

FUTURO EU FELIZ

‘Eu serei/estarei feliz.’

Em nível de interlíngua, observando os dados produzidos por nossos sujeitos-informantes, essa parece ser uma hipótese bastante plausível para explicar a natureza de problemas gramaticais encontrados nos textos produzidos em PB pelos surdos brasileiros. Verificamos que, dos 42 casos de ausência verbal dispostos nos blocos VI-X, 35 casos (83%) referem-se à ausência de verbos que denotam estado (ser, ter, sentir, estar e haver). Verificamos também que, 6 dos 7 casos restantes podem ser concebidos como predicadores estativos se consideramos como uma polissemia do verbo “ter”. Nesse caso, a aquisição imperfeita do traço [Evento] é refletida em 98% dos casos de ausência verbal encontrados em nosso *corpus*.

No bloco II, observamos 3 sentenças nas quais ocorreu uma escolha inadequada do verbo.

- (145) a. Eu vai feliz.  
 b. Ano pai lave legal.  
 c. O sexo é cuidado.

Em (145a) temos o verbo dinâmico “ir” ocupando uma posição na qual só ocorreria o verbo estativo “estar” em PB e a cópula nula em libras. Nesse dado, podemos perceber uma tentativa de acerto em se expressar em PB, visto que o sujeito-informante reconheceu que a posição, na qual em libras ocorre cópula nula, em PB, deveria ser preenchida por um verbo. No entanto, por não ter consolidado a aquisição do traço [Evento] em convergência com o português, o verbo escolhido para preencher tal posição foi um dinâmico, visto que é outorgado aos verbos que denotam estado não serem realizados articulatoriamente/foneticamente.

Em (145b), temos um possível equívoco ortográfico que pode ser interpretado contextualmente como a grafia do verbo “estar” na 3ª pessoa do pretérito imperfeito, em forma

reduzida recorrente no dialeto popular “tava”. Em libras, o verbo estativo “estar” não é realizado articulatoriamente. Verificamos aqui outra tentativa de expressão em PB a partir do reconhecimento de que a cópula nula em libras deve ser preenchida em PB. Notamos também o reconhecimento de que a posição da cópula nula em libras deve ser preenchida por um verbo estativo em PB, algo que demonstra um nível mais consolidado da aquisição do traço [Evento]. Todavia, houve um equívoco na escolha desse verbo estativo que ocasionou não convergência entre essa sentença e o PB, visto que o verbo estativo mais adequado para ocupar essa posição em PB é o verbo “ser”.

De forma bastante similar, em (145c) temos um verbo estativo preenchendo uma posição na qual, em libras, ocorreria uma cópula nula, mas cuja seleção de raiz lexical também se deu de forma equivocada, resultando assim na composição de uma estrutura argumental não convergente com o PB. Podemos inferir que a seleção equivocada do verbo “ser” para um contexto semanticamente propício para o verbo “precisar” pode ter ocorrido pelo fato de o verbo “precisar”, em libras, selecionar para ocupar a posição sujeito um DP com o traço [+animado], o qual não ocorre nessa sentença. De qualquer forma, assim como em (145b), notamos aqui um nível não consolidado da aquisição do traço [Evento], uma vez que verificamos o reconhecimento de que a posição em que ocorre a cópula nula em libras deve ser preenchida por um verbo estativo em PB.

Uma possível evidência de que a aquisição do traço [Evento] está sendo consolidada é o fato de verbos estativos como “ser” e “estar” comporem adequadamente parte das estruturas argumentais de nosso *corpus*, as quais são convergentes com o PB, como em (146). Vale ressaltar que não encontramos no *corpus* inadequações relacionadas à substituição de verbos dinâmicos por verbos estativos.

- (146) a. Nosso amor é lindo.  
 b. Estou feliz.  
 c. Eu gosto de libras,  
 d. Eu tenho idade (de) 14 anos.

Como verificado por meio dos dados, os erros e acertos referentes ao preenchimento da posição da cópula nula, em libras, por um verbo, em PB, são resultantes da tentativa de se expressar na modalidade escrita do PB, os quais evidenciam um nível de aquisição em que alguns aspectos inerentes ao PB ainda não foram consolidados, como, por exemplo, o traço [Evento] destacado por nós nesse trabalho. Como resultado dessa tentativa, temos um sistema

de interlíngua, como o proposto por Selinker (1972), no qual são evidenciadas características típicas da libras e outras típicas do PB, as quais, opondo-se entre si, propiciam a composição de estruturas não convergentes com o PB ou com a libras.

Assim sendo, se a aquisição das propriedades do PB está ainda em consolidação relativamente ao traço [Evento] é de se esperar que encontremos nos dados indícios de não consolidação da marcação de tempo, se a hipótese de Silva (2015) para marcação de tempo em libras estiver correta, considerando que esse sistema está diretamente relacionada ao traço [Evento]. Interessantemente essa previsão se confirma nos dados. No exemplo (81), repetido abaixo como (147), o advérbio ‘(O) ano’ funciona aí como marcador de passado, daí ser possível a ausência de raiz verbal articulada juntamente com uma morfologia de passado na interlíngua desse falante, pois essa dispensa uma marca de passado. No exemplo (117), repetido como (148), vemos a palavra ‘futuro’ aparecendo como marcador temporal, tornando a presença de raiz verbal e sua morfologia flexional tornar-se dispensável na interlíngua. Já os exemplos (131) e (132), repetidos respectivamente como (149) e (150) estão, na perspectiva dessa análise, no tempo presente, uma vez que apresentam verbos estativos nulos e não apresentam marcador de tempo algum. Como a propriedade de tempo não pode faltar a uma sentença em qualquer gramática natural, pois se trata de uma propriedade da GU, podemos ter um presente não-marcado para verbos estativos, nessa interlíngua, semelhantemente à libras. Mas como as interlínguas se caracterizam justamente por não trazerem nem o parâmetro da língua materna nem o da língua alvo, embora possa trazer características de ambos ao mesmo tempo, encontramos também dados como (147) em que vemos um sistema de marcação temporal via morfologia flexional verbal funcionando também.

(147) (O) ano (em que fui) pai ~~lave~~-foi legal.

(148) \* futuro messa meu filhar amor certo

Rescrita: No futuro, essa ~~meu~~-minha filha (terá) amor certo.

(149) \*Surdos saudades você

Rescrita: (os) surdos (sentem) saudades (de) você.

(150) \*Você saudades

Rescrita: (De) você (sinto) saudades.

Verificamos então que a aquisição do PB por surdos brasileiros se enquadra na concepção de bilinguismo latente apresentada por Kato (2005), segundo a qual o bilinguismo se dá de forma desigual, com a G1 na gramática nuclear e a G2 na periferia marcada. Nesse sentido, a partir da análise dos dados, constatamos que, embora a gramática nuclear dos surdos aprendizes de PB escrito como L2 outorgue que verbos copulativos e, ocasionalmente, outros tipos de estativos, os quais não possuem o traço [Evento], não sejam realizados articulatoriamente/foneticamente, um parâmetro oposto é conservado latente na periferia marcada desses indivíduos, o qual é ativado pelo *Input* da L2, algo que explica a ocorrência de verbos estativos em estruturas convergentes com o PB e evidencia uma aquisição em processo de consolidação. Isto nos leva a assumir, com Kato (2005), a hipótese de que, na aquisição de L2, o acesso à GU se dê de forma indireta, através da periferia marcada da L1.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação dos dados coletados a partir de produções escritas de 14 sujeitos-informantes surdos nos permitiu constatar a natureza dos dados não convergentes com o PB frequentemente encontrados em produções textuais de surdos brasileiros aprendizes de PB como L2. Diferentemente do discurso comumente adotado de que a causa de todos os problemas gramaticais presentes nas produções escritas por surdos seja a ausência da flexão verbal e a inadequação ou inexistência de verbos copulativos ou existenciais, verificamos que a natureza gramatical de tais problemas é de grau mais profundo, envolvendo desde a escolha do verbo com traços mais apropriados até o nível básico de composição da estrutura argumental, no que diz respeito à seleção categorial.

Como resultado desta investigação, constatamos, como postulado por Selinker (1972), que a aquisição de L2 é transpassada por um sistema linguístico com características próprias, ao qual o autor denomina como interlíngua. Verificamos então como características da interlíngua de nossos sujeitos-informantes a composição de estruturas não convergentes com a libras ou com o PB no que se refere à seleção de raiz lexical, seleção categorial, como também à ausência ou à hipercorreção de verbos estativos, e a influência que ambas as línguas exercem sobre essa interlíngua.

Constatamos também uma aquisição em processo de consolidação do traço [Evento] e propriedades ligadas a este traço como marcação de tempo, traço que aparece como responsável, em certa medida, pela não convergência entre o sistema da interlíngua e os sistemas da libras e do PB. Verificamos o valor latente desse traço na periferia marcada da L1 dos nossos sujeitos-informantes, o qual é ativado pelo *input* da L2, confirmando assim a hipótese, que assumimos com Kato (2005), de que a aquisição de L2 seja mediada pela L1, cuja periferia marcada permitirá o acesso indireto à GU.

Concluimos, porém, que este estudo é apenas um pequeno passo nesse longo caminho de investigação do processo de aquisição do português escrito por surdos brasileiros. Há ainda muito a ser feito a fim de que possamos perscrutar devidamente esse processo e desmistificar alguns discursos tendenciosos que obscurecem as investigações. Mas reconhecendo a importância de cada passo no passo a passo, esperamos estar contribuindo de alguma forma para o estudo sobre a gramática da libras e aquisição do PB escrito como L2 por pessoas surdas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. P. T. *Aquisição da estrutura frasal na língua brasileira de sinais*. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.
- \_\_\_\_\_; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. *O sinal e a estrutura argumental da língua brasileira de sinais*. Revista Veredas, v 18, n. 2, Juiz de Fora: UFRJ, 2014.
- AUGUSTO, M. R. A. *Aquisição da linguagem na perspectiva minimalista: especificidade e dissociações entre domínios*. In: VASCONCELLOS, Z.; AUGUSTO M. R. A.; SHEPHERD T. M. G. (Org.). *Linguagem, Teoria, Análise e Aplicações* (3). Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2007.
- BASSANI, I.; LUNGUINHO, M. *Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo*. ReVEL, Edição Especial n. 5, 2011.
- BLEY-VROMAN, R. *What is the logical problem of foreign language learning?* in S Gass & J Schachter (eds.) *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. CUP New York: 41-68. 1989.
- BRITO. A. M. *Categorias Sintáticas*. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 63º edição, revista e aumentada. Lisboa: Caminho. 2003. Cap. 11.
- CORDER, P. *The Significance of Learners' Errors*. IRAL, v.5, n.4, p.161-170, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Error analysis and interlanguage*. Oxford: Oxford University Press. 1981.
- CHOMSKY, N. *Linguística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Editora Vozes/São Paulo: EUSP, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Trad.: J. A. Meireles; E. P. Raposo. Coimbra: Arménio Amado, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Lecture on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass: The MIT Press. 1982.
- \_\_\_\_\_. *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986. 323 p.
- \_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge. Massachusetts, USA: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Programa Minimalista*. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Minimalist inquiries: the framework*. In: MARTIN, Robert, MICHAEL, David & URIAGEREKA, Juan. *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. p. 89-155.
- \_\_\_\_\_; LASNIK, H. *The Principles and Parameters Theory*. In: CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
- DUARTE. I. *Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras*. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 63º edição, revista e aumentada. Lisboa: Caminho. 2003. Cap. 10.
- \_\_\_\_\_. *A família das construções inacusativas*. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 63º edição, revista e aumentada. Lisboa: Caminho. 2003. Cap. 13.
- \_\_\_\_\_. BRITO. A. M. *Predicação e classes de predicadores verbais*. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 63º edição, revista e aumentada. Lisboa: Caminho. 2003. Cap. 7.
- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press. 1994.
- FELIPE, T. *A Coesão Textual em Narrativas Pessoais na LSCB*. Monografia de conclusão da História da Análise do Discurso do curso de doutorado em Linguística. UFRJ. 1992.

- \_\_\_\_\_. *Por uma Tipologia dos Verbos na LSCB*. Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL. Goiânia. [s.n.] 1993. (726-743).
- \_\_\_\_\_. *Os Processos de Formação de Palavras na Libras*. Educação Temática Digital, v. 7, 2006.
- FERREIRA-BRITO, L. *Comparação de Aspectos Linguísticos da LSCB e do Português*. Conferência apresentada no II Encontro Nacional de Pais e Amigos de Surdos. Porto Alegre. 27 a 29 de novembro de 1986.
- \_\_\_\_\_. *Por uma Gramática das Línguas de Sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.
- FILLMORE, C. J. *The Case for Case*. In: BACH, E.; HARMS, R.T. (Eds). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1968.
- FLYNN, J. R. *What environmental factors affect intelligence: The relevance of IQ gains over time*. In D. K. Detterman (Ed.), *Current topics in human intelligence. The environment*, 5. (pp. 17–29) New Jersey: Ablex Publishing Corporation. 1996.
- HALLE, M; MARANTZ, A. *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. In: *The View from Building 20*, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge: MIT Press, pp. 111-176, 1993.
- FREITAG, R. M. K. *Arranjo dos traços da flexão verbal no português*. Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 421-426, Garopaba, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- HERSHNSOHN, J. *The Second Time Around: Minimalism and L2 acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- JACKENDOFF, R. S. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Massachusetts: MIT Press, 1972
- KARNOPP, L. B. *Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da Língua de Sinais Brasileira: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.
- \_\_\_\_\_. *Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo longitudinal de uma criança surda*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre. 1999
- KATO, M. *Sintaxe e Aquisição na Teoria de Princípios e Parâmetros*. Letras de Hoje, vol. 30, n. 4, EDIPICRS, Porto Alegre, p. 57-73, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A Gramática do Letrado: questões para a teoria gramatical*. In: MARQUES, Maria Aldina et al. *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), v. 5, 2005.
- KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. Contexto: São Paulo. Sintaxe e computações sintáticas, p. 177-208; cap. 8, 2013,
- LENNEBERG, E. *Biological foundations of language*. NovaIorque: John Wiley, 1967.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. *Inclusão de pessoas surdas no mundo letrado: proposta de criação de um sistema de escrita para Libras e de métodos de alfabetização em Libras e em português para pessoas surdas*. Projeto de pesquisa, protocolado junto à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB (Termo de Outorga: PPP 0080/2010), 2009.
- \_\_\_\_\_. *Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear*, ReVEL - Línguas de sinais: cenário de práticas e fundamentos teóricos sobre a linguagem, v. 10, n. 19, p.150-184, 2012.
- LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: arguments from language change*. Massachusetts: MIT Press, 1991.
- MARANTZ, A. *No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon*. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, A. Dimitriadis,

- L. Siegel et al., eds., v. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, p. 201-225, 1997.
- MIOTO, C. et al. *Manual de Sintaxe*. 2. Ed. rev. Florianópolis: Insular, 2000.
- PAIVA, V. *Aquisição de segunda língua*. 1ª ed., Parabola Editorial, São Paulo, 2014.
- PRADO, L. C. *Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição*. 2014. 164fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.
- QUADROS, R. M. As Categorias Vazias Pronominais: uma análise alternativa com base na Libras e reflexos no processo de aquisição. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do RS. Porto Alegre. 1995.
- \_\_\_\_\_. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. PUC/RS. Porto Alegre. 1999.
- \_\_\_\_\_. *Aquisição das Línguas de Sinais*. In: QUADROS, R. M; STUMPF, M. R. (orgs). Estudos Surdos IV. Petrópolis: Arara Azul, 2008. (Série Pesquisas) Cap. 6.
- RADFORD, A. *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax*. Oxford: Blackwell, 1990.
- ROEPER, T. *Universal Bilingualism, Bilingualism: Language and Cognition* (2)...3 (pp. 169-186), 1999.
- SALLES, H. M. M. L; MESQITA, A. C. R. *Preposições na língua de sinais brasileira e na interlíngua dos surdos aprendizes de português L2*. In: SALLES, H. M. M. L; NAVES, R. R.(Orgs.) Estudos Gerativos de Língua de Sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos. Goiânia: Cãnone, 2010.
- SANDES-DA-SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA. *Aquisição da escrita do português por pessoas surdas: natureza gramatical dos problemas*. Anais da III Semana de Letras, UESB, 2013.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.
- SCALZO, M. *Jornalismo de Revista*. 4. Ed. São Paulo. Contexto: 2011.
- SELINKER, L. *Interlanguage*. IRAL, v.10, n. 3, p. 209-231, 1972.
- SILVA, I. B. O. *A categoria dos verbos na Língua Brasileira de Sinais*. 2015. 164fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- \_\_\_\_\_; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Propriedades funcionais verbais na língua brasileira de sinais. Signos, 2016 (a sair).
- SILVA-CORVALÁN, C. *On the permeability of grammars*. In: W. J. Ashby, M. Mithun, G. Perissionotto e E. Raposo (eds), *Linguistic Perspectives on Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, (pp. 19-44), 1993.
- SINGLETON, D.; RYAN, L. *Language acquisition: the age factor*. Clevedeon; Tonawanda NY; e Ontario: Multilingual Matters Ltd, 2004.
- STOKOE, W. Sign Language Structure: an outline of the visual communication System of the American Deaf. *Studies in Linguistics*, Buffalo 14, New York, v. 1, n. 8, p.3-78, abr. 1960.
- TARONE, E. *Interlanguage*. In Keith Brown (Editor in Chief), *Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd Ed., Vol. 5. Oxford: Elsevier. (pp. 747-752). 2006.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - Informações sobre os informantes

**Informante 1-** Tem 17 anos e cursa o 8º ano do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Abdias Menezes. Tem surdez profunda, não é oralizada e a família não sabe Libras. Chegou à escola aos 8 anos, vindo de Encruzilhada, e passou a receber atendimento no Lions, onde aprendeu Libras com professor ouvinte e através do contato com outros surdos.

**Informante 2-** Tem 26 anos e cursa o 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Abdias Menezes. Tem surdez profunda, não é oralizado e a família não sabe Libras. Iniciou a vida escolar aos 10 anos quando passou a receber atendimento no Lions, onde aprendeu libras na escola com professor ouvinte e através do contato com outros surdos.

**Informante 3-** Tem 28 anos e cursa o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Abdias Menezes. Tem surdez profunda, não é oralizado e a família não sabe Libras. Iniciou a vida escolar aos 9 anos quando passou a receber atendimento no Lions, onde aprendeu Libras com professor ouvinte e através do contato com outros surdos.

**Informante 4-** Tem 22 anos e cursa o 2ª ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Abdias Menezes. Tem surdez profunda, não é oralizado e a família não sabe Libras. Iniciou a vida escolar aos 10 anos quando passou a receber atendimento no Lions, onde aprendeu Libras com professor ouvinte e através do contato com outros surdos.

**Informante 5-** Tem 22 anos e cursa o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Abdias Menezes. Tem surdez profunda, não é oralizado e apenas a mãe sabe um pouco de Libras. Iniciou a vida escolar aos 8 anos quando passou a receber atendimento no Lions, onde aprendeu Libras com professor ouvinte e através do contato com outros surdos.

**Informante 6-** Tem 22 anos e cursa o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Abdias Menezes. Chegou à escola aos 14 anos para cursar o 9º ano do Ensino Fundamental, tem surdez profunda, foi oralizada através de terapia, mas ao ter contato com outros surdos passou a falar em Libras e a oralizar somente com a família.

**Informante 7-** Tem 21anos e cursa o 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Abdias Menezes. Tem surdez profunda, não é oralizado e a família não sabe Libras. Iniciou a vida escolar aos 7 anos quando passou a receber atendimento no Lions, onde aprendeu Libras com professor ouvinte e através do contato com outros surdos.

**Informante 8-** Tem 26 anos e cursa o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Abdias Menezes. Tem surdez profunda, não é oralizado e a família não sabe Libras. Chegou à escola a escola aos 12 anos, vindo de João Pessoa, e já sabia Libras.

**Informante 9-** Tem 22 anos e cursa o Ensino Médio no Colégio Estadual Abdias Menezes. Tem surdez profunda, realizou terapia de oralização por mais de 10 e frequentou reabilitação da fala em vários lugares do país. Chegou à escola aos 15 anos, onde teve contato com os surdos e aprendeu Libras, a partir de então, só oraliza em ambiente familiar.

**Informante 10-** Tem 30 anos e cursa a graduação em pedagogia. Tem surdez profunda e foi oralizada através de terapia até os 17 anos. Ao vir de Poções para esta cidade, passou a receber atendimento no Lions, onde aprendeu Libras com professor ouvinte e através do contato com outros surdos. Ao aprender Libras, se recusou a usar aparelho e a oralizar. A família não sabe Libras.

**Informante 11-** Tem 14 anos e cursa o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Paulo Freire Caic. Tem surdez profunda, não é oralizada e a família não sabe Libras. Iniciou a vida escolar aos 3 anos, quando teve contato com a Libras.

**Informante 12-** Tem 18 anos e cursa o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Paulo Freire Caic. Tem surdez profunda, não é oralizado e a família não sabe Libras. Iniciou a vida escolar aos 7 anos, quando teve contato com a Libras.

**Informante 13-** Tem 16 anos e cursa o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Paulo Freire Caic. Tem surdez profunda, não é oralizado e a família não sabe Libras. Iniciou a vida escolar aos 3 anos e seu primeiro contato com a Libras foi aos 5 anos.

**Informante 14-** Tem 15 anos e cursa o 8º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Paulo Freire Caic. Tem surdez profunda, não é oralizada e a família não sabe Libras. Iniciou a vida escolar aos 4 anos, quando teve contato com a Libras.

## ANEXOS

### ANEXO A - SEL: Sistema para Escrita de libras

As regras da escrita SEL apresentadas neste anexo foram retiradas em LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. *Estrita SEL – Sistema de Escrita para Língua de Sinais*. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2017.

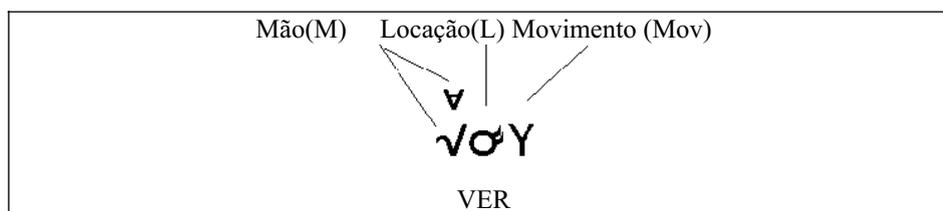
---

*Sistema de escrita desenvolvido pela Profª. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB (Termo de Outorga: PPP 0080/2010).*

---

A escrita SEL é caracterizada como um sistema de natureza fonêmica, isto é, trata-se de um sistema não-logográfico. Por essa característica este sistema se assemelha (não é idêntico) aos sistemas alfabéticos de escrita.

Os caracteres deste sistema se baseiam na unidade articulatória da libras MLMov, observada por Lessa-de-Oliveira (2012), e se subdividem em três macrosegmentos de acordo com as especificidades articulatórias dos sinais. São eles: *Mão(M)*, composto dos caracteres de *configuração de mão e eixo/orientação de palma*; *Locação(L)*; e *Movimento (Mov)*, que pode ser de dedo e/ou de mão.



### O MACROSSEGMENTO MÃO

O macrosegmento MÃO possui três componentes: configuração de mão-eixo/orientação da palma.

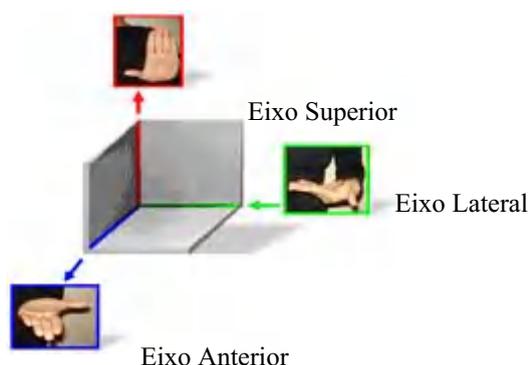
#### *Configuração de mão*

A configuração da mão corresponde ao desenho que a mão apresenta e é representada na escrita SEL pelo formato do caractere. O sistema SEL apresenta um inventário de 52 tipos de configurações nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita, conforme quadro abaixo.

Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas	Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas
1	a		ɑ ɒ ɔ ɔ	27	ípsilon		ɪ ɨ ɩ ɪ
2	bê		β ɓ ɔ ɔ	28	zê		ɛ ɛ ɛ ɛ
3	bê-espraiado		β ɓ ɔ ɔ	29	cinco		ɕ ɕ ɕ ɕ
4	cê		ç ɔ ɔ ɔ	30	seis		ɖ ɖ ɖ ɖ
5	cê-espraiado		ç ɔ ɔ ɔ	31	concha		ɗ ɗ ɗ ɗ
6	cê-encolhido		ç ɔ ɔ ɔ	32	concha encolhida		ɘ ɘ ɘ ɘ
7	dê		ɔ ɔ ɔ ɔ	33	mão espalmada		ɚ ɚ ɚ ɚ
8	dê-encolhido		ɔ ɔ ɔ ɔ	34	ele-espalmado		ɛ ɛ ɛ ɛ
9	e		ɛ ɛ ɛ ɛ	35	mão espraiada		ɖ ɖ ɖ ɖ
10	efe		ɛ ɛ ɛ ɛ	36	argola		ɗ ɗ ɗ ɗ
11	gequê		ɛ ɛ ɛ ɛ	37	argola espraiada		ɘ ɘ ɘ ɘ
12	agakapê		ɛ ɛ ɛ ɛ	38	argola média		ɚ ɚ ɚ ɚ
13	ijota		ɛ ɛ ɛ ɛ	39	legal		ɛ ɛ ɛ ɛ
14	ijota estendido		ɛ ɛ ɛ ɛ	40	garra		ɛ ɛ ɛ ɛ
15	ele		ɛ ɛ ɛ ɛ	41	garra encolhida		ɛ ɛ ɛ ɛ
16	eme		ɛ ɛ ɛ ɛ	42	gancho		ɛ ɛ ɛ ɛ
17	uene		ɛ ɛ ɛ ɛ	43	pinça		ɛ ɛ ɛ ɛ
18	uele		ɛ ɛ ɛ ɛ	44	pinça dupla		ɛ ɛ ɛ ɛ
19	o		ɛ ɛ ɛ ɛ	45	pinça espraiada		ɛ ɛ ɛ ɛ
20	erre		ɛ ɛ ɛ ɛ	46	grampo		ɛ ɛ ɛ ɛ
21	esse		ɛ ɛ ɛ ɛ	47	figa		ɛ ɛ ɛ ɛ
22	tê		ɛ ɛ ɛ ɛ	48	pera		ɛ ɛ ɛ ɛ
23	vê		ɛ ɛ ɛ ɛ	49	namoro		ɛ ɛ ɛ ɛ
24	vê-ele		ɛ ɛ ɛ ɛ	50	chifre		ɛ ɛ ɛ ɛ
25	dáblio		ɛ ɛ ɛ ɛ	51	avião		ɛ ɛ ɛ ɛ
26	xis		ɛ ɛ ɛ ɛ	52	desabrochar		ɛ ɛ ɛ ɛ

### *Diacríticos em Configurações de Mão*

**Eixos e orientação de palmas** - Os outros dois componentes desse macrosegmento (eixo e orientação de palma) são representados juntos na escrita SEL. Os eixos correspondem à posição da mão quando se inicia o sinal.



O “eixo/orientação da palma” é marcado na versão 2017 do sistema SEL com um diacrítico colocado sobrescrito ao caractere de configuração de mão.

No caso de sinais realizados com as duas mãos, cada caractere de configuração de mão leva seu respectivo diacrítico de “eixo/orientação da palma”.

Eixo Superior:			
para frente  ∇ ∇ mL mL	para trás  ∨ ∨ mL mL	para dentro  ε ε mL mL	para fora  α α mL mL
Eixo Anterior:			
para cima  ψ ψ mL mL	para baixo  φ φ mL mL	para dentro  ε ε mL mL	para fora  α α mL mL
Eixo Medial/Lateral:			
para cima  α α mL mL	para baixo  ε ε mL mL	para trás  ∨ ∨ mL mL	para frente  ∇ ∇ mL mL

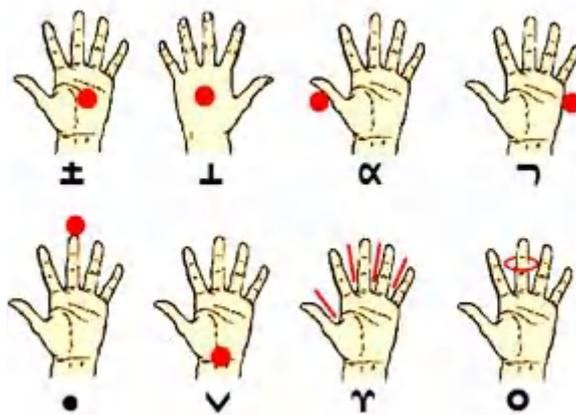
Obs.: A configuração da mão esquerda (mão de base) fica invertida em relação à configuração da mão direita (mão principal). Para os destros a leitura é espelhada, para os canhotos não.

O eixo ainda pode aparecer invertido, sendo essa inversão indicada por um traço sobre o diacrítico de eixo.

EIXO SUPERIOR

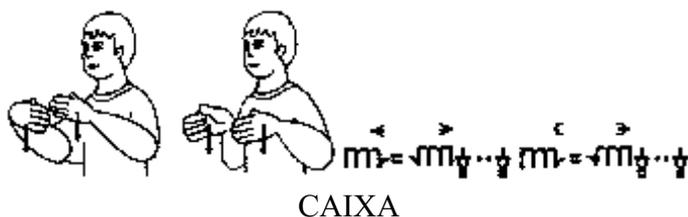
## EIXO SUPERIOR INVERTIDO

**Pontos de toque** - Subscritos aos caracteres de configuração de mão ocorrem os diacríticos de pontos de toque. Apenas 8 dos 11 diacríticos desse tipo ocorrem sob caracteres de configuração de mão:  $\pm$  (palma da mão ou dedo);  $\perp$  (dorso da mão ou dedo);  $\alpha$  (lado do dedo polegar);  $\lrcorner$  (lado do dedo mínimo);  $\Upsilon$  (entre os dedos);  $\circ$  (em volta dos dedos);  $\blacksquare$  (pontas dos dedos);  $\nabla$  (parte inferior da mão, pulso).



### Posicionamento da mão/palma -

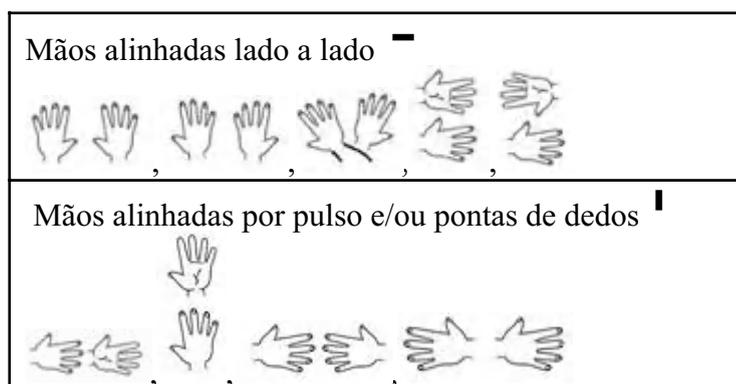
Palmas em paralelo: o paralelismo de palmas e dorso é marcado por  $\equiv$  colocado entre os caracteres de configuração de mãos.



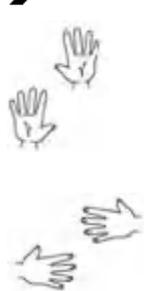
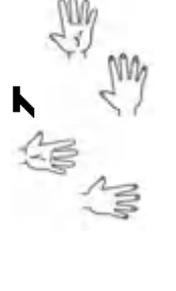
Mãos alinhadas: o alinhamento das mãos é marcado pelo traço  $\dashv$ , indicando mãos posicionadas lado a lado, e pelo traço  $\perp$ , indicando mãos alinhadas por pulso e/ou pontas dos dedos.



## FLAUTA



Mãos em diagonal: A posição em diagonal das mãos é marcada, no plano transversal, por , no plano sagital, por  e, no plano frontal, por . A ponta do traço diagonal dos marcadores indica a posição da mão principal (se acima ou abaixo, à frente ou atrás da outra mão). No plano frontal, as pontas do traço diagonal indicam a posição das mãos principal e de base respectivamente.

	Plano transversal	Plano sagital	Plano frontal
Mão principal acima			
Mão principal abaixo			
Mão principal à frente			
Mão principal atrás			

Mão principal acima (com cruzamento de braços)			
Mão principal abaixo (com cruzamento de braços)			
Mão principal à frente (com cruzamento de braços)			
Mão principal atrás (com cruzamento de braços)			



VIOLINO

Quando houver mudança de EIXO/ORIENTAÇÃO DE PALMA durante o movimento, causando problema de processamento, diacríticos de EIXO/ORIENTAÇÃO DE PALMA são colocados também sobre os caracteres de movimento, marcando essa alteração (Isto ocorrerá apenas quando tal procedimento for indispensável à compreensão).



MESA

### O MACROSEGMENTO LOCAÇÃO (ou Localização)

O macrosegmento LOCAÇÃO (ou Localização) representa um ponto do corpo envolvido na articulação do sinal. O "sistema SEL" representa 32 pontos de articulação do corpo com 27 caracteres. Esses caracteres ocorrem nas versões mecânica e manuscrita e na forma minúscula.

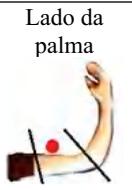
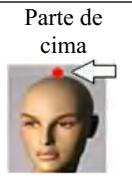
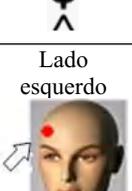


#### *Diacríticos em caracteres de Locação*

Os caracteres de locação podem trazer diacríticos subscritos (pontos de toque) ou sobrescritos (expressões faciais).

**Pontos de toque** – Os diacríticos de ponto de toque ocorrem nos caracteres de locação, marcando o lado ou ponto da parte do corpo onde o sinal ocorre. Subscritos aos caracteres de locação aparecem os diacríticos:  $\pm$  (lado da palma);  $\perp$  (lado de dorso da mão);  $\alpha$  (lado do

dedo polegar); 𐄂 (lado do dedo mínimo); 𐄃 (entre); 𐄄 (em volta); 𐄅 (parte inferior); 𐄆 (lado esquerdo); 𐄇 (lado direito); 𐄈 (parte superior).

Lado do dorso no braço  𐄉	Lado da palma no braço  𐄉	Lado do dedo polegar no braço  𐄉	Lado do dedo mínimo no braço  𐄉	Lado do dorso  𐄉	Lado da palma  𐄉	Lado do dedo polegar  𐄉	Lado do dedo mínimo  𐄉
Lado do dorso  𐄉	Lado da palma  𐄉	Lado do dedo polegar  𐄉	Lado do dedo mínimo  𐄉	Lado do dorso  𐄉	Lado da palma  𐄉	Entre as partes da articulação do cotovelo  𐄉	Parte de cima  𐄉
Lado esquerdo  𐄉	Lado direito  𐄉	Lado esquerdo  𐄉	Lado direito  𐄉	Para cima  𐄉	Lado esquerdo  𐄉	Lado direito  𐄉	Lado esquerdo  𐄉
Lado direito  𐄉	Lado esquerdo  𐄉	Lado direito  𐄉	Lado esquerdo  𐄉	Lado direito  𐄉	Lado esquerdo  𐄉	Lado direito  𐄉	Parte de cima  𐄉

**Expressões faciais** -O sistema SEL apresenta diacríticos para expressões faciais, que devem ser utilizados apenas em sinais psicológicos, de negação, interrogativos ou em casos especiais em que, na articulação do sinal, a informação da expressão facial torna-se indispensável. São 20 os diacríticos de expressão facial: alegre/ feliz: 𐄊; triste/ desanimado: 𐄋; amedrontado/ horrorizado/ assustado: 𐄌; surpreso/ boquiaberto: 𐄍; enojado/ insatisfeito/ com desprezo: 𐄎; irônico: 𐄏; zangado: 𐄐; azedo: 𐄑; olhos fechados 𐄒; abrindo olhos 𐄓; bochechas infladas: 𐄔; uma bochecha inflada: 𐄕; bochechas comprimidas: 𐄖; dentadas: 𐄗; mexendo lábios: 𐄘; soprando: 𐄙; sugando: 𐄚; zigue-zague de queixo: 𐄛; palavra negativa: 𐄜; palavra interrogativa: 𐄝.



ZANGADO



ALEGRE



NÃO PODE

Quando não houver o caractere de locação, o diacrítico de expressão facial fica ao lado da configuração da mão, na mesma altura de diacríticos colocados sobrescritos.



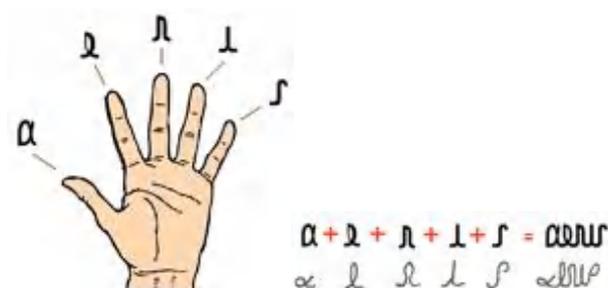
MAGRO

## O MACROSSEGMENTO MOVIMENTO

Observamos em línguas de sinais como a libras dois tipos de movimento: de dedo e de mão.

### *Caracteres de Dedos*

O sistema SEL representa o movimento de dedo através de caracteres de dedos e diacríticos. Os caracteres de dedos na escrita SEL correspondem a cada um dos cinco dedos da mão, os quais podem aparecer isolados ou combinados, a depender de quais dedos estão envolvidos no movimento.



Juntando dedos isolados e formas combinadas, temos 20 caracteres de dedos.

	Polegar	Indicador	Médio	Anular	Mínimo
α β γ δ ε					
		Duque	Terno	Quadra	
ζ η θ ι κ λ μ ν					
			Quina		
ο π ρ σ τ υ φ χ ψ ω					
	Laço	Laçada	Rabicho	Agulha	Cacho
Α Β Γ Δ Ε Ζ Η Θ Ι Κ Λ Μ Ν Ξ Ο Π Ρ Σ Τ Υ Φ Χ Ψ Ω					
	Laço Médio	Rabicho Médio	Agulha Média	Trinca derradeira	
α β γ δ ε ζ η θ ι κ λ μ ν ξ ο π ρ σ τ υ φ χ ψ ω					
		Mínimo Ausente	Indicador Ausente		
α β γ δ ε ζ η θ ι κ λ μ ν ξ ο π ρ σ τ υ φ χ ψ ω					

### *Diacríticos de Movimento de Dedo*

Sobre os caracteres de dedos recaem diacríticos que indicam o tipo de movimento realizado

pelos dedos (α, β, γ, δ, ε, ζ, η, θ, ι, κ, λ, μ, ν, ξ, ο, π, ρ, σ, τ, υ, φ, χ, ψ, ω etc.). São eles: abrir gradativamente: √; ; abrir: ∨; abrir e fechar: ∞; abrir duas vezes: ∞; fechar duas vezes: =; zigue-zague: N; fechar gradativamente: ^; fechar: -; esfregar: x; movimento tesoura: ⊞; dobrar dedo: Γ.

Nota: Os caracteres de dedos podem também receber diacríticos de pontos de toque marcando o ponto exato onde o dedo é tocado.

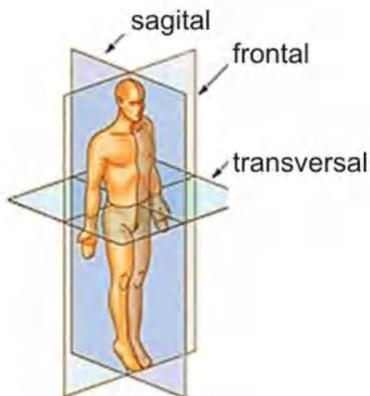
### *Caracteres de Movimento de Mão*

**Movimentos retilíneos** – Os movimentos retilíneos são a base de formação dos movimentos de mãos. São eles:

	Para Frente	Para Trás		
Υ Ψ				
Υ Ψ				
	Para Cima	Para Baixo	Para Direita	Para Esquerda
ϕ ϑ ϒ ϓ				

9 d - b d

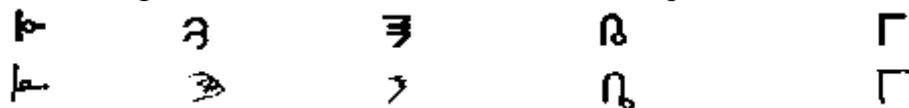
Movimentos de mão em planos - O movimento de mão pode ocorrer em três planos:



	Transversal				Sagital				Frontal			
	P/ Frente	P/ Frente	P/ Trás	P/ Trás	P/ Frente	P/ Frente	P/ Trás	P/ Trás	P/ Cima	P/ Baixo	P/ Direita	P/ Esq.
semicircular												
curvo												
angular												
angular duplo												
sinuoso												
zigue-zague												
diagonal												
retilíneo												
retilíneo breve												
retilíneo brevíssimo												
retilíneo vai e volta												
circular												

Movimentos que não precisam de planos

Batida; giro de Pulso; tremura; inversão de palma; dobrar pulso;



giro de pulso no sentido horário;



giro de pulso no sentido anti-horário;



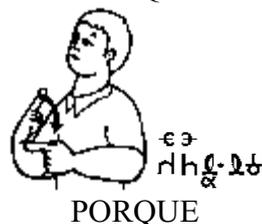
dobradura de pulso para a palma;



dobradura de pulso para o dorso;



dobrar pulso na direção do dedo mínimo.



**FRASES** - As frases no sistema SEL são lineares, escritas da esquerda para a direita. Quanto aos sinais de pontuação, a escrita SEL utiliza pontuação semelhante à do espanhol, com os sinais de interrogação e exclamação ocorrendo também no início da sentença, mas invertidos. A única coisa que se altera é o ponto final que é um pequeno xis (x). Há ainda uma marca de intensificação adverbial representada por duas barras verticais (||) colocadas logo após o item lexical.

**TEXTOS** - Os textos são organizados em parágrafos, seguindo a mesma organização que encontramos nos gêneros textuais do português. Se for gêneros do tipo narrativo em que se utiliza discurso direto, as falas diretas são iniciadas com um travessão em outro parágrafo.

**DATILOGIA** - A datilologia é um tipo de soletração de uma palavra, originalmente pertencente a uma língua oral, que utiliza o alfabeto digital ou manual de línguas de sinais. O alfabeto manual da libras tem sua base no alfabeto da língua francesa de sinais, no qual cada sinal corresponde a uma letra. A datilologia é comumente usada para representar substantivos

próprios, palavras que não possuem sinal conhecido ou palavras da língua oral que foram incorporadas à língua de sinais e, por isso, são também soletradas.

Para representar a datilologia em escrita SEL, utiliza-se apenas os caracteres de configuração da mão direita escritos na mesma ordem da palavra soletrada (sem utilização de caracteres de eixo, locação ou movimento). Como algumas configurações de mão representam mais de uma letra do alfabeto do português, utilizamos alguns diacríticos para diferenciar essas letras. O alfabeto para datilologia em escrita SEL é o seguinte:

Para representar os acentos e outros diacríticos do português, utilizamos os seguintes diacríticos da SEL:



Nota: O alfabeto para datilologia corresponde a configurações da mão direita.

Para representar os acentos do português, utilizamos os seguintes diacríticos.

â á ã à ä  
 ô ó õ ò ö

Exemplos:

Gisele Bündchen

၄၈၈၉၉၉၉၉၉၉၉၉၉၉၉၉၉၉၉

João

၁၂၃၄၅၆၇၈

açúcar

၉၈၇၆၅၄၃၂၁

à

ò

lâmpada

၁၂၃၄၅၆၇၈၉၈၇၆၅၄၃၂၁

queijo

၉၈၇၆၅၄၃၂၁၂၃၄၅၆၇၈